



**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS –
LICENCIATURA**

Erechim, junho de 2013.



IDENTIFICAÇÃO INSTITUCIONAL

A Universidade Federal da Fronteira Sul foi criada pela Lei Nº 12.029, de 15 de setembro de 2009. Tem abrangência interestadual com sede na cidade catarinense de Chapecó, três *campi* no Rio Grande do Sul – Cerro Largo, Erechim e Passo Fundo – e dois *campi* no Paraná – Laranjeiras do Sul e Realeza.

Endereço da Reitoria:

Avenida Getúlio Vargas, nº. 609, 2º andar/ Edifício
Engemede Bairro Centro - CEP 89812-000 – Chapecó/SC.

Reitor: Jaime Giolo

Vice-Reitor: Antonio Inácio Andrioli

Pró-Reitor de Graduação: João Alfredo Braida

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Joviles Vítório Trevisol

Pró-Reitor de Planejamento: Vicente de Paula Almeida Júnior

Pró-Reitor de Administração e Infraestrutura: Péricles Luiz Brustolin

Pró-Reitor de Cultura e Extensão: Geraldo Ceni Coelho

Dirigentes de Chapecó (SC)

Diretor do *Campus*: Charles Albino Schultz

Coordenador Administrativo: Fabio Bulegon

Coordenadora Acadêmica: Margarete Dulce Bagatini

Dirigentes de Cerro Largo (RS)

Diretor do *Campus*: Edeimar Rotta

Coordenador Administrativo: Sandro Adriano Schneider

Coordenador Acadêmico: Ivann Carlos Lago

Dirigentes de Erechim (RS)

Diretor do *Campus*: Ilton Benoni da Silva

Coordenador Administrativo: Ricardo da Conceição

Coordenador Acadêmico: Luís Fernando Santos Corrêa da Silva

Dirigentes de Passo Fundo (RS)

Diretor do *Campus*: Vanderlei de Oliveira

Farias Coordenador Administrativo:

Coordenadora Acadêmica: Alessandra Regina Muller Germani

Dirigentes de Laranjeiras do Sul (PR)

Diretor do *Campus*: Paulo Henrique Mayer

Coordenador Administrativo: Fernando Zatt Schardosin

Coordenadora Acadêmica: Cladir Teresinha Zanotelli

Dirigentes de Realeza (PR)

Diretor do *Campus*: José Oto Konzen

Coordenador Administrativo: Maikel Douglas Florintino

Coordenador Acadêmico: Clovis Alencar Butzge



SUMÁRIO

1 DADOS GERAIS DO CURSO.....	4
2 HISTÓRICO INSTITUCIONAL.....	6
3 EQUIPE DE COORDENAÇÃO E ELABORAÇÃO DO PPC.....	14
4 JUSTIFICATIVA DA CRIAÇÃO DO CURSO.....	16
5 REFERENCIAIS ORIENTADORES (Ético-políticos, Epistemológicos, Metodológicos e Legais).....	20
6 OBJETIVOS DO CURSO.....	24
7 PERFIL DO EGRESSO.....	26
8 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....	27
9 PROCESSO PEDAGÓGICO E DE GESTÃO DO CURSO.....	178
10 AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO E PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ENSINO- APRENDIZAGEM.....	181
11 ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO.....	184
12 PERFIL DOCENTE (Competências, habilidades, comprometimento, entre outros) E PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO.....	186
13 QUADRO DE PESSOAL.....	188
14 INFRAESTRUTURA NECESSÁRIA AO CURSO.....	191
15 ANEXOS.....	194



1 DADOS GERAIS DO CURSO

O curso de graduação em Ciências Sociais – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul foi organizado considerando:

1.1 Tipo de curso: Licenciatura

1.2 Modalidade: Presencial

1.3 Denominação do Curso: Curso de graduação em Ciências Sociais - Licenciatura

1.4 Titulação: Licenciado em Ciências Sociais

1.5 Local de oferta: *Campus* Erechim (RS)

1.6 Número de vagas: 50 vagas

1.7 Carga-horária: 3.045 horas

A carga horária total para a integralização curricular compreende **3.045** horas; são **203** créditos equivalentes a 15 horas relógio cada um. Essa carga horária total do curso de Licenciatura em Ciências Sociais está dividida da seguinte forma:

	Carga Horária
Disciplinas do Domínio Comum	420 horas
Domínio Conexo	300 horas
Domínio Específico – obrigatórias	1815 horas
Domínio Específico – optativas e eletivas	300 horas
Atividades Curriculares Complementares	210 horas

1.8 Turno de oferta: noturno

1.9 Tempo Mínimo para conclusão do curso: 3.045 horas – 6 semestres

1.10 Tempo Máximo para conclusão do curso: 18 semestres

1.11 Carga horária mínima por período letivo: 4 créditos

1.12 Carga horária máxima por período letivo: 40 créditos

1.13 Coordenador do curso: Cássio Cunha Soares

1.14 Forma de ingresso:

Pelos critérios estabelecidos pela UFFS (Resolução 006/2012/CGRAD), a seleção dos candidatos nos processos de ingresso para o curso levará em conta o



resultado do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), através da inscrição no Sistema de Seleção Unificada (SISU) e atenderá o disposto na Portaria Normativa MEC Nº 18, de 11 de outubro de 2012 sobre a implementação das reservas de vagas em instituições federais de ensino de que tratam a Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012 e o Decreto nº 7.824 de 11 de outubro de 2012.

A UFFS estabelece os seguintes percentuais de vagas reservadas, em cada curso e turno, para candidatos que cursaram o ensino médio integralmente em escola pública, com base nos resultados (dos alunos matriculados) do último Censo Escolar/INEP/MEC, para cada Unidade da Federação do local de oferta de vagas da instituição: 50% deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 (um vírgula cinco) salário mínimo *per capita* e 50% destinadas para candidatos com renda familiar bruta superior a 1,5 (um vírgula cinco) salário mínimo *per capita*.

O percentual de vagas reservadas para pretos, pardos e indígenas, em cada curso e turno, na proporção de vagas no mínimo igual a de pretos, pardos e indígenas de acordo com os dados do censo demográfico mais recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para cada Unidade da Federação do local de oferta de vagas da instituição, as quais incidem sobre as vagas mencionadas acima.

Define-se também como ação afirmativa a reserva de vagas, em cada curso e turno, para candidatos que tenham cursado o ensino médio parcialmente em escola pública (ao menos um ano com aprovação) ou em escola de direito privado sem fins lucrativos, cujo orçamento da instituição seja proveniente do poder público, em pelo menos 50%. O percentual de vagas destinado a essa ação afirmativa basear-se-á no processo seletivo institucional, observando o percentual de candidatos inscritos com esse perfil.

Atendidos os percentuais das ações afirmativas da UFFS e da legislação vigente, as demais vagas serão de ampla concorrência para qualquer candidato, independente da procedência escolar, renda familiar e raça/cor.



2 HISTÓRICO INSTITUCIONAL

A Universidade Federal da Fronteira Sul nasceu de uma luta histórica das regiões Noroeste e Norte do Rio Grande do Sul, Oeste e Extremo Oeste de Santa Catarina e Sudoeste e Centro do Paraná pelo acesso ao Ensino Superior Público e gratuito, desde a década de 1980. As mobilizações da sociedade civil organizada têm como marco o processo de redemocratização e a definição das bases da Constituição Federal de 1988 e da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Essas mobilizações iniciais não surtiram efeitos em termos de criação de Universidade Pública Federal, mas geraram um conjunto expressivo de Universidades Comunitárias e Estaduais que passaram a fomentar as atividades de ensino, pesquisa e extensão, mesmo que custeadas com recursos dos próprios cidadãos demandantes dos serviços. A tradição das comunidades locais e regionais de buscarem alternativas para seus problemas pode ter contribuído para que o Estado Brasileiro não respondesse de forma afirmativa a estas reivindicações, ainda mais em se tratando de regiões periféricas, distantes dos grandes centros, de fronteira e marcadas por conflitos de disputa de territórios e de projetos societários.

A predominância do ideário neoliberal nas discussões a respeito do papel do Estado nas dinâmicas de desenvolvimento das regiões fez com que os movimentos em busca de ensino superior público e gratuito sofressem certo refluxo na década de 1990. Porém os movimentos permaneceram ativos, à espera de um cenário mais favorável, que se estabeleceu ao longo da primeira década do século XXI.

Neste novo contexto, vários acontecimentos geraram uma retomada da mobilização em busca de acesso ao ensino superior público e gratuito como condição essencial para a superação dos entraves históricos ao desenvolvimento destas regiões: a crise do ideário neoliberal na resolução dos históricos desafios enfrentados pelas políticas sociais; as discussões em torno da elaboração e da implantação do Plano Nacional de Educação 2001-2010; o aumento crescente dos custos do acesso ao ensino superior, mesmo que em instituições comunitárias; a permanente exclusão do acesso ao



ensino superior de parcelas significativas da população regional; a migração intensa da população jovem para lugares que apresentam melhores condições de acesso às Universidades Públicas e aos empregos gerados para profissionais de nível superior; os debates em torno das fragilidades do desenvolvimento destas regiões periféricas e de fronteira.

Movimentos que estavam isolados em suas microrregiões passaram a dialogar de forma mais intensa e a constituir verdadeiras frentes no embate político em prol da mesma causa. A disposição do governo de Luiz Inácio Lula da Silva para ampliar, de forma significativa, o acesso ao ensino superior, especialmente pela expansão dos Institutos Federais de Educação e das Universidades Federais deu alento ao movimento. As mobilizações retornaram com muita força, embaladas por uma utopia cada vez mais próxima de ser realizada. Os movimentos sociais do campo, os sindicatos urbanos, as instituições públicas, privadas e comunitárias passaram a mobilizar verdadeiras “multidões” para as manifestações públicas, para a pressão política, para a publicização da ideia e para a criação das condições necessárias para a implantação de uma ou mais universidades públicas federais nesta grande região.

Esta mobilização foi potencializada pela existência histórica, no Noroeste e Norte do Rio Grande do Sul, no Oeste e Extremo Oeste de Santa Catarina e no Sudoeste e Centro do Paraná, de um denso tecido de organizações e movimentos sociais formados a partir da mobilização comunitária, das lutas pelo acesso à terra e pela criação de condições indispensáveis para nela permanecer, pelos direitos sociais fundamentais à vida dos cidadãos, mesmo que em regiões periféricas e pela criação de condições dignas e vida para os cidadãos do campo e da cidade. Entre os diversos movimentos que somaram forças para conquistar a universidade pública para a região, destacam-se a Via Campesina e a Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf-Sul), que assumiram a liderança do Movimento Pró-Universidade.

Este grande território que se organizou e se mobilizou para a conquista da universidade pública federal é berço de grande parte dos movimentos sociais do país, especialmente os ligados ao campo; é palco de lutas históricas pelo acesso à terra; é



referência nacional na organização comunitária; é terreno fértil para a emergência de associações, grupos de produção e cooperativas que cultivam ideais de interação solidária e popular; é marcado pelas experiências das pequenas propriedades familiares, do pequeno comércio e da pequena indústria, que nascem da necessidade de organizar a vida em regiões periféricas e realizar a interação com “centros de médio e grande porte do país”; é palco das primeiras experiências de modernização da agricultura e da agroindústria, que geraram expansão dos processos produtivos, novas tecnologias e novas perspectivas de inclusão, mas também produziram o êxodo rural, as experiências de produção integrada, as grandes agroindústrias, a concentração da propriedade e da riqueza gerada, grande parte dos conflitos sociais e o próprio processo de exclusão de parcelas significativas da população regional, que passou a viver em periferias urbanas ou espaços rurais completamente desassistidos; é espaço de constituição de uma economia diversificada que possibilita o desenvolvimento da agricultura (com ênfase para a produção de milho, soja, trigo, mandioca, batata...), da pecuária (bovinos de leite e de corte, suínos, ovinos, caprinos...), da fruticultura (cítricos, uva, pêsego, abacaxi...), da silvicultura (erva mate, reflorestamento...), da indústria (metal mecânica, moveleira, alimentícia, madeireira, têxtil...), do comércio e da prestação de serviços públicos e privados.

A partir do ano de 2006, houve a unificação dos movimentos em prol da Universidade Pública Federal nesta grande região visando constituir um interlocutor único junto ao Ministério da Educação (MEC). Com a unificação, o Movimento passou a ser coordenado pela Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar – Fetraf–Sul/CUT e pela Via Campesina. Além destas organizações, o Movimento era composto pelo Fórum da Mesorregião, pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) dos três estados, por Igrejas, pelo Movimento Estudantil, pelas Associações de Prefeitos, por Vereadores, Deputados Estaduais e Federais e Senadores. O Movimento ganhou força a partir do compromisso do Governo Lula de criar uma Universidade para atender a Mesorregião Grande Fronteira do Mercosul e seu entorno.

Como resultado da mobilização deste Movimento unificado, o MEC aprovou, em audiência realizada em 13 de junho de 2006, a proposta de criar uma Universidade



Federal para o Sul do Brasil, com abrangência prevista para o Norte do Rio Grande do Sul, o Oeste de Santa Catarina e o Sudoeste do Paraná, e assumiu o compromisso de fazer um estudo para projetar a nova universidade. Em nova audiência com o Ministro de Estado da Educação, realizada em junho de 2007, propõe-se ao Movimento Pró-Universidade Federal a criação de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológica (IFET). Todavia, os membros do Movimento defenderam a ideia de que a Mesorregião da Fronteira Sul necessitava de uma Universidade, pois se tratava de um projeto de impacto no desenvolvimento econômico, social, científico e tecnológico da macrorregião sul, além de proporcionar investimentos públicos expressivos no único território de escala mesorregional ainda não contemplado com serviços desta natureza. Diante disso, decidiu-se pela criação de uma Comissão de Elaboração do Projeto, que teria a participação de pessoas indicadas pelo Movimento Pró-Universidade Federal e por pessoas ligadas ao Ministério da Educação.

A partir das tratativas estabelecidas entre o Ministério da Educação e o Movimento Pró-Universidade, a Secretaria de Educação Superior designa a Comissão de Implantação do Projeto Pedagógico Institucional e dos Cursos por meio da Portaria MEC nº 948, de 22 de novembro de 2007. Esta comissão tinha três meses para concluir seus trabalhos, definindo o perfil de Universidade a ser criada. Em 12 de dezembro, pelo projeto de Lei 2.199/07, o ministro da Educação encaminhou o processo oficial de criação da Universidade Federal para a Mesorregião da Grande Fronteira do Mercosul em solenidade de assinatura de atos complementares ao Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação, no Palácio do Planalto, em Brasília.

Os anos de 2008 e 2009 foram marcados por intensa mobilização do Movimento Pró-Universidade no sentido de estabelecer o perfil da Universidade a ser criada, a localização de seus campi e a proposta dos primeiros cursos a serem implantados; pelo acompanhamento, no âmbito do governo federal, dos trâmites finais da elaboração do projeto a ser submetido ao Congresso Nacional; pela negociação política a fim de garantir a aprovação do projeto da Universidade na Câmara dos Deputados e no Senado Federal. Em 15 de setembro de 2009, através da Lei 12.029, o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, cria a Universidade Federal da



Fronteira Sul (UFFS), com sede em Chapecó e Campi em Cerro Largo, Erechim, Laranjeiras do Sul e Realeza, tornando realidade o sonho acalentado por uma grande região do Brasil por quase três décadas.

A promulgação da lei fez intensificar as atividades de estruturação da nova universidade, já que havia a meta de iniciar as atividades letivas no primeiro semestre de 2010. Em 21 de setembro de 2009, o Ministro da Educação designou o professor Dilvo Ilvo Ristoff para o cargo de reitor *pro-tempore* da UFFS, com a incumbência de coordenar os trabalhos para a implantação da nova universidade, sob a tutoria da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ainda em 2009 foram realizados os primeiros concursos e posses de servidores, estruturados os projetos pedagógicos provisórios dos cursos a serem implantados, definido o processo seletivo para o ingresso dos primeiros acadêmicos, estabelecidos os locais provisórios de funcionamento e constituída parte da equipe dirigente que coordenaria os primeiros trabalhos na implantação da UFFS.

No dia 29 de março de 2010 foram iniciadas as aulas nos cinco *Campi* da UFFS, com o ingresso de 2.160 acadêmicos selecionados com base nas notas do Enem/2009 e com a aplicação da bonificação para os que cursaram o ensino médio em escola pública. Em cada campus foi realizada programação de recepção aos acadêmicos com o envolvimento da comunidade interna e externa, visando marcar o primeiro dia de aula na Universidade. Em um diagnóstico sobre os acadêmicos que ingressaram na UFFS neste primeiro processo seletivo constatou-se que mais de 90% deles eram oriundos da Escola Pública de Ensino Médio e que mais de 60% deles representavam a primeira geração das famílias a acessar o ensino superior.

O início das aulas também ensejou o primeiro contato mais direto dos acadêmicos e dos docentes com os projetos pedagógicos dos cursos que haviam sido elaborados pela comissão de implantação da Universidade com base em três grandes eixos: Domínio Comum, Domínio Conexo e Domínio Específico. Os primeiros contatos foram evidenciando a necessidade de repensar os PPCs, tarefa que se realizou ao longo dos anos de 2010 e 2011, sob a coordenação dos respectivos colegiados de curso a fim



de serem submetidos à Câmara de Graduação do Conselho Universitário para aprovação definitiva.

Nesta revisão consolidou-se uma concepção de currículo assentada em um corpo de conhecimentos organizado em três domínios: Comum, Conexo e Específico, expressos na matriz dos cursos, em componentes curriculares e outras modalidades de organização do conhecimento. O Domínio Comum visa proporcionar uma formação crítico-social e introduzir o acadêmico no ambiente universitário. O Domínio Conexo situa-se na interface entre as áreas de conhecimento, objetivando a formação e o diálogo interdisciplinar entre diferentes cursos, em cada *campus*. O Domínio Específico preocupa-se com uma sólida formação profissional. Compreende-se que os respectivos domínios são princípios articuladores entre o ensino, a pesquisa e a extensão, fundantes do projeto pedagógico institucional.

A organização dos *campi*, com a constituição de suas equipes dirigentes, a definição dos coordenadores de curso e a estruturação dos setores essenciais para garantir a funcionalidade do projeto da Universidade foi um desafio encarado ao longo do primeiro ano de funcionamento. Iniciava-se aí a trajetória em busca da constituição de uma identidade e de uma cultura institucional.

A preocupação em manter uma interação constante com a comunidade regional no sentido de projetar suas ações de ensino, pesquisa, extensão e administração fez com que a UFFS realizasse, ao longo do ano de 2010, a 1ª Conferência de Ensino, Pesquisa e Extensão (COEPE). Foram dezenas de oficinas, seminários e debates envolvendo a comunidade acadêmica, as entidades, as organizações e os movimentos sociais para definição das políticas de ensino, pesquisa e extensão da Universidade a partir de um diálogo aberto e franco com todos os setores sociais. O processo foi iniciado com debates em todos os *campi* e concluído com eventos regionais que resultaram numa sistematização das proposições que subsidiaram o processo de elaboração de políticas orientadoras para a ação da Universidade em seu processo de implantação e consolidação.



As primeiras ações da Universidade e a 1ª COEPE foram fundamentais para projetar o primeiro estatuto da UFFS. Através de um processo participativo, com o envolvimento de professores, de técnicos administrativos, de acadêmicos e de representação da comunidade externa, foi elaborado o Estatuto, que definiu os marcos referenciais básicos para a estruturação da nova Universidade. Compreendido em sua provisoriedade, a aprovação do primeiro estatuto permitiu que se avançasse para a estruturação das instâncias essenciais de funcionamento da Universidade, tais como o Conselho Universitário, os Conselhos de Campus, os Colegiados de Curso e a própria estrutura de gestão da UFFS.

A grande inovação da nova universidade, garantida em seu primeiro Estatuto, foi a constituição do Conselho Estratégico Social, envolvendo toda a Universidade, e dos Conselhos Comunitários, no âmbito de cada um dos *campi*, estabelecendo um instrumento de diálogo permanente com a comunidade regional e com o movimento social que lutou por sua implantação.

Estabelecidos os marcos iniciais deu-se a sequência na organização das diretrizes e políticas específicas de cada Pró-Reitoria, Secretaria Especial, Setor e área de atuação da UFFS. Movimento este que iniciou a partir de 2012 e avança gradativamente na medida em que a Universidade vai crescendo e respondendo aos desafios da inserção nos espaços acadêmicos e sociais.

A consolidação dos cursos de graduação, a estruturação de diversos grupos de pesquisa e a criação de programas e projetos de extensão possibilitaram que a Universidade avançasse para a criação de Programas de Pós-Graduação, iniciando pelo *lato sensu*, já em 2011, até alcançar o *stricto sensu*, em 2013.

Desde a sua criação, a UFFS trabalhou com a ideia de que a consolidação do seu projeto pedagógico se faria, de forma articulada, com a consolidação de sua estrutura física. A construção dos espaços de trabalho dar-se-ia, articuladamente, com a constituição de seu corpo docente e técnico-administrativo. A criação da cultura institucional dar-se-ia, também de forma integrada, com a constituição dos ambientes de



trabalho e de relações estabelecidas nos mesmos. Pode-se falar, portanto, em um movimento permanente de “constituição da Universidade e da sua forma de ser”.

Ao mesmo tempo em que a UFFS caminha para a consolidação de seu projeto inicial, já se desenham os primeiros passos para a sua expansão. Os movimentos em torno da criação de novos *campi* emergem no cenário regional; a participação nos programas do Ministério da Educação enseja novos desafios (destaca-se a expansão da Medicina, que levou à criação do *Campus* Passo Fundo, em 2013); o ingresso da UFFS no SISU enseja sua projeção no cenário nacional, exigindo readequações na compreensão da regionalidade como espaço preponderante de referência; a consolidação dos 5 *campi* iniciais, com os seus cursos de graduação, faz com que se intensifiquem os debates pela criação de novos cursos de graduação e de pós-graduação; a afirmação dos grupos de pesquisa, com seus programas e projetos, faz com que se projetem novos cursos de mestrado e se caminhe em direção aos primeiros doutorados. Entende-se que a consolidação e a expansão são processos complementares e articulados.

Criada a partir dos anseios da sociedade, a UFFS vem se afirmando como uma Universidade comprometida com a qualidade de seus cursos, de seus processos e das relações que estabelece. As avaliações realizadas pelas diferentes comissões constituídas pelo INEP/MEC para verificar, *in loco*, as condições de oferta dos cursos de graduação da UFFS atestam esta qualidade.

Os avanços conquistados ao longo desses primeiros anos de sua implantação tornam cada vez mais claros os desafios que se projetam para os próximos: a participação, cada vez mais efetiva, na comunidade acadêmica nacional e internacional, com cursos de graduação, programas de pós-graduação, projetos e programas de extensão e experiências de gestão universitária; a permanente sintonia com os anseios da região na qual está situada; o compromisso constante com os movimentos e organizações sociais que constituíram o Movimento Pró-Universidade; e o sonho de uma universidade pública, popular e de qualidade, focada no desenvolvimento regional incluyente e sustentável.



3 EQUIPE DE COORDENAÇÃO E ELABORAÇÃO DO PPC

3.1 Coordenação

Prof. Dr. Cassio Cunha Soares

3.2 Elaboração

Prof. Dr. Daniel Francisco de

Bem Prof. Me. Paulo Ricardo

Muller

Prof. Dr. Rodrigo Manoel Dias da

Silva Prof. Me. Douglas Santos

Prof. Me. Thiago Ingrassia Pereira

Prof. Dr. José Mário Vicensi Grzybowski

3.4 Comissão de acompanhamento pedagógico e curricular:

Diretor de Organização Pedagógica: Derlan Trombetta

Pedagogas: Dariane Carlesso, Neuza Maria Franz Blanger, Adriana Folador Faricoski

Técnico em Assuntos Educacionais: Alexandre Luis Fassina

Diretoria de Registro Acadêmico: Andressa Sebben, Elaine Lorenzon e Maiquel Tesser

Divisão de Estágios: Diego Palmeira Rodrigues

Revisão das referências: Tatiana Gritti

Revisão textual: Marlei Maria Diedrich

3.5 Núcleo docente estruturante do curso

Compreende-se por Núcleo Docente Estruturante (NDE) o conjunto de professores que atuam no âmbito do curso de graduação em Ciências Sociais, indicado pelo Colegiado do Curso, contemplada a representação dos três domínios que compõem a matriz curricular: Domínio Comum, Domínio Conexo e Domínio Específico. Tem por finalidade responder mais diretamente pela criação, implantação e consolidação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC). O NDE tem composição específica em cada *campus*



onde o curso é ofertado. No curso de Graduação em Ciências Sociais – Licenciatura do *Campus* Erechim, no ano de 2010, o NDE teve a seguinte composição:

Prof. Me. Cleber Ori Cuti Martins

Prof. Me. Clóvis Schmitt Souza

Prof. Me. Luís Fernando Santos Corrêa da Silva

Prof. Me. Rodrigo Manoel Dias da Silva

De acordo com a publicação da Portaria Nº 515/GR/UFFS/2012, O NDE do curso de Ciências Sociais no *campus* de Erechim passa a ter a seguinte constituição:

I – Cassio Cunha Soares – Siape 1799641 (Presidente - coordenador do curso);

II – Daniel Francisco de Bem – Siape 1837873;

III – Douglas Santos Alves – Siape 1933602;

IV – Paulo Ricardo Muller – Siape 1723968;

V – Rodrigo Manoel Dias da Silva – Siape 1767748;

VI – Thiago Ingrassia Pereira – Siape 1297619;

VII – José Mário Vicensi Grzybowski – Siape 1837681.



4 JUSTIFICATIVA DA CRIAÇÃO DO CURSO

A criação do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul justifica-se por três motivos:

- a) Perfil da instituição na qual se insere;
- b) Demanda regional;
- c) Obrigatoriedade da disciplina no currículo do Ensino Médio.

A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) foi criada em setembro de 2009, mediante a publicação da lei nº 12.029. Sua implantação está relacionada ao Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que visa à ampliação do acesso ao ensino superior público e orienta ações que promovam a diminuição das taxas de evasão universitária.

Sediada em Chapecó/SC, a Instituição possui estrutura multicampi que integra os estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Entre os princípios norteadores do Projeto Político Institucional da Universidade, destaca-se o comprometimento com a formação de cidadãos conscientes e empenhados com o desenvolvimento sustentável e solidário da Região Sul do País, mais especificamente a mesorregião que compreende a grande fronteira do MERCOSUL.

A criação do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul relaciona-se fortemente com o perfil geral da Instituição, que compreende a educação como um espaço de formação de indivíduos críticos e reflexivos, tendo como propósito superar a perspectiva de um ensino tecnicista e supostamente neutro do ponto de vista ideológico, voltado principalmente para a (re)produção de mão-de-obra especializada.

Ressalte-se que este curso é o primeiro em toda a região de abrangência do *Campus* Erechim da UFFS, tendo em vista a demanda concreta originada pelo cenário da obrigatoriedade do ensino de Sociologia no ensino médio brasileiro.

Por região de abrangência da UFFS/Erechim entende-se o conjunto de 41 municípios que integram a 15ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) da Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul. Esses municípios se



distribuem em dois Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDEs)¹: Norte e Nordeste. A Associação dos Municípios do Alto Uruguai (AMAU) é composta por 32 municípios que pertencem ao COREDE Norte. Entre esses municípios da AMAU, apenas Sertão não integra a esfera administrativa da 15ª CRE, pertencendo a 7ª CRE (Passo Fundo).

Assim, podemos designar como região de abrangência da UFFS/Erechim a região dos COREDEs Norte e Nordeste do Rio Grande do Sul. Pesquisa² sobre o perfil dos calouros da UFFS/Erechim indicou que 100% dos estudantes residem na região do Alto Uruguai, sendo que 70,1% deles residem na cidade de Erechim e 29,9% nas cidades de seus arredores. Portanto, em termos da região do Alto Uruguai gaúcho, dados da Fundação de Economia e Estatística (FEE) do Rio Grande do Sul indicam uma população de 221.546 habitantes (2012), distribuídos em 6.547 Km², totalizando 34,9 habitantes/ Km². Em relação à taxa de analfabetismo média nesses municípios, observa-se 4,91% (pessoas com 15 anos ou mais). Quando se consideram os dados demográficos (2011) dos 41 municípios da 15ª CRE, chegamos a cerca de 300.000 habitantes.

Em termos educacionais, a 15ª CRE possui 50 escolas públicas de nível médio em seus 41 municípios. Em Erechim, há 10 escolas públicas de nível médio. Na rede privada, seis (6) escolas na região ofertam o nível médio (todas em Erechim). Dados do Censo da Educação Básica (2012) disponíveis no site³ da Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul indicam que, em termos de matrícula inicial no Ensino Médio, temos cerca de 10.000 estudantes nas escolas públicas e privadas da 15ª CRE.

1 Os COREDEs foram criados oficialmente pela Lei 10.283, de 17 de outubro de 1994, constituindo-se em fóruns de discussão e decisão a respeito de políticas e ações que visam ao desenvolvimento regional. Disponível em: <<http://www.scp.rs.gov.br/atlas/atlas.asp?menu=631>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

2 O Grupo do Programa de Educação Tutorial (PET), modalidade Conexões de Saberes (Práxis – Licenciaturas) em atividade desde dezembro de 2010 no *Campus* Erechim realiza a pesquisa “Perfil dos Calouros da UFFS/Erechim” com os ingressantes 2012 nos oito cursos de graduação. Dados do ano de 2012 mostram que a totalidade dos estudantes mora em municípios da região do Alto Uruguai (32 municípios da AMAU). O relatório completo da pesquisa está disponível em: <<http://petconexoesdesaberes-uffs.blogspot.com.br/2013/03/grupo-praxis-divulga-o-relatorio-da.html>>. Acesso em: 22 set. 2013.

3 Disponível em: <<http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/estatisticas.jsp?ACAO=acao1>>. Acesso em: 22 set. 2013.



Pelos dados, o Ensino Médio na região é hegemonicamente público estadual (foco da UFFS). Além disso, mais 200 matrículas no curso normal (formação de professores de nível médio) em duas escolas da região (Erechim e Marcelino Ramos) e 189 matrículas na modalidade EJA.

Dessa forma, o público potencial imediato da UFFS/Erechim é de mais de 10.000 estudantes que estão matriculados em escolas de Ensino Médio na região. Em termos imediatos, estima-se que 2.500 alunos conclua o Ensino Médio em 2012⁴. O curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFFS/Erechim está contribuindo para a inclusão de jovens oriundos da escola pública no ensino superior, além de cumprir com o seu propósito de formar profissionais para a docência na educação básica e aptos a prosseguirem seus estudos em nível de pós-graduação.

Por fim, cabe ressaltar que atualmente a Sociologia é disciplina obrigatória nos currículos de Ensino Médio. A obrigatoriedade da disciplina de Sociologia no currículo escolar foi tema tratado no processo de nº: 23001.000179/2005 do CNE/CEB, a pedido do Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica. No parecer do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica nº 38/2006, a inclusão da disciplina foi aprovada em julho de 2006. Em 2008, foi sancionada a Lei nº 11.684, que institui a obrigatoriedade do ensino de Sociologia em todos os anos do Ensino Médio, alterando a Lei nº 9.393/96 (Lei de Diretrizes e Bases – LDB).

Consequentemente, a sanção presidencial não somente torna obrigatória a Sociologia no Ensino Médio, como também impõe desafios para a consolidação da disciplina. No Rio Grande do Sul, um dos estados de abrangência do curso, estudo⁵ realizado sobre a realidade da disciplina constatou que no ano de 2006 somente 42% das 894 escolas estaduais ofereciam Sociologia em um dos anos do Ensino Médio e somente em 15% das escolas era ministrada por licenciados no curso de Ciências Sociais. Neste contexto, a formação de professores específicos da área para suprir a demanda presente e futura impõe-se como necessidade para os próximos anos. Importante fazer referência

4 Informação obtida junto ao Setor Pedagógico da 15ª CRE em agosto de 2013.

5 PEREIRA, Luísa Helena. Qualificando o ensino da sociologia. In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, Recife-PE, 2007.



ao fato de que estes dados não sofreram alteração substantiva nos últimos anos, quando foi dado início ao processo de institucionalização da obrigatoriedade da Sociologia no ensino médio.

O processo de reformulação do presente PPC, cujo original monta ao ano de 2010 realizado conjuntamente entre os cursos de Ciências Sociais dos campi de Erechim e Chapecó, vem coordenado e operacionalizado desde o ano de 2013 pelo NDE do curso de Erechim, e foi objeto de paciente estudo, discussão e deliberação pelo Colegiado de Ciências Sociais, objetivando atualizar a estrutura curricular e aperfeiçoar procedimentos e dispositivos organizacionais do curso, considerando em especial a contribuição de um quadro de docentes próximo a sua integralização.



5 REFERENCIAIS ORIENTADORES (Ético-políticos, Epistemológicos, Metodológicos e Legais)

O curso de Licenciatura em Ciências Sociais, criado pela Universidade Federal da Fronteira Sul e estabelecido no Campus Erechim, atende as exigências legais dispostas no Parecer CNE/CES/492/2001, no Decreto nº 5626/2005, na Lei Federal nº 10436/2002, na Resolução CNE/CP/ 001/2004 e Lei nº 11.645/2008.

No âmbito institucional interno, o curso de Licenciatura em Ciências Sociais atende os princípios previstos no Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade Federal da Fronteira Sul (em tramitação no Conselho Universitário), consubstanciado em seu Projeto Pedagógico Institucional (PPI), o qual estabelece os seguintes princípios orientadores:

1. Respeito à identidade universitária da UFFS, o que a caracteriza como espaço privilegiado para o desenvolvimento concomitante do ensino, da pesquisa e da extensão;

2. Integração orgânica das atividades de ensino, pesquisa e extensão, desde a origem da Instituição;

3. Atendimento às diretrizes da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação, estabelecidas pelo Decreto Nº. 6.755, de 29 de janeiro de 2009, cujo principal objetivo é coordenar os esforços de todos os entes federados no sentido de assegurar a formação de docentes para a educação básica em número suficiente e com qualidade adequada;

4. Universidade de qualidade comprometida com a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com o desenvolvimento sustentável e solidário da Região Sul do País;

5. Universidade democrática, autônoma, que respeite a pluralidade de pensamento e a diversidade cultural, com a garantia de espaços de participação dos diferentes sujeitos sociais.

6. Universidade que estabeleça dispositivos de combate às desigualdades sociais e regionais, incluindo condições de acesso e permanência no ensino superior, especialmente da população mais excluída do campo e da cidade.



7. Uma Universidade que tenha na agricultura familiar um setor estruturador e dinamizador do processo de desenvolvimento;
8. Uma universidade que tenha como premissa a superação da matriz produtiva existente;
9. Uma universidade pública e popular;
10. Uma universidade comprometida com o avanço da arte e da ciência e com a melhoria da qualidade de vida para todos.

Estes conteúdos normativos são objeto de reflexão permanente no âmbito do curso ora em voga e, consoante à legislação em vigor, traduzidos em princípios ético-políticos, epistemológicos, metodológicos e legais.

Os princípios ético-políticos são orientadores dos níveis institucionais de atuação acadêmica, no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão. O alcance destes princípios deve exceder uma formação universitária e profissional, ampliando seus interesses à qualificação acadêmica de seus egressos e contribuindo para uma formação pluralista, crítica e reflexiva dos estudantes. Espera-se, assim, que os estudantes sejam orientados a compreender as estruturas profundas da vida social, bem como a buscar a superação das discriminações e opressões sociais.

Os princípios epistemológicos e metodológicos visam à formação profissional e científica, voltada para o entendimento das grandes questões que afligem a sociedade brasileira contemporânea. Nesse sentido, o curso de Licenciatura em Ciências Sociais procura orientar uma formação acadêmica que vise à superação da dissociação tradicional entre as figuras do “cientista social”, portador do título de bacharel, e do “professor de sociologia”, transmissor e mero reproduzidor dos conhecimentos das Ciências Sociais em sala de aula. Para tanto, o curso desenvolve uma articulação processual e permanente entre ensino, pesquisa e extensão, que permite ao estudante entender o próprio processo ensino-aprendizagem, no qual se envolve em sala de aula, como algo indissociável da pesquisa e da extensão universitária, que poderá envolver atividades acadêmicas ou ex- tra-acadêmicas.



Além disso, atendendo às peculiaridades de cada contexto social, o curso procura desenvolver também competências e habilidades gerais (domínio da bibliografia teórica e metodológica básica; autonomia intelectual; capacidade analítica; competência na articulação entre teoria, pesquisa e prática social; compromisso social; competência na utilização da informática) e específicas para licenciatura (domínio dos conteúdos básicos que são objeto de ensino e aprendizagem na educação básica; domínio dos métodos e técnicas pedagógicos que permitem a transposição do conhecimento para os diferentes níveis de ensino; capacidade de observação e reflexão do contexto social e suas relações com o contexto escolar).

Os princípios norteadores da formação no curso, em consonância com as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Ciências Sociais (Parecer CNE/CES/492/2001), são os seguintes:

1. Formação teórico-metodológica sólida em torno dos eixos que formam a identidade do curso (Antropologia, Ciência Política e Sociologia);
2. Formação voltada para a autonomia intelectual e a capacidade analítica dos acadêmicos;
3. Ampla formação humanística;
4. Formação qualificada para a docência e a extensão;
5. Desenvolvimento de pesquisas relacionadas às práticas sociais;
6. Aperfeiçoamento constante do curso, mediante avaliações institucionais.

Por fim, cabe ratificar que o curso de Licenciatura em Ciências Sociais foi concebido em conformidade com os seguintes documentos e atos normativos produzidos pelo Conselho Nacional de Educação - CNE - referentes à regulamentação dos cursos de Licenciatura que se seguiram à promulgação da Lei 9394/96: Resolução CNE/CP 02/97, de 26/6/97 (que dispõe sobre os programas especiais de formação de docentes para as disciplinas do currículo do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da Educação Profissional em nível Médio); Resolução CNE/CP 01/99, de 30/9/99 (que dispõe sobre os Institutos Superiores de Educação, considerados os artigos 62 e 63 da Lei 9.394/96 e o artigo 9º, § 2º, alíneas “C” e “H”, da Lei 4.024/61, com a redação dada pela Lei



9.131/95); Decreto 3276, de 6/12/1999 (que dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação Básica, e dá outras providências); Decreto 3.554/00 (que dá nova redação ao § 2º do art. 3º do Decreto 3.276, de 6 de dezembro de 1999, que dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica); Parecer CNE/CP 009/2001 (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena); Parecer CNE/CP 027/2001 (que dá nova redação ao item 3.6, alínea c, do Parecer CNE/CP 9/2001 que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena); Parecer CNE/CP 028/2001 (que dá nova redação ao Parecer CNE/CP 21/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena); Resolução CNE/CP 1/2002 (que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena); Resolução CNE/CP 2/2002 (que institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior); Resolução CNE 2/2012 (que define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio).



6 OBJETIVOS DO CURSO

O curso de Licenciatura em Ciências Sociais adota como fundamento a formação de competências e habilidades que permitirão aos estudantes a desnaturalização de concepções ou explicações dos fenômenos sociais no processo de produção de conhecimento e de ensino das Ciências Sociais. Tal desnaturalização abre portas para que os estudantes possam tomar consciência dos processos e das estruturas condicionadoras da vida social, bem como da necessidade de superar a matriz produtiva existente, tal como delineado no perfil de constituição da própria Universidade Federal da Fronteira Sul.

Para atingir esse objetivo geral, o curso procura respaldar-se no conhecimento crítico, reflexivo, pluralista e na profícua articulação entre Antropologia, Ciência Política e Sociologia, além de outras áreas do conhecimento que constituem o campo das Ciências Sociais, evitando, assim, uma formação especializada e restrita a uma das três áreas das Ciências Sociais, assim como busca a superação da dissociação tradicional entre as figuras do “cientista social” e do “professor de Sociologia”.

Dentro dessa perspectiva, a proposta curricular procura:

- a) Conceber a prática pedagógica como eixo transversal de todo o currículo e como resultado de um projeto aglutinador das diferentes áreas de conhecimento, inserindo o licenciando, desde o início do curso, em trabalhos de extensão e pesquisa;
- b) Promover a elaboração e o desenvolvimento de projetos de ensino na área, garantindo o diálogo entre a área educacional e a área das Ciências Sociais;
- c) Incentivar a construção de metodologias e materiais pedagógicos que se utilizem de tecnologias de informação e da comunicação;
- d) Privilegiar a compreensão e a valorização da diversidade cultural dos estudantes e da complexidade organizacional da sociedade onde estão inseridos, de modo a garantir-lhes formação crítica e socialmente compromissada com os interesses das classes populares;
- e) Atuar no planejamento, na mensuração e avaliação dos processos de ensino e aprendizagem e de formação profissional;



- f) Desenvolver a visão crítica e a capacidade analítica do aluno para estabelecer relações e conexões variadas;
- g) Desenvolver a habilidade de articular teoria, pesquisa e prática social;
- h) Incentivar a autonomia intelectual, o poder de decisão e a criatividade;
- i) Envolver os estudantes nas atividades de estágios, de iniciação científica, de trabalho de conclusão de curso, bem como estimular a participação em atividades integradoras da estrutura curricular, a exemplo dos eventos científicos e seminários extraclasse.



7 PERFIL DO EGRESSO

O perfil desejado do egresso do curso de Licenciatura em Ciências Sociais poderá ser entendido se discutirmos, primeiramente, o papel do cientista social na sociedade contemporânea. Por excelência, o papel do cientista social é o de pesquisar e analisar os processos políticos, sociais e culturais com a finalidade de produzir conhecimentos acerca desses processos. Num sentido amplo, o cientista social deve ser formado para produzir conhecimento, cuja natureza deve ser pluralista, crítica e criativa.

Por poder adquirir, ao longo do curso, uma sólida formação teórico-metodológica nos três eixos fundamentais que constituem as Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia), o licenciado em Ciências Sociais deverá ser capaz de compreender criticamente a sociedade na qual vive e para a qual deve buscar alternativas, bem como ter competência para relacionar, de maneira adequada, a teoria à prática. Ou seja, deverá desenvolver as condições e meios para relacionar os estudos teóricos com a reflexão sobre aspectos da realidade social que vivencia.

A inserção profissional do licenciado em Ciências Sociais é diversa, pois, apesar de sua atribuição central para atuar na educação básica (ensinos fundamental e médio), estará também apto para atuar na educação não-formal e para exercer funções nas áreas de assessoria, consultoria, formação e planejamento em entidades públicas e privadas, em movimentos sociais, partidos políticos e ONGs, bem como continuar sua formação em pós-graduação e inserir-se, desse modo, no magistério superior.

Espera-se que o egresso do curso de graduação em Ciências Sociais - Licenciatura da UFFS seja um intelectual crítico e pró-ativo, apto a questionar as práticas e os padrões atualmente hegemônicos em nossa sociedade.



8 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

8.1 Plano de integralização da carga horária

O Curso de Licenciatura em Ciências Sociais pode ser integralizado entre três anos ou seis semestres letivos – tempo mínimo, e nove anos ou dezoito semestres letivos – tempo máximo. Para a integralização do Curso e obtenção do diploma, o estudante deve cumprir, no mínimo, 3.045 horas.

Seguindo as diretrizes do Projeto Pedagógico Institucional (PPI) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), o currículo dos cursos de graduação é concebido a partir de três domínios formativos: Domínio Comum, Domínio Conexo e Domínio Específico. Os conhecimentos que integram todo o currículo são traduzidos em componentes curriculares de diversas ordens: disciplinas, oficinas, seminários, atividades curriculares complementares, trabalho de conclusão de curso e estágios, conforme explicitado na sequência.

8.2 Domínio formativo

8.2.1 Disciplinas do Domínio Comum

Entende-se por Domínio Comum o conjunto de componentes curriculares comuns a todos os cursos de graduação da UFFS, a partir de dois grandes eixos formadores e seus respectivos princípios, pautados no processo histórico da UFFS e no PPI da Instituição, com suas respectivas ementas, materiais estes construídos de forma coletiva no âmbito da Instituição:

a) Contextualização Acadêmica: Desenvolver habilidades/competências de leitura, de interpretação e de produção em diferentes linguagens que auxiliem o acadêmico a inserir-se criticamente na esfera acadêmica e no contexto social e profissional.

b) Formação Crítico Social: Desenvolver uma compreensão crítica do mundo contemporâneo, contextualizando saberes que dizem respeito às valorações sociais, às relações de poder, à responsabilidade sócio-ambiental e à organização sócio-político-econômica e cultural das sociedades, possibilitando, ao acadêmico, a ação crítica e refle-



xiva, nos diferentes contextos.

Seguem abaixo as disciplinas que compõem o Domínio Comum e que são obrigatórias para os estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Sociais:

DOMÍNIO COMUM		
COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
Direitos e cidadania	4	60
Introdução à filosofia	4	60
História da fronteira Sul	4	60
Iniciação à prática científica	4	60
Produção textual acadêmica	4	60
Informática básica	4	60
Estatística básica	4	60
Subtotal	28	420

Quadro 1: Componentes curriculares que compõem o Domínio Comum do curso de Ciências Sociais - Licenciatura

8.2.2 Disciplinas do Domínio Conexo

O Domínio Conexo visa realizar a interface entre os cursos de licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) no campus Erechim, colocando, assim, o estudante em contato com aspectos relacionados às teorias educacionais, à prática pedagógica, à linguagem de sinais e à legislação educacional vigente no país. Importante destacar que o Domínio Conexo também proporciona aos estudantes espaço para uma formação interdisciplinar e transversal apoiada no campo da educação básica, atendendo ainda às exigências da legislação corrente que versa sobre a formação de professores aptos a lidar com a inclusão de alunos surdos ou com deficiências auditivas. Esse eixo de disciplinas deverá ser cursado por todos os estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Seguem abaixo os componentes curriculares que compõem o Domínio Conexo:

DOMÍNIO CONEXO		
COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
Didática geral	4	60
Fundamentos da educação	4	60
Língua brasileira de sinais (Libras)	4	60
Política educacional e legislação do ensino no Brasil	4	60



Teorias da aprendizagem e do desenvolvimento humano	4	60
Subtotal	20	300

Quadro2: Componentes curriculares que compõem o Domínio Conexo do curso de Ciências Sociais – Licenciatura

8.2.3 Componentes curriculares do Domínio Específico

Por fim, o Domínio Específico tem como objetivo apresentar aos estudantes as discussões e os problemas específicos da área de Ciências Sociais. Esse eixo de componentes curriculares apresenta carga horária mínima definida na matriz do curso e está dividido em dois subeixos: componentes curriculares (CCRs) obrigatórios de oferta regular e CCRs obrigatórios de oferta irregular (optativos e eletivos).

No que se refere aos componentes de oferta irregular, o estudante deverá cursar 20 créditos, equivalentes a 300 horas. Deste total, 180 horas são destinadas aos componentes optativos, previstos no rol de optativos do curso e 120 horas de componentes eletivos, de livre escolha do acadêmico, dentre os cursos da Instituição. Seguem abaixo as disciplinas que compõem o Domínio Específico:

DOMINIO ESPECIFICO - OBRIGATÓRIAS		
COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
Introdução à Antropologia	2	30
Introdução à teoria política	2	30
Introdução à Sociologia	2	30
Antropologia I	4	60
Antropologia II	4	60
Antropologia III	4	60
Teoria política I	4	60
Teoria política II	4	60
Teoria política III	4	60
Sociologia I	4	60
Sociologia II	4	60
Sociologia III	4	60
Modernidade: aspectos históricos	4	60
Formação da sociedade brasileira I	4	60
Formação da sociedade brasileira II	4	60
Ciências sociais no Brasil	4	60
Economia para ciências sociais	4	60
Epistemologia das ciências sociais	4	60
Metodologia de pesquisa qualitativa	4	60
Metodologia de pesquisa quantitativa	4	60



Sociologia da educação	4	60
Metodologia de ensino em ciências sociais	4	60
Estágio docente supervisionado I	7	105
Estágio docente supervisionado II	7	105
Estágio docente supervisionado III	13	195
Optativa I	4	60
Optativa II	4	60
Optativa III	4	60
Trabalho de conclusão de curso I	4	60
Trabalho de conclusão de curso II	8	120
Eletiva I	4	60
Eletiva II	4	60
Subtotal	141	2115

Quadro 3: Componentes curriculares que compõem o Domínio Específico do curso de Ciências Sociais – Licenciatura

8.3 *Normatização de componentes curriculares*

Conforme as normas previstas por este PPC, para o cômputo da carga horária total, o estudante deve: comprovar a realização de, no mínimo, 210 horas de Atividades Curriculares Complementares; cumprir um total de 405 horas das disciplinas de Estágio Docente Supervisionado, divididas em três semestres; apresentar Projeto de Pesquisa e, em seguida, elaborar trabalho monográfico a ser aprovado em defesa pública; cumprir 400 horas de Práticas como Componente Curricular, inclusas na carga horária das disciplinas do domínio específico.

Segue a síntese dos dispositivos normativos dessas atividades:

8.3.1 *Atividades Curriculares Complementares*

As Atividades Curriculares Complementares (ACC) constituem ações que visam à complementação do processo ensino-aprendizagem, sendo desenvolvidas no curso de Licenciatura em Ciências Sociais com carga horária de 210 horas, distribuídas ao longo da matriz curricular.

As ACCs constituem mecanismo de aproveitamento dos conhecimentos adquiridos pelo estudante, por meio de estudos e práticas independentes, presenciais ou à distância, realizadas na Universidade ou em outros espaços formativos, sendo consideradas obrigatórias para a integralização do currículo.



Na condição de requisito obrigatório, as ACCs respondem ao princípio da flexibilidade, pelo qual o estudante tem a oportunidade de decidir sobre uma parte do currículo, sendo ordenadas por duas legislações específicas: pela determinação constante na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/1996, a qual estabelece em seu artigo 3º a “valorização da experiência extra-classe”, e também pelo que estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Licenciatura em Ciências Sociais.

As atividades complementares visam à garantia de que o egresso do curso de graduação em Licenciatura em Ciências Sociais da UFFS tenha vasto e eclético contato com a produção teórica e a prática social atinentes à formação profissional obtida na universidade. Um docente, indicado semestralmente pelo Colegiado de Curso, terá a incumbência de analisar e decidir quanto ao deferimento ou indeferimento dos pedidos de validação de ACCs, os quais deverão ser encaminhados pelos discentes, acompanhados da documentação comprobatória, em prazo previamente definido e divulgado no calendário acadêmico da UFFS. No Anexo IV encontra-se o regulamento completo das Atividades Curriculares Complementares.

8.3.2 Estágio Docente Supervisionado

O Estágio Docente Supervisionado ocupa um lugar especial no PPC do curso de Ciências Sociais, que se expressa na forma como os seus momentos foram organizados, priorizando, além da observação e experiência docente, um olhar sobre o contexto escolar a partir de sua dimensão sociopolítica. Realizado a partir da 7ª fase, contabiliza 27 créditos, com carga horária correspondente a 405 horas, assim distribuídas:

	Carga horaria (em horas)			
	Total	I - aulas teórico/práticas presenciais	II – elaboração do plano de estágio e do relatório de avaliação	III – atividades de estágio desenvolvida pelo estudante
Estágio Docente Supervisionado I	105 h	40h	45h	20h
Estágio Docente Supervisionado II	105 h	40h	45h	20h



Estágio Docente Supervisionado III	195 h	20h	145h	30h
------------------------------------	-------	-----	------	-----

Embora estejam previstas no PPC experiências práticas aliadas à formação teórica considerando o futuro fazer pedagógico do professor de Ciências Sociais, é no momento do estágio que esse ciclo se completa. No momento do estágio, os alunos devem mostrar-se capazes de usar as ferramentas teórico-conceituais próprias das Ciências Sociais para respaldarem suas experiências na escola de forma crítica, pluralista, reflexiva e analítica, além de se mostrarem capazes de realizar a mediação entre o saber acadêmico e o saber escolar.

Isto posto, as três disciplinas de Estágio Docente Supervisionado foram pensadas como um processo contínuo que guia o aluno através de um gradual conhecimento das peculiaridades e exigências do ambiente escolar (Estágio I), da reflexão e do planejamento das atividades (Estágio II) e, finalmente, do exercício da prática docente (Estágio III).

A disciplina Estágio Docente Supervisionado I tem como produto final um diagnóstico do ambiente escolar. Para realizá-lo, o aluno deve conduzir uma série de pequenas pesquisas na escola, cada uma resultando em um relatório parcial, cujo conjunto, devidamente revisado, será o diagnóstico. Os professores responsáveis por supervisionar esta etapa do estágio devem promover encontros regulares a fim de avaliar os progressos dos alunos. Estes encontros servem também para que os alunos troquem experiências sobre suas pesquisas. A carga horária de 105 horas divide-se em: 40 horas de aulas teórico/presenciais em sala de aula, na UFFS; 20 horas de atividade de estágio (observação inicial da escola e acesso aos seus principais documentos) e 45 horas para a elaboração de um Diagnóstico da Instituição Educacional.

O Estágio Docente Supervisionado II contabiliza 105 horas, divididas em 40 horas de aulas teórico/presenciais em sala de aula, 20 horas de atividade de estágio (observação e investigação do ambiente escolar) e 45 horas para a elaboração de um Projeto de Trabalho e Pesquisa. Tal documento deve ser dividido em duas partes: uma apontando um plano de trabalho o mais detalhado possível das atividades de ensino a serem realizadas pelo estagiário – sejam elas no âmbito da sala de aula de Sociologia no



Ensino Médio, sejam cursos ou outras atividades didáticas; a outra parte do projeto constitui-se de uma proposta de pesquisa que tenha por objetivo a experiência do estagiário. Para a organização deste projeto, durante a disciplina o aluno terá que realizar uma série de atividades que visam prepará-lo tanto para sua experiência docente como de pesquisa: preparar programas de disciplinas, identificar deficiências e levantar bibliografias e metodologias, tudo culminando em uma aula-piloto, prelúdio do que o aguarda no semestre seguinte.

A disciplina que mais se assemelha ao que tradicionalmente se identifica com as práticas de estágio tradicionais é a de Estágio Docente Supervisionado III. Nesta disciplina, o aluno aplica efetivamente os conhecimentos e as habilidades adquiridos nos anos anteriores. Paralelamente à sua atuação como professor, demanda-se, do aluno, uma reflexão crítica, nos termos das Ciências Sociais, de alguma temática que tenha chamado sua atenção ao longo de sua experiência na escola. Esta deve, então, ser sintetizada em um relatório final composto de três partes: um relato da experiência, um memorial de sua vivência como estagiário e um artigo analítico. Os 13 créditos e 195 horas contabilizados nesta disciplina dividem-se em: 20 horas de aulas teórico/presenciais, 30 horas de atividades de estágio (regência de classe e demais atividades na escola) e 145 horas para elaboração dos materiais de aulas, do relato, do memorial e do artigo.

A apresentação do relatório final, juntamente com os demais documentos, fecham o ciclo de disciplinas de estágio, deixando os alunos preparados para que possam cumprir de forma integral seu duplo papel de educador e intérprete da realidade social.

No Anexo II, encontra-se o regulamento completo dos CCRs que constituem o Estágio Docente Supervisionado.

**Alteração realizada por meio do Ato Deliberativo N° 3/CCLER/UFFS/2018.*

8.3.3 Atividade de conclusão de curso

A atividade de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais deve estar plenamente alinhada a alguns princípios norteadores das Diretrizes Curriculares Nacionais, tais como:



- a) “Propiciar aos estudantes uma formação teórico-metodológica sólida em torno dos eixos que formam a identidade do curso (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e fornecer instrumentos para estabelecer relações com a pesquisa”;
- b) “Estimular a autonomia intelectual, a capacidade analítica dos estudantes e uma ampla formação humanística”⁶.

Entende-se que a atividade de conclusão de curso deve ser realizada de maneira processual, ao longo de todo o período de formação do estudante na graduação. Para tanto, o curso de Licenciatura em Ciências Sociais criou as disciplinas de Metodologias da Pesquisa Qualitativa e Metodologias da Pesquisa Quantitativa. Além disso, o curso oferece como Atividade Curricular Complementar as atividades de leitura dirigida, nas quais os estudantes podem realizar, sob a orientação de um docente do curso, um programa de leituras sobre temas diversos das áreas de Antropologia, Ciência Política e Sociologia. Esse modelo visa inserir os estudantes no universo da pesquisa desde as primeiras fases do curso.

Entende-se que essas diferentes dimensões do processo de formação do licenciado em Ciências Sociais são necessárias para sua atuação como profissional no exercício da docência.

A pesquisa, no curso de licenciatura em Ciências Sociais, não ignora a necessidade de articular a iniciação ao processo investigativo com a atuação na docência na educação básica. Nesse sentido, o estudante que quer fazer do processo de ensino-aprendizagem na área de Ciências Sociais objeto de pesquisa, além da experiência e dos insumos proporcionados pelos componentes curriculares de Estágio Docente Supervisionado I e II, é estimulado a direcionar seu trabalho nos componentes curriculares TCC I e II para esse campo.

Cabe observar, no entanto, que o curso prevê atividades e momentos específicos para que os resultados do trabalho de conclusão de curso possam ser apresentados. Nesse sentido, considera-se importante que o estudante se dedique em dois momentos fundamentais à execução de um estudo monográfico. Para tanto, o curso de Licenciatura em Ciências Sociais oferece duas disciplinas:

⁶ Ver: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>



a) a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I, cujo objetivo é orientar o aluno na elaboração de um projeto de pesquisa, subsidia a realização do Trabalho de Conclusão de Curso II. O aluno matriculado nessa disciplina deve ter o acompanhamento individualizado por parte de um professor orientador que o auxilia na elaboração dos trabalhos finais necessários para aprovação em TCC I e TCC II.

Para cursar a disciplina o estudante deve ter sido aprovado nas disciplinas de metodologia mencionadas e ter cumprido os créditos destas doze disciplinas: Introdução à Antropologia; Introdução à Teoria Política Política; Introdução à Sociologia; Antropologia I; Antropologia II; Antropologia III; Teoria Política I; Teoria Política II; Teoria Política III; Sociologia I; Sociologia II; Sociologia III.

Ao final do componente curricular TCC I, o estudante deve apresentar ao(s) docente(s) responsável(is) pela disciplina uma versão do projeto de pesquisa que será executado no semestre seguinte do curso.

O componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II é desenvolvido pelos professores orientadores indicados pelos estudantes após aprovação em TCC I. Para efeitos de distribuição de carga horária, os docentes orientadores compartilharão o CCR em número definido pelo Colegiado de Curso a cada semestre. O trabalho de monografia é acompanhado pelos professores orientadores definidos na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I. Nessa segunda etapa, o estudante deve entregar ao final do semestre um trabalho monográfico que será avaliado por uma banca examinadora composta por três docentes, sendo um deles o seu orientador e os outros dois com titulação mínima de graduado.

No Anexo III, encontra-se o regulamento completo dos Trabalhos de Conclusão de Curso.

8.3.4 Prática como componente curricular

Em acordo com o Parecer CNE/CP 009/2001 e com as Resoluções CNE/CP1/2002 e CNE/CP2/2002, o curso de Ciências Sociais da UFFS - Licenciatura garante a realização das horas de atividades de prática como componente curricular logo no início do curso. As atividades de prática como componente curricular concretizam-se



na disciplina de Metodologia de Ensino em Ciências Sociais, mas também como desdobramentos das reflexões teóricas inerentes ao campo das Ciências Sociais.

Nesse sentido, o objetivo das atividades de prática é levar o aluno de Ciências Sociais a relacionar sua formação teórica com a sua futura prática docente. Com as atividades de prática pretende-se desenvolver no aluno a capacidade de observação, reflexão do contexto social mais amplo e suas relações com o contexto escolar.

Essas experiências visam contribuir também para que o aluno analise criticamente os subsídios didáticos do fazer pedagógico de forma a obter autonomia na produção, seleção e adequação dos materiais didático-pedagógicos de sua prática docente. No cômputo da carga horária das atividades de prática como componente curricular consideram-se as atividades de planejamento, observação, reflexão, pesquisa e elaboração de materiais pedagógicos.

As atividades de prática como componente curricular estão inseridas no contexto das disciplinas específicas ao campo de conhecimento das Ciências Sociais e de formação docente, sendo o momento em que o saber teórico ganha uma dimensão prática, conforme organização da matriz curricular (Ver item 8.4). Ao conceber a prática como inerente às disciplinas formativas do campo das Ciências Sociais, pretende-se superar a dicotomia entre teoria e prática e romper com a visão que concebe prática tão somente com estágio curricular, tal como prevê a legislação em vigor.

Em razão do caráter dinâmico da prática, as atividades que lhe concernem estão em constante processo de reformulação pelo Colegiado de Curso em que pese a existência de um regulamento que prevê um conjunto de atividades associadas ao semestre e às disciplinas (Ver anexo V).

8.4 Matriz curricular

Apresentamos, a seguir, a organização da matriz curricular do curso de Erechim. Nessa organização, as horas de prática como componente curricular estão computadas no interior da carga horária de algumas disciplinas, conforme destaque na matriz e na disciplina Metodologia de Ensino em Ciências Sociais. A carga horária total do curso é de 3.045 horas: das quais 405 horas de Prática como componente curricular



(PCC), 405 horas de estágio curricular supervisionado e 210 horas de Atividades curriculares complementares.

Matriz curricular noturno, sem a inserção das horas de prática como componente curricular – Campus Erechim

Fase	Nº Ordem	Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas	Pré-requisito(s)
1ª	01	GCH290	Iniciação à prática científica	4	60	
	02	GLA104	Produção textual acadêmica	4	60	
	03	GCH646	Modernidade: aspectos históricos	4	60	
	04	GCH648	Introdução à sociologia	2	30	
	05	GCH649	Introdução à antropologia	2	30	
	06	GCH647	Introdução à teoria política	2	30	
Subtotal				18	270	
2ª	07	GCH333	Fundamentos da educação	4	60	
	08	GCH650	Formação da sociedade brasileira I	4	60	
	09	GCH652	Sociologia I	4	60	
	10	GCH655	Teoria política I	4	60	
	11	GCH658	Antropologia I	4	60	
Subtotal				20	300	
3ª	12	GCH580	Teorias da aprendizagem e do desenvolvimento humano	4	60	
	13	GEX208	Informática básica	4	60	
	14	GCH653	Sociologia II	4	60	
	15	GCH659	Antropologia II	4	60	
	16	GCH656	Teoria Política II	4	60	
Subtotal				20	300	
4ª	17	GCH338	Didática geral	4	60	
	18	GCH654	Sociologia III	4	60	
	19	GCH660	Antropologia III	4	60	
	20	GCH657	Teoria política III	4	60	
	21		Optativa I	4	60	
Subtotal				20	300	
5ª	22	GCH342	Política educacional e legislação do ensino no Brasil	4	60	
	23	GCH651	Formação da sociedade brasileira II	4	60	
	24	GEX210	Estatística básica	4	60	
	25	GCH661	Epistemologia das ciências sociais	4	60	
	26		Optativa II	4	60	
Subtotal				20	300	
6ª	27	GCH662	Metodologia de ensino de ciências sociais	4	60	17
	28	GCH663	Sociologia da educação	4	60	
	29	GCH664	Metodologia de pesquisa qualitativa	4	60	
	30	GCH665	Metodologia de pesquisa quantitativa	4	60	24
	31		Optativa III	4	60	
Subtotal				20	300	
7ª	32	GCH666	Estágio docente supervisionado I	7	105	27
	33	GCH293	Introdução à filosofia	4	60	
	34	GCH669	Ciências sociais no Brasil	4	60	



	35	GCH670	Economia para ciências sociais	4	60	30
	36		Eletiva I	4	60	
Subtotal				23	345	
8ª	37	GCH667	Estágio docente supervisionado II	7	105	32
	38	GCS239	Direitos e cidadania	4	60	
	39	GCH292	História da fronteira Sul	4	60	
	40	GCH671	Trabalho de conclusão de curso I	4	60	04, 05, 06, 09, 10, 11, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 29 e 30
	41		Eletiva II	4	60	
Subtotal				23	345	
9ª	42	GCH668	Estágio docente supervisionado III	13	195	37
	43	GLA109	Língua brasileira de sinais (Libras)	4	60	
	44	GCH672	Trabalho de conclusão de curso II	8	120	40
Subtotal				25	375	
Subtotal geral				189	2835	
Atividades curriculares complementares				14	210	
TOTAL GERAL				203	3.045	



8.5 Componentes curriculares optativos

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Carga Horária
GCH690	Antropologia da Música	4	60
GCH099	Antropologia no Brasil	4	60
GCH689	Antropologia política	4	60
GCS369	Cooperativismo, associativismo e autogestão	4	60
GCS370	Economia política	4	60
GCH692	Educação popular	4	60
GCH673	Estado-nação e nacionalismo	4	60
GCH674	Estrutura de classes e estratificação social	4	60
GCH473	Estudos culturais	4	60
GCS371	Estudos de opinião pública	4	60
GCH675	Estudos de partidos políticos	4	60
GCH202	Estudos de relações internacionais	4	60
GCH678	Estudos do trabalho I	4	60
GCH679	Estudos do trabalho II	4	60
GCH676	Estudos rurais I	4	60
GCH677	Estudos rurais II	4	60
GCH680	Estudos urbanos	4	60
GCH691	Etnologia indígena	4	60
GCH681	Identidades, etnicidade e minorias	4	60
GCH682	Imperialismo e dependência	4	60
GCH512	Leituras de pensamento político	4	60
GCH696	Marxismo heterodoxo	4	60
GCH683	Mobilidade e desigualdade social	4	60
GCH684	Movimentos sociais I	4	60
GCH685	Movimentos sociais II	4	60
GCH697	Pensamento político latino-americano	4	60
GCH693	Pensamento político libertário	4	60
GCH698	Política brasileira	4	60
GCH686	Relações de gênero	4	60
GCH226	Religião e sociedade	4	60
GCH699	Sociologia brasileira	4	60
GCH694	Sociologia da autonomia	4	60
GCH695	Sociologia da cultura	4	60
GCH700	Sociologia da juventude	4	60
GCH701	Sociologia urbana	4	60
GCH687	Teorias da democracia I	4	60
GCH688	Teorias da democracia II	4	60
GCH702	Teorias do estado I	4	60
GCH703	Teorias do estado II	4	60
GCH704	Tópicos especiais de Antropologia I	4	60
GCH705	Tópicos especiais de Antropologia II	4	60
GCH706	Tópicos especiais de Antropologia III	4	60
GCH707	Tópicos especiais de Antropologia IV	4	60
GCH708	Tópicos especiais de Antropologia V	4	60
GCH709	Tópicos especiais de Teoria Política I	4	60
GCH710	Tópicos especiais de Teoria Política II	4	60
GCH711	Tópicos especiais de Teoria Política III	4	60
GCH712	Tópicos especiais de Teoria Política IV	4	60



GCH713	Tópicos especiais de Teoria Política V	4	60
GCH183	Tópicos especiais de Sociologia I	4	60
GCH715	Tópicos especiais de Sociologia II	4	60
GCH716	Tópicos especiais de Sociologia III	4	60
GCH717	Tópicos especiais de Sociologia IV	4	60
GCH718	Tópicos especiais de Sociologia V	4	60
GCH729	Tópicos especiais de atuação profissional do cientista social I	4	60
GCH730	Tópicos especiais de atuação profissional do cientista social II	4	60
GCH731	Tópicos especiais de atuação profissional do cientista social III	4	60
GCH732	Tópicos especiais de atuação profissional do cientista social IV	4	60
GCH733	Tópicos especiais de atuação profissional do cientista social V	4	60
GCH724	Tópicos especiais de ensino de Ciências Sociais I	4	60
GCH725	Tópicos especiais de ensino de Ciências Sociais II	4	60
GCH726	Tópicos especiais de ensino de Ciências Sociais III	4	60
GCH727	Tópicos especiais de ensino de Ciências Sociais IV	4	60
GCH728	Tópicos especiais de ensino de Ciências Sociais V	4	60
GCH719	Tópicos especiais de pesquisa social I	4	60
GCH720	Tópicos especiais de pesquisa social II	4	60
GCH721	Tópicos especiais de pesquisa social III	4	60
GCH722	Tópicos especiais de pesquisa social IV	4	60
GCH723	Tópicos especiais de pesquisa social V	4	60
GCH021*	Alteridade e Etnocentrismo	4	60
GCH291	Introdução ao Pensamento Social		

* Inseridos conforme RESOLUÇÃO N° 1/CCLCER/UFFS/2024

8.6 Sugestões de componentes curriculares eletivos

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Carga Horária
GCH550	A guerra civil espanhola, a revolução e o franquismo	4	60
GCH547	Cinema e história	4	60
GCH235	Geografia da América Latina	4	60
GCH023	Geografia econômica e da população	5	75
GCH108	Geografia política e regional	5	75
GCH339	História da África	4	60
GCH557	História do futebol	4	60
GCH565	História do pensamento econômico	4	60
GCH448	História do pensamento latino-americano	4	60
GCH343	História indígena	4	60
GCH552	História social da América Latina	4	60
GCH562	História, fontes orais e memória	4	60
GCH559	Intérpretes do Brasil	4	60
GCH575	Pesquisa arqueológica: teoria e prática	4	60
GCS111	Planejamento ambiental	5	75
GCS112	Planejamento territorial	5	75
GCH237	Trabalho de campo	4	60

8.6 Total de créditos e horas por modalidades

MODALIDADE	CRÉDITOS	CARGA
------------	----------	-------



		HORÁRIA
1. Componentes curriculares	150	2250
1.1 Estágios (creditado como CCR)	27	405
1.2 Trabalho de conclusão de curso (creditado como CCR)	12	180
2. Atividades curriculares complementares	14	210
TOTAL	203	3.045

MATRIZ COM DIVISÃO DA PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

Fase	Nº Ordem	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas	PCC	Pré-requisito(s)
1ª	01	Iniciação à prática científica	4	60		
	02	Produção textual acadêmica	4	60		
	03	Modernidade: aspectos históricos	4	60		
	04	Introdução à sociologia	2	30		
	05	Introdução à antropologia	2	30		
	06	Introdução à teoria política	2	30		
Subtotal			18	270		
2ª	07	Fundamentos da educação	4	60		
	08	Formação da sociedade brasileira I	4	60	20	
	09	Sociologia I	4	60	20	
	10	Teoria Política I	4	60	20	
	11	Antropologia I	4	60	20	
Subtotal			20	300	80	
3ª	12	Teorias da aprendizagem e do desenvolvimento humano	4	60		
	13	Informática básica	4	60		
	14	Sociologia II	4	60	20	
	15	Antropologia II	4	60	20	
	16	Teoria política II	4	60	20	
Subtotal			20	300	60	
4ª	17	Didática geral	4	60		
	18	Sociologia III	4	60	20	
	19	Antropologia III	4	60	20	
	20	Teoria Política III	4	60	20	
	21	Optativa I	4	60		
Subtotal			20	300	60	
5ª	22	Política educacional e legislação do ensino no Brasil	4	60		
	23	Formação da sociedade brasileira II	4	60	20	
	24	Estatística básica	4	60		
	25	Epistemologia das ciências sociais	4	60	15	
	26	Optativa II	4	60		
Subtotal			20	300	35	
6ª	27	Metodologia de ensino de ciências sociais	4	60	60	17
	28	Sociologia da educação	4	60	25	
	29	Metodologia de pesquisa qualitativa	4	60	20	
	30	Metodologia de pesquisa quantitativa	4	60	20	24
	31	Optativa III	4	60		



Subtotal		20	300	125		
7 ^a	32	Estágio docente supervisionado I	7	105	27	
	33	Introdução à filosofia	4	60		
	34	Ciências sociais no Brasil	4	60	20	
	35	Economia para ciências sociais	4	60	20	30
	36	Eletiva I	4	60		
Subtotal		23	345	40		
8 ^a	37	Estágio docente supervisionado II	7	105	32	
	38	Direitos e cidadania	4	60		
	39	História da fronteira Sul	4	60		
	40	Trabalho de conclusão de curso I	4	60	04, 05, 06, 09, 10, 11, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 29 e 30	
	41	Eletiva II	4	60		
Subtotal		23	345			
9 ^a	42	Estágio docente supervisionado III	13	195	37	
	43	Língua brasileira de sinais (Libras)	4	60		
	44	Trabalho de conclusão de curso II	8	120	40	
Subtotal		25	375			
Subtotal geral		189	2.835	400		
Atividades curriculares complementares		14	210			
TOTAL GERAL		203	3.045			



8.7 Análise vertical e horizontal da matriz curricular

1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre	5º Semestre	6º Semestre	7º Semestre	8º Semestre	9º Semestre
Iniciação à Prática Científica	Fundamentos da Educação	Teorias da Aprendizagem e do Desenvolvimento Humano	Didática Geral	Política Educacional e Legislação do Ensino no Brasil	Metodologia de Ensino de Ciências Sociais	Estágio Docente Supervisionado I	Estágio Docente Supervisionado II	Estágio Docente Supervisionado III
Produção textual acadêmica	Formação da Sociedade Brasileira I	Informática Básica	Antropologia III	Formação da Sociedade Brasileira II	Sociologia da Educação	Introdução à Filosofia	Direitos e Cidadania	Língua brasileira de sinais (Libras)
Modernidade: aspectos históricos	Antropologia I	Antropologia II	Teoria Política III	Estatística Básica	Metodologia de Pesquisa Qualitativa	Ciências Sociais no Brasil	TCC I	TCC II
Introdução à Antropologia	Teoria Política I	Teoria Política II	Sociologia III	Epistemologia das Ciências Sociais	Metodologia de Pesquisa Quantitativa	Economia para Ciências Sociais	História da Fronteira Sul	
Introdução à Sociologia								
Introdução à Teoria Política	Sociologia I	Sociologia II	Optativa I	Optativa II	Optativa III	Eletiva I	Eletiva II	

Fluxograma Curso de Ciências Sociais UFFS *Campus* Erechim – RS



8.8 Ementários, objetivos, bibliografias básicas e complementares dos componentes curriculares

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GLA104	PRODUÇÃO TEXTUAL ACADÊMICA	04	60
EMENTA			
Língua, linguagem e sociedade. Leitura e produção de textos. Mecanismos de textualização e de argumentação dos gêneros acadêmicos: resumo, resenha, handout, seminário. Estrutura geral e função sociodiscursiva do artigo científico. Tópicos de revisão textual.			
OBJETIVO			
Desenvolver a competência textual-discursiva de modo a fomentar a habilidade de leitura e produção de textos orais e escritos na esfera acadêmica.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ANTUNES, I. Análise de Textos: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola, 2010. CITELLI, Adilson. O texto argumentativo. São Paulo: Scipione, 1994. MACHADO, Anna R.; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lilia S. Resenha. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. MEDEIROS, João B. Redação científica. São Paulo: Atlas, 2009. MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. Produção textual na universidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. SILVEIRA MARTINS, Dileta; ZILBERKNOP, Lúbia S. Português Instrumental: de acordo com as atuais normas da ABNT. 27. ed. São Paulo: Atlas, 2010.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NRB 6028**: Informação e documentação - Resumos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

_____. **NRB 6023**: Informação e documentação – Referências - Elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

_____. **NRB 10520**: Informação e documentação - Citações - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Técnicas de comunicação escrita**. São Paulo: Ática, 2005.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COSTE, D. (Org.). **O texto: leitura e escrita**. Campinas: Pontes, 2002.

FARACO, Carlos A.; TEZZA, Cristovão. **Oficina de texto**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GARCEZ, Lucília. **Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KOCH, Ingedore V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2009.

_____, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

MOYSÉS, Carlos A. **Língua Portuguesa: atividades de leitura e produção de texto**. São Paulo: Saraiva, 2009.

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José L. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2006.

SOUZA, Luiz M.; CARVALHO, Sérgio. **Compreensão e produção de textos**. Petrópolis: Vozes, 2002.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GEX208	INFORMÁTICA BÁSICA	04	60
EMENTA			
Fundamentos de informática. Conhecimentos de sistemas operacionais. Utilização da rede mundial de computadores. Ambientes virtuais de aprendizagem. Conhecimentos de softwares de produtividade para criação de projetos educativos e/ou técnicos e/ou multimidiáticos.			
OBJETIVO			
Operar as ferramentas básicas de informática de forma a poder utilizá-las interdisciplinarmente, de modo crítico, criativo e pró-ativo.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ANTONIO, João. Informática para Concursos: teoria e questões . Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, 2009. CAPRON, H. L.; JOHNSON, J. A. Introdução à Informática . 8. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004. NORTON, P. Introdução à informática . São Paulo: Pearson, 2010. SEBEN, A.; MARQUES, A. C. H. (Org.). Introdução à informática: uma abordagem com libreoffice . Chapecó: UFFS, 2012. 201 p. ISBN: 978-85-64905-02-3. Disponível em: <cc.uffs.edu.br/downloads/ebooks/Introducao_a_Informatica.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2012.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
FEDELI, Ricardo D.; POLLONI, Enrico G. P.; PERES, Fernando E. Introdução à ciência da computação . 2. ed. São Paulo: CENGAGE Learning, 2010. HILL, Benjamin Mako; BACON, Jono. O livro oficial do Ubuntu . 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008. LANCHARRO, Eduardo Alcalde; LOPEZ, Miguel Garcia; FERNANDEZ, Salvador Peñuelas. Informática básica . São Paulo: Pearson Makron Books, 2004. MANZANO, André Luiz N. G.; TAKA, Carlos Eduardo M. Estudo dirigido de microsoft windows 7 ultimate . São Paulo: Érica, 2010. MEYER, M.; BABER, R.; PFAFFENBERGER, B. Nosso futuro e o computador . Porto Alegre: Bookman, 1999. MONTEIRO, M. A. Introdução à organização de computadores . 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007. MORGADO, Flavio. Formatando teses e monografias com BrOffice . Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008. SCHECHTER, Renato. BROffice Calc e Writer: trabalhe com planilhas e textos em software livre . Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GEX210	ESTATÍSTICA BÁSICA	04	60
EMENTA			
Noções básicas de Estatística. Séries e gráficos estatísticos. Distribuições de frequências. Medidas de tendência central. Medidas de dispersão. Medidas separatrizes. Análise de Assimetria. Noções de probabilidade e inferência.			
OBJETIVO			
Utilizar ferramentas da estatística descritiva para interpretar, analisar e, sintetizar dados estatísticos com vistas ao avanço da ciência e à melhoria da qualidade de vida de todos.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BARBETTA, P. A. Estatística aplicada às Ciências Sociais . 7. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.			
BUSSAB, Wilton de Oliveira; MORETTIN, Pedro Alberto. Estatística Básica . 7. ed. rev. São Paulo: Saraiva, 2011.			
CRESPO, A. A. Estatística Fácil . 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.			
FONSECA, Jairo Simon da; MARTINS, Gilberto de Andrade. Curso de Estatística . 6. ed. 12. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.			
SILVA, E. M. et al. Estatística para os cursos de: Economia, Administração e Ciências Contábeis. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.			
TOLEDO, G. L.; OVALLE, I. I. Estatística Básica . 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BORNIA, Antonio Cezar; REIS, Marcelo Menezes; BARBETTA, Pedro Alberto. Estatística para cursos de engenharia e informática . 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.			
BUSSAB, Bolfarine H.; BUSSAB, Wilton O. Elementos de Amostragem . São Paulo: Blucher, 2005.			
CARVALHO, S. Estatística Básica: teoria e 150 questões . 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.			
GERARDI, Lúcia H. O.; SILVA, Barbara-Cristine N. Quantificação em Geografia . São Paulo: DIFEL, 1981.			
LAPPONI, Juan Carlos. Estatística usando Excel . 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Campus, 2005.			
MAGALHÃES, Marcos Nascimento; LIMA, Antônio Carlos Pedroso de. Noções de Probabilidade e Estatística . 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.			
MONTGOMERY, Douglas C.; RUNGER, George C.; HUBELE, Norma F. Estatística aplicada à engenharia . 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.			
ROGERSON, P. A. Métodos Estatísticos para Geografia: um guia para o estudante . 3. ed. Porto Alegre: Boockman, 2012.			
SILVA, E. M. et al. Estatística para os cursos de: Economia, Administração e Ciências Contábeis. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.			
SPIEGEL, M. R. Estatística . 3. ed. São Paulo: Makron Books, 1993.			
TRIOLA, Mario F. Introdução à Estatística . 10. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.			
VIEIRA, S.; HOFFMANN, R. Elementos de Estatística . 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH290	INICIAÇÃO À PRÁTICA CIENTÍFICA	04	60
EMENTA			
A instituição Universidade: ensino, pesquisa e extensão. Ciência e tipos de conhecimento. Método científico. Metodologia científica. Ética na prática científica. Constituição de campos e construção do saber. Emergência da noção de ciência. O estatuto de cientificidade e suas problematizações.			
OBJETIVO			
Proporcionar reflexões sobre as relações existentes entre universidade, sociedade e conhecimento científico e fornecer instrumentos para iniciar o acadêmico na prática da atividade científica.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: _____. Educação e emancipação . São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.			
ALVES, R. Filosofia da Ciência : introdução ao jogo e as suas regras. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.			
CHAUI, M. Escritos sobre a Universidade . São Paulo: Ed. UNESP, 2001.			
HENRY, J. A Revolução Científica : origens da ciência moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.			
JAPIASSU, Hilton F. Epistemologia . O mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Série Logoteca).			
MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica . 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.			
SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico . 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
APPOLINÁRIO. Metodologia da ciência : filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson, 2006.			
D'ACAMPORA, A. J. Investigação científica . Blumenau: Nova Letra, 2006.			
GALLIANO, A. G. O Método Científico : teoria e prática. São Paulo: HARBRA, 1986.			
GIACOIA JR., O. Hans Jonas: O princípio responsabilidade. In: OLIVEIRA, M. A. Correntes fundamentais da ética contemporânea . Petrópolis: Vozes, 2000. p. 193-206.			
GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social . 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.			
GONSALVES, E. P. Iniciação à Pesquisa Científica . Campinas: Alínea, 2001.			
MORIN, E. Ciência com Consciência . Mem-Martins: Publicações Europa-América, 1994.			
OMMÈS, R. Filosofia da ciência contemporânea . São Paulo: Unesp, 1996.			
REY, L. Planejar e Redigir Trabalhos Científicos . 4. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2003.			
SANTOS, A. R. dos. Metodologia científica : a construção do conhecimento. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.			
SILVER, Brian L. A escalada da ciência . 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH292	HISTÓRIA DA FRONTEIRA SUL	04	60
EMENTA			
Construção dos sentidos históricos. Noções de Identidade e de Fronteira. Invenção das tradições. Processos de povoamento, despovoamento e colonização. Conflitos econômicos e políticos. Choques culturais no processo de colonização. Questão indígena, cabocla e afrodescendente.			
OBJETIVO			
Compreender o processo de formação da região sul do Brasil por meio da análise de aspectos históricos do contexto de povoamento, despovoamento e colonização.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade . Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Editora da UNESP, 1998. p 185-228. CUCHE, Denys. A noção de cultura das Ciências sociais . Bauru: EDUSC, 1999. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade . 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992. HOBSBAWM, Eric. A invenção das tradições . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. LE GOFF, Jacques. Memória e História . Campinas: Ed. Unicamp, 1994. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). Fronteiras culturais – Brasil, Urugua, Argentina . São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Miniz. Preconceito contra a origem geográfica e de lugar – As fronteiras da discórdia . 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007. AMADO, Janaína. A Revolta dos Mucker . São Leopoldo: Unisinos, 2002. AXT, Gunter. As guerras dos gaúchos: história dos conflitos do Rio Grande do Sul . Porto Alegre: Nova Prova, 2008. BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord.). História Geral do Rio Grande do Sul . Passo Fundo: Méritos, 2006. 6 v. CEOM. Para uma história do Oeste Catarinense . 10 anos de CEOM. Chapecó: UNOESC, 1995. GUAZZELLI, César; KUHN, Fábio; GRIJÓ, Luiz Alberto; NEUMANN, Eduardo (Org.). Capítulos de História do Rio Grande do Sul . Porto Alegre: UFRGS, 2004. GRIJÓ, Luiz Alberto; NEUMANN, Eduardo (Org.). O continente em armas: uma história da guerra no sul do Brasil . Rio de Janeiro: Apicurí, 2010. LEITE, Ilka Boaventura (Org.). Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade . Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. MACHADO, Paulo Pinheiro. Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916) . Campinas: UNICAMP, 2004. MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano . São Paulo: Contexto, 2009. NOVAES, Adauto (Org.). Tempo e História . São Paulo: Companhia das Letras, 1992. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade, etnia e estrutura social . São Paulo:			



- Livraria Pioneira, 1976.
- PESAVENTO, Sandra. **A Revolução Farroupilha**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. Chapecó: Grifos, 1997.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.
- ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**. São Paulo: Unesp, 2010.
- SILVA, Marcos A. da (Org.). **República em migalhas: História Regional e Local**. São Paulo: Marco Zero/MCT/CNPq, 1990.
- TEDESCO, João Carlos; CARINI, Joel João. **Conflitos agrários no norte gaúcho (1960-1980)**. Porto Alegre: EST, 2007.
- _____. **Conflitos no norte gaúcho (1980-2008)**. Porto Alegre: EST, 2008.
- TOTA, Antônio Pedro. **Contestado: a guerra do novo mundo**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 14-90.
- WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1988.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCS239	DIREITOS E CIDADANIA	04	60
EMENTA			
Origens históricas e teóricas da noção de cidadania. O processo moderno de constituição dos direitos civis, políticos, sociais e culturais. Políticas de reconhecimento e promoção da cidadania. Direitos e cidadania no Brasil.			
OBJETIVO			
Permitir ao estudante uma compreensão adequada acerca dos interesses de classe, das ideologias e das elaborações retórico-discursivas subjacentes à categoria cidadania, de modo possibilitar a mais ampla familiaridade com o instrumental teórico apto a explicar a estrutural ineficácia social dos direitos fundamentais e da igualdade pressuposta no conteúdo jurídico-político da cidadania na modernidade.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BOBBIO, Norberto. A Era dos Direitos . Rio de Janeiro: Campus, 1992. CARVALHO, José Murilo. Cidadania no Brasil: o longo caminho . 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002. MARX, Karl. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel . São Paulo: Boitempo, 2005. SARLET, Ingo Wolfgang. A eficácia dos direitos fundamentais: uma teoria geral dos direitos fundamentais na perspectiva constitucional . Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2011. TORRES, Ricardo Lobo (Org.). Teoria dos Direitos Fundamentais . 2. ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BONAVIDES, Paulo. Ciência Política . São Paulo: Malheiros, 1995. BRASIL. Constituição (1988) . Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p. DAHL, Robert A. Sobre a democracia . Brasília: UnB, 2009. DALLARI, Dalmo de Abreu. Elementos de teoria geral do Estado . São Paulo: Saraiva, 1995. DAL RI JÚNIO, Arno; OLIVERIA, Odete Maria. Cidadania e nacionalidade: efeitos e perspectivas nacionais, regionais e globais . Ijuí: Unijuí, 2003. FÜHRER, Maximilianus Cláudio Américo. Manual de Direito Público e Privado . 18. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011. HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais . Trad. Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003. IANNI, Octavio. A sociedade global . 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008. LOSURDO, Domenico. Democracia e Bonapartismo . Editora UNESP, 2004. MORAES, Alexandre. Direito constitucional . São Paulo: Atlas, 2009. MORAIS, José Luis Bolzan de. Do direito social aos interesses transindividuais: o Estado e o direito na ordem contemporânea . Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1996. NOBRE, Marcos. Curso livre de teoria crítica . Campinas, SP: Papius, 2008. PINHO, Rodrigo César Rebello. Teoria Geral da Constituição e Direitos Fundamentais . São Paulo: Saraiva, 2006.			



SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TOURAINÉ, Alain. **Igualdade e diversidade**: o sujeito democrático. Tradução Modesto Florenzano. Bauru, SP: Edusc, 1998.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH293	INTRODUÇÃO À FILOSOFIA	04	60
EMENTA			
A natureza e especificidade do discurso filosófico e sua relação com outros campos do conhecimento; principais correntes do pensamento filosófico; Fundamentos filosóficos da Modernidade. Tópicos de Ética e de Epistemologia.			
OBJETIVO			
Refletir criticamente, através de pressupostos éticos e epistemológicos, acerca da modernidade.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ABBA, Giuseppe. História crítica da filosofia moral . São Paulo: Raimundo Lúlio, 2011.			
DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. Introdução à teoria da ciência . Florianópolis: EdUFSC, 2003.			
FRANCO, Irley; MARCONDES, Danilo. A Filosofia: O que é? Para que serve? São Paulo: Jorge Zahar, 2011.			
GALVÃO, Pedro (Org.). Filosofia: Uma Introdução por Disciplinas . Lisboa: Edições 70, 2012. (Extra Coleção).			
HESSEN, J. Teoria do conhecimento . São Paulo: Martins Fontes, 2003.			
MARCONDES, Danilo. Textos básicos de ética . São Paulo: Zahar editores, 2009.			
VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. Ética . São Paulo: Civilização brasileira, 2005.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
CANCLINI, Nestor García. Culturas híbridas . São Paulo: Editora da USP, 2000.			
GRANGER, Giles-Gaston. A ciência e as ciências . São Paulo: Ed. Unesp, 1994.			
HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos . O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.			
HORKHEIMER, MAX. Eclipse da razão . São Paulo: Centauro, 2002.			
JAMESON, Frederic. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio . 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 2007.			
NOBRE, M. (Org.). Curso Livre de Teoria Crítica . 1. ed. Campinas: Papyrus, 2008.			
REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da filosofia . 7. ed. São Paulo: Paulus, 2002. 3 v.			
SARTRE, Jean-Paul. Marxismo e existencialismo . In: _____. Questão de método . São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.			
SCHILLER, Friedrich. Sobre a educação estética . São Paulo: Herder, 1963.			
SILVA, Márcio Bolda. Rosto e alteridade: para um critério ético em perspectiva latino-americana . São Paulo: Paulus, 1995.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH338	DIDÁTICA GERAL	04	60
EMENTA			
1. História e importância da didática. 2. Fatores sociais condicionantes das relações entre educação, ensino e didática. 3. A escola, o(a) aluno(a), o(a) professor(a) e o trabalho docente. 4. O processo ensino e aprendizagem em contextos formais e não formais. 5. Planejamento de ensino e currículo escolar. 6. Mediação Pedagógica. 7. Interdisciplinaridade. 8. A pesquisa na formação do(a) professor(a). 9. Ensino e pesquisa no cotidiano da aula. 10. Avaliação do processo de ensino-aprendizagem.			
OBJETIVO			
Construir um conjunto de referenciais teóricos e metodológicos sobre a docência em diversos espaços e contextos, considerando aspectos sócio-históricos, culturais e perspectivas contemporâneas do campo da didática buscando a compreensão da prática pedagógica e possibilidades efetivas de ação.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CANDAUI, Vera M. (Org.). Rumo a uma Nova Didática . São Paulo: Vozes, 2010. GASPARIN, João Luiz. Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica . São Paulo: Autores Associados, 2009. LOSSO, Adriana R. S. A Mediação na Formação dos Profissionais da Educação: reflexões de uma professora tutora . São Paulo: Mercado de Letras, 2008. SANTOMÉ, Jurjo Torres. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado . Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. SILVA, Jansen F.; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN, Maria T. (Org.). Práticas Avaliativas e Aprendizagens Significativas em Diferentes Áreas do Currículo . 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ALVES, Gilberto Luiz. O Trabalho Didático na Escola Moderna: formas históricas . Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (Coleção Educação Contemporânea). COMENIUS, J. A. Didática Magna . São Paulo: Martins Fontes, 2006. DEMO, Pedro. Educar pela Pesquisa . São Paulo: Autores Associados, 2000. FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa . São Paulo: Paz e Terra, 1996. GENTILI, P.; ALENCAR, Chico. Educar na esperança em tempos de desencanto . 2. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002. GIROUX, Henry. Os Professores como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem . São Paulo: Artmed, 1997. HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho – o conhecimento é um caleidoscópio . Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. LIBÂNEO, José C. Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente . 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa época; v. 67).			



PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. São Paulo: Cortez, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 1996.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH333	FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO	04	60
EMENTA			
1. Relações entre sociedade, cultura e educação. 2. Modernidade e Educação: Igualdade, Democracia e Emancipação. 4. Conhecimento e formação humana: Reconhecimento, Alteridade e Identidade. 5. A Instituição escolar na atualidade e políticas de formação docente.			
OBJETIVO			
Desenvolver uma reflexão sistemática e interdisciplinar acerca das diferentes perspectivas que constituem as práticas educativas, atribuindo ênfase aos fundamentos históricos, sociológicos e filosóficos que possibilitam o pensamento pedagógico contemporâneo.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação . São Paulo: Paz e Terra, 1995. GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere . Os intelectuais, o princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 2 MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital . São Paulo: Boitempo, 2005. KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? In: CARNEIRO LEÃO, E. (Org.). Textos seletos . Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade . 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. SAVIANI, Dermeval. História das idéias pedagógicas no Brasil . Campinas: Autores Associados, 2008.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família . 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. CAMBI, Franco. História da Pedagogia . São Paulo: Ed. da UNESP, 2000. COMENIUS. Didática Magna . São Paulo: Martins Fontes, 2006. DURKHEIM, Émile. A evolução pedagógica . Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. HARVEY, David. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural . São Paulo: Loyola, 1992. LIMA, Júlio César F.; NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). Fundamentos da Educação escolar no Brasil contemporâneo . Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. MANACORDA, Mario Alighiero. História da educação: da Antiguidade aos nossos dias . São Paulo: Cortez, 1997. MORAES, Maria C. M. de (Org.). Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação . Rio de Janeiro: DP&A, 2003. ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da Educação . 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH580	TEORIAS DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	4	60
EMENTA			
1. Aprendizagem como fator de desenvolvimento humano e de construção de conhecimento. 2. Desenvolvimento humano: influências ambientais e genéticas. 3. Aprendizagem como descoberta e como reestruturação cognitiva. 4. Aprendizagem e desenvolvimento como resultado de interações sociais. 5. A relação entre linguagem e pensamento. 5. A integralidade do desenvolvimento humano: a relação entre as dimensões intelectual, afetiva e motora. 6. Contribuições das teorias da aprendizagem e do desenvolvimento humano para as práticas pedagógicas.			
OBJETIVO			
Reconhecer a variedade de processos psicológicos constituintes da aprendizagem de diferentes conteúdos e utilizar esse conhecimento na organização de práticas pedagógicas orientadas para a promoção do desenvolvimento das pessoas envolvidas.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BECKER, Fernando. Da ação à operação : o caminho da aprendizagem em J. Piaget e P. Freire. Rio de Janeiro: DP&A, 1997. LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloisa. Piaget, Vygotsky, Wallon : teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992. NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. Psicologia da aprendizagem : processo, teorias e contextos. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2011. PIAGET, Jean. Epistemologia genética . São Paulo: Martins Fontes, 2012. VYGOTSKY, Lev; LEONTIEV, Alexis; LURIA, Alexander. Psicologia e Pedagogia : bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. São Paulo: Moraes, 1991. WALLON, Henry. Psicologia e Educação da Infância . Lisboa: Estampa, 1986.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BECKER, Fernando. O sujeito do conhecimento: contribuições da epistemologia genética. Educação & Realidade , Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 73-88, jan./jun. 1999. BRUNER, Jerome. Uma nova teoria de aprendizagem . Rio de Janeiro: Bloch, 1969. CARRARA, Kester (Org.). Introdução à Psicologia da Educação : seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004. DESSEN, Maria Auxiliadora; COSTA-JÚNIOR, Áderson Luiz. A ciência do desenvolvimento humano : tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2005. MOLL, Luís. Vigotsky e a educação . Implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. OLIVEIRA, Marta Kohl; REGO, Teresa C.; SOUZA, Denise T. (Org.). Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea . São Paulo: Moderna, 2002. PIAGET, Jean. Para onde vai a educação? Trad. Ivette Braga. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. PIAGET, Jean. Seis estudos de Psicologia . Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. POZO, Juan Ignacio. Aprendizes e mestres : a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.			



TEIXEIRA, Edival. **Vigotski e o materialismo dialético**: uma introdução aos fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural. Pato Branco: FADEP, 2005.

VYGOTSKY, Lev. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/EDUSP, 1988.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH342	POLÍTICA EDUCACIONAL E LEGISLAÇÃO DO ENSINO NO BRASIL	4	60
EMENTA			
1. Estado e políticas educacionais: conceitos básicos. 2. O estado brasileiro e a política educacional: aspectos históricos, reformas. 3. Políticas de financiamento da educação. 4. Formação de professores para a Educação Básica. 5. Legislação e políticas vigentes (sistemas de ensino e escolas). 6. Organização da Educação Básica: níveis e modalidades.			
OBJETIVO			
Estudar e analisar a política educacional brasileira compreendendo os diferentes contextos, aspectos históricos, sociológicos e tendências, considerando o ordenamento legal e normativo da educação no Brasil.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
AZEVEDO, Janete M. Lins de. A educação como política pública . 2. ed. amp. Campinas: Autores Associados, 2001. SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia M. de; EVANGELISTA, Olinda. Política educacional . Rio de Janeiro: DP&A, 2000. VIEIRA, Sofia L.; FARIAS, Isabel M. S. de. Política educacional no Brasil: introdução histórica . Brasília: Liber Livro, 2007. VIEIRA, Sofia Lerche. Educação básica: política e gestão da escola . Brasília: Liber Livro, 2009.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BARRETO, Elba Siqueira de Sá. Políticas e práticas de formação de professores da educação básica no Brasil: um panorama nacional. RBP AE , Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 39-52, jan./abr. 2011. CORBUCCI, Paulo Roberto et al. Vinte anos da Constituição Federal de 1988: avanços e desafios na educação brasileira. IPEA . Disponível em: < http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/bpsociais/bps_17/volume02/04_ca pt01.pdf >. COSTA, Messias. A educação nas constituições do Brasil: dados e direções . Rio de Janeiro: DP&A, 2002. DAVIES, Nicolas. A educação nas constituições federais e em suas emendas de 1824 a 2010. Revista HISTEDBR On-line , Campinas, n. 37, p. 266-288, mar. 2010. DAVIES, Nicholas; ADRIÃO, Theresa. Noções gerais sobre o financiamento da educação no Brasil. Eccos , v. 8, n. 1, São Paulo, p. 23-46, jan/jun. 2006. FARENZENA, Nalú. Políticas de assistência financeira da união no marco das responsabilidades (inter)governamentais em educação básica. In: ANPED - GT5 – Estado e Políticas Educacionais. Anais... do Intercâmbio Federalismo e Políticas Educacionais na efetivação do direito à educação no Brasil . Curitiba, 2010. KRAWCZYK, Nora; CAMPOS, Maria Malta; HADDAD, Sérgio (Org.). O cenário educacional latino-americano no limiar do século XXI: reformas em debate . Campinas: Autores Associados, 2000. OLIVEIRA, Romualdo Portela de. O direito à educação. In: OLIVEIRA, Romualdo Portela de; ADRIÃO, Theresa (Org.). Gestão, financiamento e direito à educação: análise da Constituição Federal e da LDB . 3. ed. rev. ampliada. São Paulo: Xamã,			



2007.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de; SANTANA, Wagner (Org.). **Educação e federalismo no Brasil**: combater as desigualdades, garantir a diversidade. Brasília: UNESCO, 2010.

SCHEIBE, Leda. Valorização e formação dos professores para a educação básica: questões desafiadoras para um novo plano nacional de educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 112, p. 981-1000, jul.-set. 2010.

VIEIRA, Sofia Lerche. **A educação nas constituições brasileiras**: texto e contexto. **RBEP**, Brasília, v. 88, n. 219, p. 291-309, maio/ago. 2007.

_____. **Política educacional em tempos de transição (1985-1995)**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2008.

Documentos/legislação:

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e emendas.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96.

Plano Nacional de Educação – 2001-2010 e 2011-2020 (projeto de lei). Legislação pertinente.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GLA109	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (Libras)	04	60
EMENTA			
1. Visão contemporânea da inclusão e da educação especial na área da surdez. 2. Cultura e identidade da pessoa surda. 3. Tecnologias voltadas para a surdez. 4. História da linguagem de movimentos e gestos. 5. Breve introdução aos aspectos clínicos, educacionais e sócio-antropológicos da surdez. 6. Características básicas da fonologia de Libras: configurações de mão, movimento, locação, orientação da mão, expressões não-manuais. 7. O alfabeto: expressões manuais e não manuais. 8. Sistematização e operacionalização do léxico. 9. Morfologia, sintaxe, semântica e pragmática da Libras; 10. Diálogo e conversação. 11. Didática para o ensino de Libras.			
OBJETIVO			
Dominar a língua brasileira de sinais e elaborar estratégias para seu ensino, reconhecendo-a como um sistema de representação essencial para o desenvolvimento do pensamento da pessoa surda.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BRASIL. Língua Brasileira de Sinais . Brasília: SEESP/MEC, 1998. BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma gramática de línguas de sinais . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. COUTINHO, Denise. LIBRAS e Língua Portuguesa: Semelhanças e diferenças . João Pessoa: Arpoador, 2000. FELIPE, Tanya; MONTEIRO, Myrna. LIBRAS em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor . 4. ed. Rio de Janeiro: LIBRAS Editora Gráfica, 2005. QUADROS, Ronice Muller de. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos . Porto Alegre: Artmed, 2004. SACKS, Oliver W. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos . São Paulo: Companhia das Letras, 1998.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BRASIL. Decreto 5.626/05. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União , Brasília, 23 dez. 2005. CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe – LIBRAS . São Paulo: EDUSP / Imprensa Oficial, 2001. LABORIT, Emmauelle. O Vôo da Gaivota . Paris: Editora Best Seller, 1994. LODI, Ana Cláudia Balieiro et al. Letramento e Minorias . Porto Alegre: Mediação, 2002. MOURA, Maria Cecília de. O surdo: caminhos para uma nova identidade . Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 2000. _____. Língua de Sinais e Educação do Surdo . Série neuropsicológica. São Paulo: TEC ART, 1993. v. 3. PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. Curso de LIBRAS 1 . 1. ed. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006. QUADROS, Ronice Muller. Educação de surdos. A Aquisição da Linguagem . Porto Alegre: Editora Artmed, 1997 SACKS, Oliver. Vendo Vozes – Uma viagem ao mundo dos surdos . São Paulo: Cia.			



das Letras, 1998.

WILCOX, Sherman. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro: editora Arara Azul, 2005.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH649	INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA	02	30
EMENTA			
Etnocentrismo e relativismo cultural; etnografia, trabalho de campo e o olhar antropológico; campo, contextos e paradigmas antropológicos; antropologias periféricas e a antropologia no Brasil.			
OBJETIVO			
Apresentar os principais conceitos e noções da antropologia social; proporcionar uma iniciação à prática e ao raciocínio etnográfico e relacional da Antropologia; situar o processo de emergência, consolidação e institucionalização da antropologia como campo acadêmico-científico.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
DA MATTA, Roberto. Relativizando: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. ERIKSEN, Thomas; NIELSEN, F. S. História da antropologia. Petrópolis: Vozes, 2012.. LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2003. LARAIA, Roque. Cultura: um conceito antropológico. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo. São Paulo: UNESP, 2006. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Sobre o pensamento antropológico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BENEDICT, Ruth. O crisântemo e a espada. São Paulo: Perspectiva, 2009. BOAS, Franz. A mente do ser humano primitivo. Petrópolis: Vozes, 2010. CASTRO, Celso. Antropologia cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005. CASTRO, Celso. Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996. EVANS-PRITCHARD, Edward. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Jorge Zahar, 2005. KROPOTKIN, Piotr. Apoio mútuo: um fator de evolução. Porto Alegre: Deriva, 2012. MALINOWSKI, Bronislaw. Os argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril, 1978. SCHWARTZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. TODOROV, Tzvetan. A conquista da América. São Paulo: Martins Fontes, 2010.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH658	ANTROPOLOGIA I	04	60
EMENTA			
O debate acerca das noções de cultura e sociedade em antropologia; identidade, alteridade e etnicidade; diversidade sociocultural e políticas da identidade; cultura e sociedade brasileiras.			
OBJETIVO			
Apresentar e discutir o estatuto e a dinâmica dos conceitos de cultura, sociedade e identidade na história e na teoria antropológicas, de forma a instrumentalizar estudantes para que se situem e posicionem com relação a estes conceitos e às diferentes escolas de pensamento antropológico.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas . Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989. EVANS-PRITCHARD, Edward. Os Nuer . São Paulo: Perspectiva, 2008. KUPER, Adam. Cultura: a visão dos antropólogos . São Paulo: Edusc, 2002. MAUSS, Marcel. Antropologia e Sociologia . São Paulo: Cosac & Naify, 2003. STOCKING JR., George (Org.); BOAS, Franz. A formação da antropologia americana . Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BENEDICT, Ruth. Padrões de cultura . Petrópolis: Vozes, 2013. CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX . Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.. CUNHA, Manuela Carneiro. Antropologia do Brasil . São Paulo: Brasiliense, 1986 DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis . Rio de Janeiro: Rocco, 1997.. ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. FELDMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo L. (Org.); WOLF, Eric. Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf . Campinas/São Paulo/Brasília: UNICAMP/Imprensa Oficial/UnB, 2003. FREIRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal . São Paulo : Global, 2006. LASK, Tomke (Org.); BARTH, Fredrik. O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas . Rio de Janeiro: Contracapa, 2000. MALINOWSKI, B. Crime e costume na sociedade selvagem . Brasília: UNB, 2008. OLIVEIRA FILHO, J. P. (Org.). A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena . Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/LACED, 2004. OLIVEN, Ruben. A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil nação . Petrópolis: Vozes, 1992.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH659	ANTROPOLOGIA II	04	60
EMENTA			
O debate acerca das noções de estrutura e processo em antropologia; rituais, mitos e símbolos; lógicas, práticas e agenciamentos sociais; etnologia no Brasil.			
OBJETIVO			
Apresentar e discutir o estatuto e a dinâmica dos conceitos de estrutura, processo e agência na história e na teoria antropológicas, de forma a instrumentalizar estudantes para que se situem e posicionem com relação a estes conceitos e às diferentes escolas de pensamento antropológico.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado . São Paulo: Cosac Naify, 2003. LEVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012. 2 v. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia . São Paulo: Cosac & Naify, 2011. RADCLIFFE-BROWN, A. R. Estrutura e função na sociedade primitiva . Petrópolis: Vozes, 2013. SAHLINS, Marshall. Ilhas de história . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e antiestrutura . Petrópolis: Vozes, 1974.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
AZZAN JR., Celso. Antropologia e interpretação . Campinas: UNICAMP, 1996. DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo . São Paulo: Perspectiva, 2010. DUMONT, Louis. O individualismo . Rio de Janeiro: Rocco, 1985. FAUSTO, Carlos. Inimigos fiéis . São Paulo: Edusp, 2001. FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). Antropologia das sociedades contemporâneas . São Paulo: Global, 2009. FERNANDES, Florestan. A etnologia e a sociologia no Brasil: ensaios sobre aspectos da formação e do desenvolvimento das ciências sociais na sociedade brasileira . São Paulo: Anhembi, 1958. LEACH, E. R. Sistemas Políticos da Alta Birmânia . São Paulo: EDUSP, 1996. LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem . Campinas: Papyrus, 2012. LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes trópicos . São Paulo: Cia. das Letras, 1999. NIMUENDAJU, Curt. As Lendas da criação e da destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocúva-Guarani . São Paulo: Hucitec/Edusp, 1987. TAUSSIG, Michael. Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH660	ANTROPOLOGIA III	04	60
EMENTA			
Desdobramentos e apropriações da história e teoria antropológicas; temas e universos de pesquisa antropológica; perspectivas antropológicas contemporâneas; antropologias do mundo.			
OBJETIVO			
Apresentar as principais inovações teóricas e conceituais com relação aos conceitos fundamentais da antropologia, discutindo e situando as diferentes perspectivas emergentes na história e nas linhagens do pensamento antropológico.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Cultura entre aspas . São Paulo: Cosac & Naify, 2009. CHATERJEE, Partha. Colonialismo, modernidade e política . Rio de Janeiro: Relume-Dumará/FAPERJ, 2002. LATOURET, Bruno. Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora . São Paulo: UNESP, 2000. STRATHERN, Marilyn. O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia . Campinas: Ed. Unicamp, 2006. WAGNER, Roy. A invenção da cultura . São Paulo: Cosac Naify, 2010. RIBEIRO, G. L.; ESCOBAR, A. (Org.). Antropologias mundiais: transformações da disciplina em sistemas de poder . Brasília: Editora da UnB/LetrasLivres, 2012.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade . Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. DESCOLA, Phillipe. As lanças do crepúsculo . São Paulo: Cosac & Naify, 2006. ESCOBAR, Arturo. Más allá del tercer mundo: globalización y diferencia . Bogotá: ICANH, 2005. FISCHER, Michael. Futuros antropológicos: redefinindo a cultura na era tecnológica . Rio de Janeiro: Zahar, 2011. GEERTZ, Clifford. Obras e vidas: o antropólogo como autor . Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. LATOURET, Bruno. A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos . Bauru: EDUSC, 2001. SAHLINS, Marshall. Esperando Foucault, ainda . São Paulo: Cosac & Naify, 2013. TADEU, T. (Org.); HARAWAY, D.; KUNZRU, H. Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano . Belo Horizonte: Autêntica, 2009.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH648	INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA	02	30
EMENTA			
Pressupostos conceituais elementares da abordagem sociológica. Limites e potencialidades de uma ciência da sociedade. Fundamentos do pensamento sociológico moderno: Robert Owen, Charles Fourier, Pierre-Joseph Proudhon, Claude-Henri de Saint-Simon, Herbert Spencer e Auguste Comte. Teoria social e teoria sociológica. A profissão de sociólogo.			
OBJETIVO			
Proporcionar aos estudantes contato com as primeiras formulações do pensamento sociológico moderno, abordando suas dimensões conceituais. Apresentar reflexões sobre a sociologia como campo profissional.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ADORNO, Theodor. Introdução à sociologia . São Paulo, Unesp, 2008. BOUDON, Raymond. Tratado de sociologia . Rio de Janeiro: Zahar, 1996. BRAGA, Ruy e BURAWOY, Michael (Org.). Por uma sociologia pública . São Paulo: Alameda, 2009. LALLEMENT, Michel. História das ideias sociológicas: das origens a Max Weber . Petrópolis: Vozes, 2008. LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber . Eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. TEIXEIRA, Aloisio. Utópicos, Heréticos e Malditos . Rio de Janeiro: Record, 2002.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BAUMAN, Zygmunt e MAY, Tim. Aprendendo a Pensar com a Sociologia -. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. BERGER Peter. Perspectivas Sociológicas – Uma Visão Humanística -. Petrópolis: Vozes, 2012. BOTTOMORE, Tom e NISBET, Robert. História da Análise Sociológica -. Editora: Zahar Editores, Rio de Janeiro COMTE, Auguste. Comte: Os Pensadores . São Paulo: Abril Cultural, 1978. GIDDENS, Anthony. Sociologia . 4. ed. Porto Alegre: 2005. LEVINE, Donald N. Visões da tradição sociológica . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. MARTINS, Carlos Benedito. O que é sociologia . São Paulo: Brasiliense, 1994. OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (Org.). Dicionário do pensamento social do século XX . Rio de Janeiro: Zahar, 1996. PROUDHON, Pierre-Joseph. Textos Escolhidos . L&PM: Porto Alegre, 1983.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH652	SOCIOLOGIA I	04	60
EMENTA			
Formulações clássicas do pensamento sociológico moderno do século XIX ao início do século XX. Karl Marx e o capitalismo como questão sociológica. Ferdinand Tönnies e a antinomia Comunidade – Sociedade. A sociologia funcionalista de Emile Durkheim. A sociologia compreensiva de Max Weber. A sociologia formalista e impressionista de Geog Simmel.			
OBJETIVO			
Conhecer os principais pressupostos teóricos e metodológicos dos expoentes das primeiras fases do pensamento sociológico clássico, abordando o contexto sócio-histórico de suas formulações, bem como seus ulteriores desdobramentos.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
DURKHEIM, Emile. As regras do método sociológico . São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009. LALLEMENT, Michel. História das ideias sociológicas: das origens a Max Weber . Petrópolis: Vozes, 2008. MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política . São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. MIRANDA, Orlando (Org.). Para ler Ferdinand Tönnies . São Paulo: Edusp, 1995. SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade . Rio de Janeiro: Zahar, 2006. WEBER, Max. Ensaio de Sociologia . 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTAR			
DURKHEIM, Emile. Da divisão social do trabalho . Porto: Editorial Presença, 2010. _____. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália . São Paulo: Martins Fontes, 1996. QUINTANERO, Tania; BARBOSA, Maria; OLIVEIRA, Márcia. Um toque de clássicos . 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010. MARX, Karl. O Capital . São Paulo: Nova Cultural, 2011. 5 v. _____. Manuscritos econômico-filosóficos . São Paulo: Boitempo, 2004. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã . 1. ed. rev. São Paulo, SP: Boitempo, 2011. _____. Manifesto do partido comunista . 10. ed. rev. São Paulo: Global, 2006. WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva . 4. ed. Brasília: Unb, 2004. _____. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo . São Paulo: Martin Claret, 2009. SOUZA, Jessé; OELZE, Berthold (Org.). Simmel e a Modernidade . Brasília: UnB, 1998.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH653	SOCIOLOGIA II	04	60
EMENTA			
Formulações do pensamento sociológico moderno da primeira metade do século XX. Escola de Chicago e Ecologia Humana. A sociologia fenomenológica de Alfred Schutz. Interacionismo Simbólico e Etnometodologia. Sociologia dramática de Erving Goffman. Escola de Frankfurt. Teoria geral da ação de Talcott Parsons.			
OBJETIVO			
Examinar as perspectivas sociológicas da primeira metade do século XX, abordando o contexto sócio-histórico de suas formulações, bem como seus posteriores desdobramentos.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
EUFRÁSIO, Mário A. Estrutura Urbana e Ecologia Humana: a Escola Sociológica de Chicago (1915-1940) . São Paulo: 34, 1999. GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). Teoria social hoje . São Paulo: UNESP, 2000. GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana . 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. HORKHEIMER, Max. Teoria Crítica . São Paulo: Perspectiva, 2008. PARSONS, Talcott. O sistema das sociedades modernas . São Paulo: Pioneira, 1974.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica . Porto Alegre: LP&M, 2014. COULON, Alain. A Escola de Chicago . Campinas: Papirus, 1995. GIDDENS, Anthony. Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento clássico e contemporâneo . São Paulo: Editora da UNESP, 1998. GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada . 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988. MARCUSE, Herbert. Eros e Civilização – uma interpretação filosófica do pensamento de Freud . 8ª Ed. São paulo: LTC, 1999. MERTON, Robert. Sociologia: teoria e estrutura . São Paulo: Mestre Jou, 1970. PARSONS, Talcott. Hacia una teoria general de la acción . Buenos Aires: Kapelusz, 1968. SHÜTZ, Alfred. Fenomenología del Mundo Social - Introducción a la sociología comprensiva . Buenos Aires: Paidós, 1972. ROCHER, Guy. Talcott Parsons e a sociologia americana . Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH654	SOCIOLOGIA III	04	60
EMENTA			
Formulações do pensamento sociológico moderno da segunda metade do século XX à atualidade. Exame do debate sobre a crise de “paradigma” na sociologia e seus desdobramentos. Abordagens sociológicas emergentes.			
OBJETIVO			
Examinar as perspectivas sociológicas da segunda metade do século XX à atualidade, abordando o contexto sócio-histórico de suas formulações, bem como seus posteriores desdobramentos.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BOURDIEU, Pierre. Razões práticas : sobre a teoria da ação. Campinas-SP: Papyrus Editora, 2011. BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. O novo espírito do capitalismo . São Paulo: Martins Fontes, 2009. CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede . Paz e Terra: São Paulo, 1999. v. 1. CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade . São Paulo: Martins Fontes, 2007. GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade . São Paulo: UNESP, 1991. TOURAINE, Alain. Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje . Petrópolis: Vozes, 2007.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. BECKER, Howard. Outsiders : estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs . Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: 34, 1997. ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders : sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade (trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. FOUCAULT, Michel. Nascimento da Biopolítica : curso dado no Collège de France (1978-1979) (Trad. Eduardo Brandão). São Paulo: Martins Fontes, 2008. HABERMAS, Jürgen. Mudança Estrutural da Esfera Pública . São Paulo: Tempo Brasileiro, 2003. HARVEY, David. Condição pós-moderna : uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011. LATOUR, Bruno. Reensamblar Lo Social : uma introdución a la teoria del actor-red. Buenos Aires: Manantial, 2008. MORIN, Edgard. O método . Porto Alegre: Sulina, 2005. 6 v. RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. Inflexion Decolonial : fuentes, conceptos, cuestionamientos. Popayan: Universidad del Cauca, 2010.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH647	INTRODUÇÃO À TEORIA POLÍTICA	2	30
EMENTA			
O estudo da política: Filosofia e Ciência Política. Pensamento Político da Antiguidade. Conceitos básicos de Ciência Política: poder, Estado, partidos, sistemas eleitorais e regimes políticos. A política como correlação de forças, relações de poder e organização social.			
OBJETIVOS			
Analisar o processo de estudo da política. Compreender o objeto de estudo e a abrangência da Ciência Política.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BOBBIO, Norberto. Teoria Geral da Política . Rio de Janeiro: Campus Editora, 2000. MAAR, Wolfgang Leo. O que é Política . 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. MARTINS JUNIOR, Jose Paulo; DANTAS, Humberto (orgs.). Introdução à Política Brasileira . São Paulo: Paulus Editora, 2007. MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein . Rio de Janeiro: Zahar, 2010. SARTORI, Giovanni. A Política . 2. ed. Brasília: UnB, 1997 WEFFORT, Francisco. Os Clássicos da Política . São Paulo: Ática, 2006. v. 1 e 2.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ARISTÓTELES. A Política . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política . Brasília: UnB, 2007. BOBBIO, Norberto. Teoria Geral da Política . Rio de Janeiro: Campus, 2000. CARDOSO, Fernando Henrique; MARTINS, Carlos Estevam (Org.). Política & Sociedade . São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. v. 1 e 2. OLIVIER, Nay. História das Idéias Políticas . Petrópolis: Vozes, 2007. PLATÃO. A República . São Paulo: Martins Fontes, 2008.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH655	TEORIA POLÍTICA I	04	60
EMENTA			
Concepções modernas do estudo da política. Estado moderno. Absolutismo e Liberalismo. Contratualismo e legitimidade.			
OBJETIVO			
Compreender os princípios e fundamentos da concepção moderna da política.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
HOBBS, Thomas. O leviatã . São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Clássicos Cambridge). LOCKE, John. Dois tratados sobre o governo . São Paulo: Martins Fontes, 2005. MAQUIAVEL, Nicolau. Discurso sobre a primeira década de Tito Lívio . Brasília: UnB, 2008. . O Príncipe . Diversas edições. Porto Alegre: L&PM, 2010. MONTESQUIEU, Charles Louis. O espírito das leis . São Paulo: Martins Fontes, 2005. ROUSSEAU, Jean Jaques. Do contrato social . São Paulo: Martins Fontes, 2006.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BIGNOTO, Newton. Maquiavel republicano . Belo Horizonte: UFMG, 2005. BOBBIO, Norberto. Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos . Rio de Janeiro: Campus, 2000. HOBBS, Thomas. Do cidadão . São Paulo: Martins Fontes, 2002. HOBBS, Thomas. Os Elementos da Lei Natural e Política . São Paulo: Martins Fontes, 2010. LOCKE, John. Ensaio político . São Paulo: Martins Fontes, 2007. QUIRINO, Célia Galvão; VOUGA, Claudio; BRANDÃO, Gildo Marçal. Clássicos do Pensamento Político . São Paulo: Edusp, 2004. ROUSSEAU, Jean Jaques. Discurso sobre as origens e os fundamentos da desigualdade entre os homens . São Paulo: Martins Fontes, 2005. SKINNER, Quentin. As fundações do pensamento político moderno . São Paulo: Companhia das Letras, 1999. WEFFORT, Francisco. Os Clássicos da Política . São Paulo: Ática, 2006. v. 1 e 2.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH656	TEORIA POLÍTICA II	04	60
EMENTA			
Surgimento, definições e características da Democracia Liberal e Representação Política. Teoria das Elites. Partidos Políticos e sistemas partidários.			
OBJETIVO			
Analisar o processo de formação da Democracia Representativa, da Representação Política e da Teoria das Elites.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
DAHL, Robert. A democracia e seus críticos. São Paulo: editora Martins Fortes, 2012. Dossiê “O centenário de Sociologia dos Partidos Políticos, de Robert Michels”. Revista de Sociologia e Política , vol. 20, nº44, 2012. HAMILTON, Alexander et al. O federalista . Brasília: Líder, 2003. MILL, John Stuart. Sobre a liberdade. São Paulo: editora Hedra, 2010. PANEBIANCO, Angelo. Modelos de partido – organização e poder nos partidos políticos. São Paulo: Martins Fontes, 2005. WEFFORT, Francisco. Os Clássicos da Política. São Paulo: Ática, 2006. Volume 2.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BOBBIO, Norberto. Liberalismo e democracia . São Paulo: Brasiliense, 1988. BOTTOMORE, T. As elites e a sociedade . Rio de Janeiro: Zahar, 1974. DUVERGER, Maurice. Os partidos políticos . Tradução: Cristiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. LIMA JÚNIOR, Olavo Brasil de. Instituições Políticas Democráticas – o segredo da legitimidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. MILLS, C. Wright. A elite do poder . Rio de Janeiro: Zahar, 1981. PISIER, Evelyne (Org.). História das Idéias Políticas . Barueri: Manole, 2004. RAWLS, John. O liberalismo político . São Paulo: Ática, 2000. SARTORI, G. A Teoria da Democracia Revisitada . São Paulo: Ática, 1994. 2 v. SCHUMPETER, Joseph A. Capitalismo, Socialismo e Democracia . São Paulo: Zahar, 1984. SOUZA, Amaury (Org.). Sociologia Política . Rio de Janeiro: Zahar, 1966. 2 v. TOCQUEVILLE, Alexis. Democracia na América . São Paulo: Martins Fontes, 2000. 2 v. WEFFORT, Francisco. Os Clássicos da Política . São Paulo: Ática, 2006. v. 1 e 2.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH657	TEORIA POLÍTICA III	04	60
EMENTA			
As bases da Teoria Política Contemporânea. Instituições, Comportamentalismo, Cultura Política, Teoria da Escolha Racional, Pluralismo e Neomarxismo.			
OBJETIVO			
Analisar as compreensões contemporâneas do processo político.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
DAHL, Robert. Poliarquia . Brasília: UnB, 2005. DOWNS, Anthony. Uma teoria econômica da democracia . São Paulo: Edusp, 1999. KUSCHNIR, Karina; CARNEIRO, Leandro Piquet. As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política. Estudos Históricos , vol 13., nº 24, 1999. LIJPHART, Arend. Modelos de Democracia – desempenho e padrões de governo em 36 países. Madrid: Ariel, 2000. LOSURDO, Domenico. Democracia ou Bonapartismo . São Paulo: UNESP, 2004. OLSON, Mancur. A lógica da ação coletiva . São Paulo: Edusp, 2011. POULANTZAS, Nicos. O Estado, o Poder e o Socialismo . São Paulo: Edições Graal, 2000.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
CREMONESE, Dejalma; BAQUERO, Marcello. Capital Social: Teoria e Prática . Ijuí: Unijuí, 2006. DAHL, Robert. Sobre a Democracia . Brasília: UnB, 2009. EASTON, David (Org.). Modalidades de análise política . Rio de Janeiro: Zahar, 1970. FERES JÚNIOR, João; POGREBINSCHI, Thamy. Teoria Política Contemporânea . Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2010. FIGUEIREDO, Marcus. A Decisão do Voto – Democracia e Racionalidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. HALL, Peter; TAYLOR, Rosemary. As três versões do neoinstitucionalismo. Lua Nova , São Paulo, n. 58, p. 193-223, 2003. HARRISON, Lawrence E.; HUNTINGTON, Samuel. A Cultura Importa – os valores que definem o progresso humano. Rio de Janeiro: Record, 2002. LENIN, Vladimir Ilich. O Estado e a revolução . Rio de Janeiro: Vitória, 1961. OFFE, Claus. Problemas Estruturais do Estado Capitalista . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. PUTNAM, Robert D. Comunidade e Democracia – A Experiência da Itália Moderna. Rio de Janeiro: FGV, 1996. TSEBELIS, George. Atores com Poder de Veto – como funcionam as instituições políticas. Rio de Janeiro: FGV, 2009.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH662	METODOLOGIA DE ENSINO EM CIÊNCIAS SOCIAIS	4	60
EMENTA			
A importância do ensino de sociologia no Ensino Médio. Reflexão sobre os desafios e obstáculos da prática docente em sociologia no Ensino Médio. Análise teórica e metodológica das escolhas dos conteúdos programáticos. Avaliação de programas de ensino de sociologia no Ensino Médio. Seleção de materiais didáticos. Exercícios de elaboração de programas e planos de ensino de sociologia para o Ensino Médio.			
OBJETIVO			
Conhecer a discussão acerca dos instrumentos teóricos e metodológicos relacionados à prática docente em sociologia na educação básica.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
FIGUEIREDO, A. V.; OLIVEIRA, L. F.; PINTO, N. M. (Org.). Sociologia na sala de aula : reflexões e experiências docentes no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2012. GIROUX, H. A. Os professores como intelectuais : rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem (Trad. Daniel Bueno). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. LIMA, A. M. S.; ARAÚJO, A. L.; FERREIRA, J.; MOTTA, S. C. L. (Org.). Sugestões didáticas de ensino de sociologia . Londrina: UEL, 2012. MEKSENAS, P. Sociologia . 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. MORAES, A. C. Ensino de sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade. Cad. Cedes , Campinas, v. 31, n. 85, p. 359-382, set.-dez. 2011.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BRIDI, M. A.; ARAÚJO, S. M.; MOTIM, B. L. Ensinar e aprender sociologia . São Paulo: Contexto, 2009. CAREGNATO, C. E.; GENRO, M. E. H. (Org.). Sociologia e filosofia para quê? Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 97-106. DOLL, J.; ROSA, R. T. D. (Org.). Metodologia de ensino em foco : práticas e reflexões. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. FARIA, M. A. Como usar o jornal na sala de aula . 11. ed. São Paulo: Contexto, 2011. FONSECA, D. G. (In)disciplina na escola: desafios e perspectivas. In: RODRIGUES, C. C.; AZEVEDO, J. C.; POLIDORI, M. M. (Org.). Os desafios na escola : olhares diversos sobre as questões cotidianas. Porto Alegre: Sulina/IPA, 2010. p. 69-86. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia : saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. MEIRELLES, M.; RAIZER, L.; PEREIRA, L. H. (Org.). O ensino de sociologia no RS : repensando o lugar da sociologia. Porto Alegre: Evangraf/LAVIECS, 2013. MILLS, C. W. A Imaginação Sociológica . Rio de Janeiro: Zahar, 1982. MORAES, A. C.; GUIMARÃES, E. F. Metodologia de ensino de ciências sociais: relendo as OCEM-Sociologia. In: MORAES, A. C. (Org.). Sociologia : Ensino Médio. Brasília: MEC, SEB, 2010. p. 45-62. (Coleção Explorando o Ensino) v. 15. RAMALHO, J. R.; SOUSA, R. A. (Org.). Sociologia para o Ensino Médio : conteúdos e metodologias. Campina Grande: EDUFCG, 2012. ZABALA, A. A prática educativa : como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2010. ZITKOSKI, . Diálogo e Educação: desafios para uma metodologia de ensino dialógica. In: Célia Elizabete Caregnato; Maria Elly Genro. (Org.). Sociologia e Filosofia Por Que? diálogos com protagonistas na escola. 1ªed.Porto Alegre: Ed UFRGS, 2011, v. 1, p. 97-106.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH661	EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	04	60
EMENTA			
<p>O conhecimento científico social na confluência entre ciências nomológicas e ciências histórico-hermenêuticas. O positivismo científico, a ênfase na validação empírico-indutiva dos enunciados científico-sociais e os limites epistêmicos de tais abordagens. A clivagem kuhniana entre ciências paradigmáticas e ciências pré-paradigmáticas. O pensamento popperiano e sua influência sobre as ciências sociais. Linhagens e perspectivas epistemológicas nas ciências sociais. A mediação entre teoria e dados de pesquisa. As ciências sociais e o giro descolonial.</p>			
OBJETIVO			
<p>Refletir sobre o debate acadêmico acerca da validação dos argumentos, dos dados empíricos e das elaborações teóricas e metodológicas em ciências sociais, possibilitando ao aluno entender os limites do conhecimento das Ciências Humanas e discernir perspectivas de ensino e pesquisa com vigilância epistemológica adequada a cada contexto.</p>			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
<p>FEYERABEND, Paul. Contra o método. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011.</p> <p>HABERMAS, Jürgen. A lógica das Ciências Sociais. (Trad. de Marco Antônio Casanova). Petrópolis: Vozes, 2011.</p> <p>KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.</p> <p>LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.</p> <p>POPPER, Karl. Textos Escolhidos. São Paulo: Contraponto, 2008.</p> <p>RICOEUR, Paul. Hermenêutica e ideologias. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção Textos filosóficos).</p>			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
<p>CASTORIADIS, Cornelius. Sujeito e Verdade no mundo social-histórico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.</p> <p>FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.</p> <p>LATOUR, Bruno. Jamais Fomos Modernos. Rio de Janeiro: 34, 2009.</p> <p>MESZAROS, I. Filosofia, Ideologia e Ciência Social. São Paulo: Boitempo, 2008.</p> <p>MORIN, Edgar. Ciência com consciência. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.</p> <p>MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2011.</p> <p>SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.</p> <p>STRENGERS, Isabelle. A invenção das ciências modernas. São Paulo: Ed. 34, 2002.</p> <p>WEBER, Max. Metodologia das ciências sociais. São Paulo: Cortez, 2001. 2 v.</p>			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH664	METODOLOGIA DE PESQUISA QUALITATIVA	4	60
EMENTA			
<p>Métodos e técnicas da pesquisa qualitativa. A mediação entre teoria e dados de pesquisa. Combinação de diferentes fontes e metodologias de pesquisa. História oral; observação participante e etnografia; etnografia multissituada; pesquisa-ação; grupo focal; estudo de caso; trajetórias e histórias de vida; pesquisa histórica; análise de discurso; utilização de fontes artísticas ou literárias; pesquisa qualitativa nas mídias tradicionais e nas novas mídias; articulações entre pesquisa qualitativa e quantitativa. Métodos de pesquisa qualitativos e a prática da docência.</p>			
OBJETIVO			
<p>Possibilitar ao aluno o domínio de conteúdos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa, visando à produção de conhecimentos de investigação e intervenção na realidade social.</p>			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
<p>ANGROSINO, Michael. Etnografia e Observação Participante. Porto Alegre: Artmed; Penso, 2011. BANKS, Marcus. Dados Visuais para Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed; Penso, 2011. BAUER, Martin; GASKELL, George (Ed.). Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2013. CRESWELL, John W.; PLANO CLARK, Vick L. Pesquisa de Métodos Mistos. Porto Alegre: Artmed; Penso, 2013. DENZIN, Normam; LINCOLN, Yvonna (Org.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed; Bookman, 2006. MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2011.</p>			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
<p>ANDRÉ, Marli. Etnografia da prática escolar. 16. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2009. BIANCO, B. (Org.). Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Global, 2009. BRANDÃO, C. R. (Org.). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1984. FLICK, Uwe. Desenho da Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed; Penso, 2011. KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen. Pesquisa em Educação: conceituando a bricolagem. Porto Alegre: Artmed; Penso, 2007. PEREIRA, Júlio Cesar Rodrigues. Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as Ciências da Saúde, Humanas e Sociais. São Paulo: USP, 1999. STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. Pesquisa Qualitativa: Técnicas e Procedimentos para o Desenvolvimento de Teoria Fundamentada. Porto Alegre: Artmed; Penso, 2008. THIOLLENT, Michel (Org.). Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, 1985. VASCONCELOS, Eduardo Mourão. Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis: Vozes, 2011.</p>			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH665	METODOLOGIA DE PESQUISA QUANTITATIVA	4	60
EMENTA			
Métodos e técnicas da pesquisa quantitativa: a questão escalar; construção de dados, técnicas de amostragem, descrição e exploração de dados categorizados, distribuição de frequência de dados quantitativos. Combinação de diferentes fontes e metodologias de pesquisa: aspectos cognitivos da técnica de pesquisa <i>survey</i> ; articulações entre pesquisa qualitativa e quantitativa métodos de pesquisa quantitativos e a prática da docência.			
OBJETIVO			
Apresentar teorias e métodos científicos que possibilitem ao aluno o domínio de conteúdos teórico-metodológicos da pesquisa quantitativa, visando à produção de conhecimentos de investigação e intervenção na realidade social.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
AZEVEDO, Amílcar Gomes de. Estatística básica : curso de ciências humanas e de educação. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981. BABBIE, Earl. Métodos de Pesquisa de Survey . Belo Horizonte: UFMG, 1999. BARROS, Aidil de Jesus Paes de. Projeto de pesquisa : propostas metodológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. BECKER, H. S. Métodos de pesquisa em ciências sociais . São Paulo: Hucitec, 1994. BOUDON, R. Métodos Quantitativos em Sociologia . Petrópolis: Vozes, 1971. CRESWELL, John W.; PLANO CLARK, Vick L. Pesquisa de Métodos Mistos . Porto Alegre: Artmed; Penso, 2013.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BUSSAD, Wilton. Métodos Quantitativos : Estatística Básica. São Paulo: Atual, 1987. BUSTOS, Dalmira. O Teste Sociométrico . São Paulo: Brasiliense, 1979. COSTA, J. J. da Serra. Elementos de Probabilidade . Rio de Janeiro: Campus, 1981. DEMO, Pedro. Pesquisa : princípio científico e educativo. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011. MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de Pesquisa . São Paulo: Atlas, 2008. MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHEZ, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? Caderno de Saúde Pública , Rio de Janeiro, n. 9, p. 239-262, jul./set., 1993. RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social : métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012. SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico . São Paulo: Cortez, 2010. TURATO, E. R. A questão da complementaridade e das diferenças entre métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa: uma discussão epistemológica necessária. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, José A. V. (Org.) Método qualitativo : epistemologia, complementaridades e campos de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH666	ESTÁGIO DOCENTE SUPERVISIONADO I	07	105
EMENTA			
A escola como espaço de relações. A escola e seus sujeitos: alunos, professores, direção, família e Estado. Projeto Político-Pedagógico. Realidade da rede pública estadual. O sistema de ensino brasileiro e a educação básica.			
OBJETIVO			
Elaborar um diagnóstico da escola, levantando informações sobre o espaço, a história e a infraestrutura da escola, bem como a normatização e as estruturas e processos sociais que nela têm lugar.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BARREIRO, I. M. F.; GEBRAN, R. A. Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores . São Paulo: Avercamp, 2006. CARVALHO, A. M. P. Os estágios nos cursos de licenciatura . São Paulo: Cengage Learning, 2012. FREITAS, D. S.; GIORDANI, E. M.; CORRÊA, G. C. (Org.). Ações educativas e estágios curriculares supervisionados . Santa Maria: UFSM, 2007. FREITAS, R. A. Estágio supervisionado: um espaço privilegiado de formação na licenciatura em Ciências Sociais. In: OLIVEIRA, D. D.; RABELO, D.; FREITAS, R. A. (Org.). Sociologia no Ensino Médio: experiências e desafios . Goiânia: UFG/FUNAPE, 2010. p. 51-58. PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência . 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011. VEIGA, I. P. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, I. P. (Org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível . Campinas: Papirus, 2011. p. 11-35.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ANTUNES, H. S. Formar melhores professores: um desafio para as universidades brasileiras. In: FREITAS, D. S.; GIORDANI, E. M.; CORRÊA, G. C. (Org.). Ações educativas e estágios curriculares supervisionados . Santa Maria: UFSM, 2007. p. 145-157. APPLE, M.; AU, W.; GANDIN, L. A. (Org.). Educação crítica: análise internacional . Porto Alegre: Artmed, 2011. BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino . Petrópolis: Vozes, 2011. BRASIL. Orientações curriculares para o Ensino Médio: ciências humanas e suas tecnologias (conteúdos curriculares 6-Sociologia) . Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. CANÁRIO, R. A escola tem futuro? Das promessas às incertezas . Porto Alegre: Artmed, 2006. Disponível online em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf FERNANDES, F. Educação e sociedade no Brasil . São Paulo: Dominus, 1966. _____. O desafio educacional . São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989. FREIRE, P.; SHOR, I. Medo e ousadia: o cotidiano do professor . 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. SOUZA, H. J. Como se faz análise de conjuntura . 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. SOUZA, A. L. S. A escola e seus significados: uma ressignificação do espaço escolar e uma nova abordagem para o ensino de ciências sociais. In: 3º Encontro Estadual de Ensino de Sociologia (ENSOC). Anais... UFRJ, Rio de Janeiro, 2012. 10 f. (Digitado).			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH667	ESTÁGIO DOCENTE SUPERVISIONADO II	07	105
EMENTA			
A sala de aula como espaço político e pedagógico. A disciplina Sociologia na educação básica. Objetivos da Sociologia nos currículos escolares. Legislação Educacional sobre Sociologia na escola. A prática pedagógica em uma perspectiva crítica. Plano de aula e plano de ensino.			
OBJETIVO			
Possibilitar aos alunos a observação e reflexão do ambiente escolar, tendo em vista o contexto de sala de aula da disciplina de Sociologia no Ensino Médio em suas dimensões ética, estética, política, pedagógica, normativa e cultural.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
<p>BRASIL. Orientações curriculares para o Ensino Médio: ciências humanas e suas tecnologias (conteúdos curriculares 6-Sociologia). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível online em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf</p> <p>FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade: e outros escritos. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.</p> <p>IANNI, O. O ensino das ciências sociais no 1º e 2º graus. Cad. Cedes, Campinas, v. 31, n. 85, p. 327-339, set.-dez. 2011.</p> <p>MAÇAIRA, J. P.; CORDEIRO, M. C. Ser professor, ser estagiário e formar docentes: reflexões sobre experiências de estágios supervisionados e práticas de ensino. In: HANDFAS, A.; OLIVEIRA, L. F. (Org.). A sociologia vai à escola: história, ensino e docência. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2009. p. 247-274.</p> <p>NEVES, A. B. M.; MELO, C.; LANNES, S. Professor regente e licenciandos no estágio supervisionado de prática de ensino: quem aprende com quem? In: HANDFAS, A.; MAÇAIRA, J. P. (Org.). Dilemas e perspectivas da sociologia na educação básica. Rio de Janeiro: E-papers, 2012. p. 77-91.</p>			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
<p>BRASIL. Orientações curriculares para o Ensino Médio: ciências humanas e suas tecnologias (conteúdos curriculares 6-Sociologia). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.</p> <p>_____. Parâmetros Curriculares Nacionais (Plus). Ciências Humanas e suas tecnologias. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>.</p> <p>CARVALHO, C. A. (Org.). A sociologia no Ensino Médio: uma experiência. Londrina: EDUEL, 2010.</p> <p>CHAGAS, S. E. A. O raciocínio sociológico como ferramenta pedagógica nas aulas de sociologia. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, v. 1, n. 2, dez. de 2009.</p> <p>HANDFAS, A.; TEIXEIRA, R. C. A prática de ensino como rito de passagem e o ensino de sociologia na escola de nível médio. Mediações, Londrina, v. 12, n. 1, p. 131-142, jan/jun, 2007.</p> <p>LENNERT, A. L. Condições de trabalho do professor de sociologia. Cad. Cedes, Campinas, v. 31, n. 85, p. 383-403, set.-dez. 2011.</p> <p>LOPES, D. A.; CAMARGO, D. M. P.; COSTA, R. F. Sociologia no Ensino Médio em um mundo em mudanças: a questão da “confluência perversa”. Cad. Cedes, Campinas, v. 31, n. 85, p. 425-446, set.-dez. 2011.</p> <p>MENDONÇA, S. G. L. A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. Cad. Cedes, Campinas, v. 31, n. 85, p. 341-357, set.-dez. 2011.</p> <p>MOTA, K. C. C. S. Os lugares da sociologia na formação de estudantes do Ensino Médio: as perspectivas de professores. Revista Brasileira de Educação, n. 29, maio/jun/jul/ago. 2005. p. 88-107.</p> <p>PEREIRA, L. H. Sociologia no Ensino Médio: socialização, reprodução ou emancipação? Revista Percursos, Florianópolis, v. 13, n. 01, p. 60 – 80, jan/jun. 2012.</p>			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH668	ESTÁGIO DOCENTE SUPERVISIONADO III	13	195
EMENTA			
Prática pedagógica em ciências sociais. Regência de classe.			
OBJETIVO			
Experenciar a regência de classe da disciplina de Sociologia no Ensino Médio.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BOMENY, H.; FREIRE-MEDEIROS, B. (Coord.). Tempos modernos, tempos de sociologia . São Paulo: Editora do Brasil, 2010. BRASIL. Orientações curriculares para o Ensino Médio: ciências humanas e suas tecnologias (conteúdos curriculares 6-Sociologia) . Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível online em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf RAMALHO, J. R. Sociologia para o Ensino Médio . Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012. TOMAZI, N. D. Sociologia para o Ensino Médio . São Paulo: Atual, 2007.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
DESTERRO, F. B. Desigualdades sociais em tempos modernos, tempos de sociologia e em sociologia para o Ensino Médio: uma discussão teórica e conceitual. In: HANDFAS, A.; MAÇAIRA, J. P. (Org.). Dilemas e perspectivas da sociologia na educação básica . Rio de Janeiro: E-papers, 2012. p. 275-305. PEREIRA, T. I. Para além do senso comum: aportes para a construção do conhecimento sociológico na educação básica. In: OLIVEIRA, D. D.; RABELO, D.; FREITAS, R. A. (Org.). Sociologia no Ensino Médio: experiências e desafios . Goiânia: UFG/FUNAPE, 2010. p. 59-82. RODRIGUES, A. T. Sociologia da educação . 6. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH663	SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO	04	60
EMENTA			
Educação como objeto de análise sociológica. Fundamentos e abordagens da Sociologia da Educação. Socialização, reprodução social e mudança social. Análise sociológica da escola e do processo moderno de escolarização. Educação e emancipação.			
OBJETIVO			
Compreender os fundamentos teóricos e analíticos da Sociologia da Educação, relacionando-os à interpretação das relações entre educação e sociedade, dos processos e das instituições de socialização e das condições atuais da escolarização moderna.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
APPLE, Michael; GANDIN, Luis Armando; BALL, Stephen. Sociologia da Educação: análise internacional . Porto Alegre: Penso, 2013. BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. A Reprodução . 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. DUBET, François. Sociologia da Experiência . Lisboa: Instituto Piaget, 1996. DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia . Petrópolis: Vozes, 2011. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Textos sobre educação e ensino . São Paulo: Centauro, 2012. RODRIGUES, Alberto Tosi. Sociologia da Educação . 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação . 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado . 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992. FERNANDES, Florestan. Educação e sociedade no Brasil . São Paulo: Dominus, 1966. GOMES, C. A. A educação em novas perspectivas sociológicas . 4. ed. São Paulo: EPU, 2005. ILLICH, Ivan. Sociedade desescolarizada . Porto Alegre: Deriva, 2007. NOSELLA, Paolo. A escola de Gramsci . 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia . 20. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 2009. _____. Pedagogia Histórico-Crítica . São Paulo: Cortez Autores Associados, 2008. TRAGTENBERG, Maurício. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. Educação e Sociedade , ano 1, n. 1, setembro 1979. p. 17-49.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH646	MODERNIDADE: ASPECTOS HISTÓRICOS	04	60
EMENTA			
Constituição histórica do mundo moderno. Formação dos Estados Nacionais. Renascimento Cultural, Expansão Marítimo-Comercial Europeia e Colonialismo. Revolução Francesa e Revolução Industrial. Modernidade e Capitalismo como Sistema-Mundo.			
OBJETIVO			
Proporcionar aos estudantes uma leitura panorâmica dos processos históricos constitutivos do mundo moderno e ocidental.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BONILLA, Heraclio (Org.). Os conquistados . 1492 e a população indígena das Américas. São Paulo: Hucitec, 2006.			
BRAUDEL, Fernand. Civilização material, economia e capitalismo . Séculos XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 3 v.			
ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador . Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. v. 2.			
HUNT, Lynn Avery. Política, cultura e classe na Revolução Francesa . São Paulo: Companhia das Letras, 2007.			
POLANYI, Karl. A grande transformação . 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2012.			
WALLERSTEIN, Immanuel. Capitalismo histórico e civilização capitalista . São Paulo: Contraponto, 2001.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ANDERSON, Perry. As Linhagens do estado absolutista . São Paulo: Brasiliense, 1995.			
CAVALCANTE, Berenice et al. Modernas tradições: percursos da cultura ocidental . Séculos XV – XVIII. Rio de Janeiro: ACESS/FAPERJ, 2002.			
BURCKHARDT, Jacob. A cultura do Renascimento na Itália . São Paulo: Cia das Letras, 1991.			
ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. v. 1.			
HOBSBAWM, Eric. As origens da revolução industrial . São Paulo: Global, 1979.			
_____. A era do Capital . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.			
_____. A era das Revoluções . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.			
LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais . Buenos Aires: CLACSO, 2005.			
THORNTON, John. O Nascimento do mundo atlântico . A África e os africanos na formação do mundo atlântico, 1400-1800. Rio de Janeiro: Campus, 2004.			
WALLERSTEIN, Immanuel. El Moderno Sistema Mundial: La agricultura capitalista y los orígenes de la economía-mundo europea en el siglo XVI . 9. ed. México: Siglo veintiuno, 1999.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH650	FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA I	04	60
EMENTA			
Populações indígenas no Brasil da pré-conquista. A questão fundiária no Brasil e os conflitos entre indígenas e colonizadores. Raízes da economia agro-exportadora. A transição da escravidão indígena para a escravidão africana: permanências e transformações na prática escravista. Populações africanas no Brasil. A crise da colonização. Movimentos de rebeldia na colônia. Matrizes e controvérsias étnico-raciais da sociedade brasileira.			
OBJETIVO			
Conhecer algumas dimensões relevantes da formação histórica da sociedade brasileira, com ênfase em sua dimensão étnico-racial.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). História dos índios do Brasil . São Paulo: Companhia das Letras, 2008. FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala : formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo : Global, 2006. GORENDER, Jacob. Escravidão Colonial . São Paulo: Perseu Abramo, 2011. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil . Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro . São Paulo: Companhia das Letras, 2008. THORNTON, John. O Nascimento do mundo atlântico . A África e os africanos na formação do mundo atlântico, 1400-1800. Rio de Janeiro: Campus, 2004.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ALONSO, Ângela. Ideias em Movimento : a geração de 1870 na crise do Brasil-Império. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. BONILLA, Heraclio (Org.). Os conquistados . 1492 e a população indígena das Américas. São Paulo: Hucitec, 2006. BOSI, Alfredo. Dialética da colonização . São Paulo: Cia das Letras, 2001. CARDOSO, Fernando Henrique. Capitalismo e escravidão no Brasil meridional . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. FAORO, Raymundo. Os donos do poder . Rio de Janeiro: Globo, 2008. FAUSTO, Boris. História do Brasil . São Paulo, EDUSP, 2011. GIUCCI, Guillermo. Sem Fé, Lei ou Rei : Brasil (1500-1532). Rio de Janeiro: Rocco, 1993. MAXWELL, K. A Devassa da Devassa – a inconfidência mineira: Brasil e Portugal 1750 – 1808. São Paulo: Paz e Terra, 1985. PRADO JR., Caio. Formação do Brasil Contemporâneo . São Paulo: Brasiliense, 2011.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH651	FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA II	04	60
EMENTA			
República Velha: consolidação e funcionamento do regime oligárquico. Reforma urbana e movimentos sociais. O Estado Brasileiro pós-1930. A Revolução Burguesa no Brasil. A urbanização e a questão operária. A questão agrária. Populismo. Nacional-desenvolvimentismo. Autoritarismo e democracia. Relações Estado-Sociedade no contexto democrático.			
OBJETIVO			
Conhecer algumas dimensões relevantes da formação histórica da sociedade brasileira da República Velha à Nova República.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas . 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados . São Paulo: Companhia das Letras, 1995. DREIFUSS, René. 1964: A conquista do Estado . Rio de Janeiro: Vozes, 2008. FERNANDES, Florestan. A Revolução Burguesa no Brasil . Rio de Janeiro: Zahar, 2005. WEFFORT, Francisco. O populismo na política brasileira . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. SALLUM JR., Brasília. Labirintos – dos gerais à Nova República . São Paulo: Hucitec, 1996.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio Octávio (Org.). Sistema Político Brasileiro: uma introdução . São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung, 2007. BRETAS, Marcos Luiz. A guerra das ruas . Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. BIELSCHOWSKY, Ricardo. Pensamento econômico brasileiro: o ciclo do desenvolvimentismo . Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. HOLANDA, Sérgio Buarque de. História Geral da Civilização Brasileira . São Paulo: Bertrand Brasil, 2004. 11 v. CARONE, Edgard. Movimento operário no Brasil . São Paulo: Difel, 1979. 3 v. COSTA, Emília Viotti da. Da monarquia à República . São Paulo: Brasiliense, 2010. GOMES, Angela de Castro. A invenção do trabalhismo . Rio de Janeiro: FGV, 2005. IANNI, Octávio. O colapso do populismo no Brasil . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. SAES, Décio. República do capital . São Paulo: Boitempo, 2001.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH669	CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL	04	60
EMENTA			
Pensamento Social, Ciências Sociais e campo intelectual brasileiro. Formação e institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. Antropologia, Ciência Política e Sociologia no Brasil.			
OBJETIVO			
Apresentar as especificidades do processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, refletindo sobre os elementos característicos da sociologia, antropologia e ciência política.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
FAORO, Raymundo. A república inacabada . Rio de Janeiro: Globo, 2007. MARTINS, Carlos Benedito; DUARTE, Luiz Fernando (Coord.). Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Antropologia . São Paulo: ANPOCS, 2010. MARTINS, Carlos Benedito; LESSA, Renato (Coord.). Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Ciência Política . São Paulo: ANPOCS, 2010. MARTINS, Carlos Benedito; MARTINS, Heloisa Helena (Coord.). Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Sociologia . São Paulo: ANPOCS, 2010.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BOSI, Alfredo. Dialética da colonização . São Paulo: Cia das Letras, 2001 BRANDÃO, Gildo Marçal. Linhagens do pensamento político brasileiro . São Paulo: Hucitec, 2007. CÂNDIDO, Antonio. Formação da Literatura brasileira . São paulo: Fapesp, 2009. FERNANDES, Florestan. A sociologia numa era de Revolução Social . 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. FREIRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal . São Paulo : Global, 2006. HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil . São Paulo: Companhia das Letras, 1995. LEAL, Vitor Nunes. Coronelismo, Enxada e Voto . São Paulo: Companhia das Letras, 2012. NIMUENDAJU, Curt. As Lendas da criação e da destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocúva-Guarani . São Paulo: Hucitec/Edusp, 1987. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. A sociologia do Brasil indígena . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. RAMOS, Guerreiro. A Redução Sociológica . Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. VILHENA, L. R. Projeto e missão: o movimento folclórico no Brasil . Rio de Janeiro: FUNART, 1997.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH670	ECONOMIA PARA CIÊNCIAS SOCIAIS	04	60
EMENTA			
Ciência econômica: caracterização e objeto. Agregados Macroeconômicos. Contas Nacionais. Balanço de Pagamentos. Taxas de Câmbio e Regimes Cambiais. Política Fiscal e Política Monetária. Crescimento Econômico.			
OBJETIVO			
Apresentar aos estudantes os conceitos básicos da abordagem macroeconômica e discutir sobre a economia brasileira do século XX e início do século XXI.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ABREU, Marcelo de Paiva (Org.). A Ordem do Progresso: 100 anos de Política Econômica Republicana . Rio de Janeiro: Campus, 1990. ARRIGHI, G. O Longo Século XX . Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. EICHENGREEN, Barry. A Globalização do Capital . São Paulo: Ed. 34, 2007. GREMAUD, A. et al. Economia Brasileira Contemporânea . São Paulo: Atlas, 2011. KRUGMAN, Paul; WELLS, Robin. Introdução à Economia . Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. Ensaio sobre o Capitalismo do Século XX . São Paulo: UNESP; Campinas, SP: Unicamp, Instituto de Economia, 2004. BRENNER, Robert. O Boom e a Bolha . Rio de Janeiro: Record, 2003. CANO, Wilson. Introdução à Economia: uma abordagem crítica . São Paulo: Unesp, 2012. CARDOSO DE MELLO, João Manuel. O capitalismo tardio: contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira . São Paulo: Brasiliense, 1990. CHESNAIS, François. A Mundialização Financeira . São Paulo: Xamã, 1998. CHESNAIS, François. (Org.). Finança Mundializada . São Paulo: Boitempo, 2005. FEIJÓ, Carmen A. et al. Contabilidade social: o novo sistema de contas nacionais do Brasil . Rio de Janeiro: Campus, 2001. HIRST, P.; THOMPSON, G. Globalização em Questão . Petrópolis: Vozes, 2002. POLANYI, Karl. A Grande Transformação: a origem da nossa época . Rio de Janeiro: Campus, 2012. PRADO JR., Caio. História econômica do Brasil . 29. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH671	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I	04	60
EMENTA			
Elaboração de projeto de pesquisa.			
OBJETIVO			
Construir um projeto de pesquisa.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ECO, Umberto. Como se faz uma tese . São Paulo: Perspectiva, 2010. HIRANO, Sedi (Org.). Pesquisa social: projeto e planejamento . São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1979. MEDEIROS, João B. Redação científica . São Paulo: Atlas, 2009. FRANÇA, Junia; VASCONCELOS, Ana. Manual para normalização de publicações técnico-científicas . 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NRB 6023 : Informação e documentação. Referências. Elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. _____. NRB 10520 : Informação e documentação. Citações. Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH672	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II	8	120
EMENTA			
Desenvolvimento da pesquisa, redação e defesa da monografia.			
OBJETIVO			
Orientar a execução do projeto de pesquisa formulado em Trabalho de Conclusão I e a produção de um texto monográfico a ser defendido pelo estudante perante uma banca examinadora.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ECO, Umberto. Como se faz uma tese . São Paulo: Perspectiva, 2010. MEDEIROS, João B. Redação científica . São Paulo: Atlas, 2009. FRANÇA, Junia; VASCONCELOS, Ana. Manual para normalização de publicações técnico-científicas . 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NRB 6023 : Informação e documentação. Referências. Elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. _____. NRB 10520 : Informação e documentação. Citações. Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
	OPTATIVA I	04	60
EMENTA			
Conforme componente curricular a ser ofertado pelo colegiado de Ciências Sociais, elencado entre o rol dos CCRs optativos do curso.			
OBJETIVO			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
	OPTATIVA II	04	60
EMENTA			
Conforme componente curricular a ser ofertado pelo colegiado de Ciências Sociais, elencado entre o rol dos CCRs optativos do curso.			
OBJETIVO			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
	OPTATIVA III	04	60
EMENTA			
Conforme componente curricular a ser ofertado pelo colegiado de Ciências Sociais, elencado entre o rol dos CCRs optativos do curso.			
OBJETIVO			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Rol de componentes curriculares optativos:

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCS369	COOPERATIVISMO, ASSOCIATIVISMO E AUTOGESTÃO	04	60
EMENTA			
Auto-organização popular e economia. Sociedade civil, associativismo, apoio mútuo e redes de cooperação. Teorias da autogestão. Pressupostos do cooperativismo contemporâneo: economia solidária e economia participativa.			
OBJETIVO			
Conhecer os principais elementos referentes ao debate teórico sobre processos de auto-organização nos espaços de trabalho e produção.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
KROPOTKIN, Piotr. O apoio mútuo . Porto Alegre/São Sebastião: Deriva/A Senhora, 2012. MARTORANO, Luciano. Conselhos e Democracia . São Paulo: Expressão Popular, 2011. PANNEKOEK, Anton. Partidos, Sindicatos e Conselhos Operários . São Paulo: Rizoma Editorial, 2011. SINGER, Paul. Introdução à economia solidária . São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002. SENNET, Richard. Juntos . Os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Rio de Janeiro: Record, 2012. TRAGTENBERG, Mauricio. Administração, poder e ideologia . 3. ed. Campinas: Unesp, 2005.			
REFERÊNCIA COMPLEMENTAR			
ALBERT, Michael. Parecon: Life After Capitalism : London/New York: Verso, 2003. CASTORIADIS, Cornelius. Sobre o conteúdo do socialismo . Rio de Janeiro: Achiamé, 1999. CATTANI, Antonio David (Org.). A outra economia . Porto Alegre: Veraz Editores, 2003. DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. (Org.). Redes, sociedade e território . Santa Cruz do Sul: UNISC, 2005. GIARRACCA, Norma; MASSUH, Gabriela (Comp.). El trabajo por venir: autogestión y emancipación . Buenos Aires: Antropofagia, 2008. GUILLERM, Alain; BOURDET, Yvon. Autogestão: uma mudança radical . Rio de Janeiro: Zahar, 1976. LANDIM, Leilah (Org.). Ações em sociedade: militâncias, caridade, assistência, etc. Rio de Janeiro: ISER/NAJ, 1998. LEVAL, Gaston; BERTHIER, René; MINTZ, Frank. Autogestão e Anarquismo . São Paulo: Imaginário, 2002. MASSARI, Roberto. Teorias de la autogestion . Bilbao: Editorial Zero, 1975. RAMOS, Alberto Guerreiro. A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações . Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas 1989.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCS370	ECONOMIA POLÍTICA	04	60
EMENTA			
Origens da Sociedade Moderna e da Ciência Econômica. Mercantilistas. Fisiocratas. Economia Política Inglesa. Adam Smith. David Ricardo. Karl Marx. Revolução Marginalista. John Maynard Keynes.			
OBJETIVO			
Refletir sobre a teoria do valor.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
HUNT, E. K. História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica. Rio de Janeiro: Campus Ltda, 1985.			
MARX, K. O capital. São Paulo: Abril Cultural, 1985. 5 v. (Coleção Os Economistas).			
NAPOLEONI, C. O Valor na Ciência Econômica. Lisboa: Presença, 1977.			
NAPOLEONI, C. Smith, Ricardo, Marx. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.			
RICARDO, D. Princípios de economia política e tributação. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Coleção Os Economistas).			
SMITH, A. A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Economistas).			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ALTHUSSER, Louis; MANDEL, E. Polemica sobre la lectura del Capital. Medelin: Tiempo Critico, 1971.			
BENTHAM, Jeremy. Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).			
COUTINHO, M. Lições de Economia Política Clássica. São Paulo: Hucitec; Campinas: Unicamp, 1993.			
HEILBRONER, R. História do pensamento econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1996.			
KEYNES, John M. A Teoria Geral do Emprego. In: SZMRECSÁNYI, Tamás. Keynes. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 6).			
PAULANI, Leda. Modernidade e Discurso Econômico. São Paulo: Boitempo, 2005.			
ROBINSON, J. Introdução à teoria do emprego. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.			
ROSDOLSKY, R. Gênese e Estrutura do Capital. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.			
RUBIN, Isaak. Teoria Marxista do Valor. São Paulo: Polis, 1987.			
SWEEZY, Paul et al. A transição do feudalismo para o capitalismo. São Paulo: Paz e Terra, 2004.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH673	ESTADO-NAÇÃO E NACIONALISMO	04	60
EMENTA			
O conceito de nação. Nação e Estado. Nation-building. Crise do Estado-Nação. Nação e nacionalismo no Brasil.			
OBJETIVO			
Conhecer as principais teorias acerca da nação e do nacionalismo.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas . São Paulo: Companhia das Letras, 2008. BALAKRISHNAM, Gopal (Org.). Um mapa da questão nacional . Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. BORÓN, Atilio. Império & imperialismo: uma leitura crítica de Michael Hardt e Antonio Negri . Buenos Aires: Clacso, 2002. HOBSBAWM, Eric. Nações e nacionalismo desde 1780 . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). A invenção das tradições . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. NOVAES, Adauto (Org.). A crise do Estado-nação . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ALMEIDA, Lúcio Flávio de. Ideologia nacional e nacionalismo . São Paulo: EDUC, 1995. BALANDIER, Georges. O poder em cena . Brasília: UnB, 1982. CHAUÍ, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária . São Paulo: Perseu Abramo, 2000. GIRARDET, Raoul. Mitos e mitologia política . São Paulo: Companhia das Letras, 1987. HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Império . 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. HIRST, Paul; THOMPSON, Grahame. Globalização em questão . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. POULANTZAS, Nicos. Poder político e classes sociais . 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986. RENAN, Ernst. Qu'est-ce qu'une nation? Paris: Le mot et le reste, 2007.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH674	ESTRUTURA DE CLASSES E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL	04	60
EMENTA			
Análise contemporânea das classes e da estratificação social.			
OBJETIVO			
Conhecer o debate contemporâneo sobre teoria das classes e da estratificação social.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BOURDIEU, Pierre. A Distinção – Crítica Social do Julgamento. São Paulo/Porto Alegre: Edusp/Zouk, 2007.			
EDER, Klaus. A Nova Política das Classes . Bauru: EDUSC, 2002.			
FIGUEIREDO, Jose Alcides. Estrutura de posições de classes no Brasil . Belo Horizonte: UFMG, 2002.			
MILLS, C. Wright. A nova classe média . Rio de Janeiro: Zahar, 1976.			
POULANTZAS, Nicos. As classes sociais no capitalismo de hoje . Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.			
WRIGHT, Erik Olin. Classe, Crise e o Estado . Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BERNARDO, João. A economia dos conflitos sociais . São Paulo: Cortez Editora, 1991.			
BOITO JR., Armando. Estado, política e classes sociais . São Paulo: Unesp, 2007.			
FARIAS, Francisco. Frações burguesas e bloco no poder: uma reflexão a partir do trabalho de Nicos Poulantzas. Crítica Marxista , São Paulo, n. 28, Ed. Unesp, 2009.			
FORACCHI, Marialice A. O estudante e a transformação da sociedade brasileira . São Paulo: Cia Editora Nacional, 1965.			
HIRANO, Sedi. Casta, estamentos e classes sociais . Campinas: Unicamp, 2002.			
MILLS, C. Wright. A elite do poder . Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.			
OFFE, Claus. Trabalho: a categoria-chave da sociologia? Revista Brasileira de Ciências Sociais , São Paulo, n. 10, jun. 1989.			
THOMPSON, Edward P. Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”. In: SILVA, S.; NEGRO, Antonio L. (Org.). As peculiaridades dos ingleses e outros artigos . Campinas: Unicamp, 2001.			
ZENTENO, Raúl Benitez (Org.). Las clases sociales en América Latina . México: Silgo XXI, 1973.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH473	ESTUDOS CULTURAIS	04	60
EMENTA			
O conceito de cultura nas ciências sociais. Cultura e poder. Mercado e campo da cultura. Multiculturalismo. Cultura brasileira.			
OBJETIVO			
Conhecer os diferentes significados do termo “cultura” para as ciências sociais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas . São Paulo: Brasiliense, 2004. v. 1-3. BOURDIEU, Pierre. Economia das trocas simbólicas . São Paulo: Perspectiva, 1976. HALL, Stuart. Da diáspora . Belo Horizonte: UFMG, 2003. GEERTZ, Clifford. O saber local . Petrópolis: Vozes, 1997. ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura . São Paulo: Brasiliense, 1994. SCHWARTZ, Roberto. Ao vencedor as batatas . São Paulo: Duas cidades; Edições 34, 2000.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ADORNO, Theodor Indústria cultural e sociedade . São Paulo: Paz e Terra, 2002. BHABHA, Homi. O local da cultura . Belo Horizonte: UFMG, 2003. BOURDIEU, Pierre. As regras da arte . São Paulo: Companhia das Letras, 2002. CANCLINI, Nestor. Culturas híbridas . São Paulo: EDUSC, 2003. ELIAS, Norbert. O processo civilizador . Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 2 v. FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura . Porto Alegre: L&PM, 2010. HOBSBAWM, Eric. A história social do Jazz . São Paulo: Paz e Terra, 2008. RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro . São Paulo: Companhia das Letras, 2006. SAID, Edward. Orientalismo . São Paulo: Companhia das Letras, 2007. WILLIAMS, Raymond. Cultura . São Paulo: Paz e Terra, 2000.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCS371	ESTUDOS DE OPINIÃO PÚBLICA	04	60
EMENTA			
As teorias da opinião pública. Alcance e limites das pesquisas de opinião. Usos e interpretações da pesquisa de opinião.			
OBJETIVO			
Conhecer os estudos de opinião pública e de pesquisa de opinião.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ALMEIDA, Jorge. Como vota o brasileiro . 2. ed. São Paulo: Xamã, 1998. HABERMAS, Jürgen. Direito e democracia: entre facticidade e validade . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. v. 2. THIOLLENT, Michel (Org.). Crítica metodológica, investigação social e enquete operária . São Paulo: Editora Polis, 1985. WRIGHT MILLS, C. A elite do poder . Rio de Janeiro: Zahar, 1968.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ALMEIDA, Alberto Carlos. Cabeça do brasileiro . São Paulo: Record, 2007. BOBBIO, Norberto et al. (Org.). Dicionário de Política . Brasília: Unb; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. TARDE, Gabriel. A opinião e as massas . São Paulo: Martins Fontes, 2005.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH675	ESTUDOS DE PARTIDOS POLÍTICOS	04	60
EMENTA			
Democracia representativa, liberalismo político e os sistemas partidários modernos. Tipologias e taxonomias para classificação de partidos políticos. Classes sociais, grupos de interesses e suas projeções nos sistemas partidários contemporâneos. Partidos políticos, dinâmica parlamentar e coalizões governativas. Partidos anti-regime: a concepção marxista de partidos como organizações revolucionárias. Sistema partidário brasileiro.			
OBJETIVO			
Conhecer as teorias dos partidos e dos sistemas partidários.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BOGO, Ademar (Org.). Teoria da Organização Política I : escritos de Engels, Marx, Lênin, Rosa e Mao. São Paulo: Expressão Popular, 2005.			
DUVERGER, Maurice. Os partidos políticos . Rio de Janeiro: Zahar, 1970.			
MAINWARING, Scott P. Sistemas Partidários em novas democracias : o caso do Brasil. São Paulo: FGV, 2001.			
MICHELS, Robert. Sociologia dos Partidos Políticos . Brasília: UNB, 1982.			
PANEBIANCO, Ângelo. Modelos de Partido . São Paulo: Martins Fontes, 2005.			
SARTORI, Giovanni. Partidos e Sistemas Partidários . Brasília: UNB, 1976.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ALTHUSSER, Louis. Lo que no puededurar en el Partido Comunista . Madrid: Siglo XXI, 1978.			
BOITO JR., Armando. Estado, política e classes sociais . São Paulo: Unesp, 2007.			
CERRONI, Umberto. Teoria do partido político . São Paulo: Ciências Humanas, 1982.			
FELIPPE, Wiliam. Teoria e organização do partido (Coletânea de textos de Lênin, Trotsky e Moreno). São Paulo: Sundermann, 2006.			
KINZO, Maria D'Alva. Radiografia do quadro partidário brasileiro . Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 1993.			
MELO; ALCÂNTARA (Org.). A democracia brasileira : balanço e perspectivas para o século 21. Belo Horizonte: UFMG, 2007.			
MENEGUELLO, Rachel. Partidos e Governos no Brasil Contemporâneo (1985-1997) . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.			
RODRIGUES, Leôncio Martins. Partidos, ideologia e composição social . Um estudo das bancadas partidárias na Câmara dos Deputados. São Paulo: Edusp, 2002.			
WARE, Alan. Political Parties and party Systems . Oxford: Oxford University Press, 1996.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH202	ESTUDOS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS	04	60
EMENTA			
Teorias das relações internacionais. Política externa brasileira.			
OBJETIVO			
Analisar as diferentes perspectivas teóricas na área de relações internacionais e discutir a política externa brasileira.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Expansionismo Brasileiro . Brasília: UnB, 1998. CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. História da política exterior do Brasil . Brasília: UnB, 2008. HUNTINGTON, Samuel. O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial . São Paulo: Objetiva, 2007. GILL, Stephen (Org.). Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais . Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. KISSINGER, Henry. Diplomacia . Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1999. MORGENTHAU, Hans. A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz . São Paulo/Brasília: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/UnB/Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2003. (Coleção Clássicos IPRI).			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BEDIM, Gilmar (Org.). Paradigmas das relações internacionais: idealismo – realismo – dependência – interdependência . Ijuí: Unijuí, 2000. BRAILLARD, P. Teoria das relações internacionais . Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1990. CALLINICOS, Alex. Does capitalism need the state system? Cambridge Review of International Affairs , London, v. 20, n. 4, 2007. GROTIUS, Hugo. Direito da Guerra e da Paz . Ijuí: Unijuí, 2004. 2 v. GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Quinhentos anos de periferia . Rio de Janeiro: Contraponto, 2007. HALLIDAY, F. Repensando as relações internacionais . Porto Alegre: UFRGS-FAPA, 1999. ROCHA, Antônio Jorge Ramalho. Relações Internacionais. Teorias e Agendas . Brasília: IBRI; FUNAG, 2002. SARAIVA, José Flávio Sombra. História das Relações Internacionais . São Paulo: Saraiva, 2008.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH676	ESTUDOS RURAIS I	04	60
EMENTA			
Capitalismo, modernização e desigualdade social no campo. Modalidades de reprodução social no campo: camponato, agricultura familiar e agricultura empresarial. Dominação, resistência, organização e ação coletiva dos agricultores e camponeses. Parentesco, religiosidade e reciprocidade no mundo rural. O debate contemporâneo sobre reforma agrária.			
OBJETIVO			
Conhecer o debate teórico sobre o camponato, os modos de produção agrícolas e o desenvolvimento do capitalismo no campo. Desenvolver a capacidade analítica acerca dos processos sociais agrários.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
AMIN, Samir; VERGOPOULOS, Kostas. A questão agrária e o capitalismo . São Paulo: Paz e Terra, 1977.			
FERNANDES, Mançano Bernardes. Camponato e Agronegócio na América Latina: a questão agrária atual . São Paulo: CLACSO/Expressão Popular, 2008.			
KAUTSKY, K. A questão agrária . São Paulo: Nova Cultural, 1986. (Coleção Os Economistas).			
MENDRAS, H. Sociedades camponesas . Rio de Janeiro: Zahar, 1978.			
MOTTA, Márcia; ZARTH, Paulo. Formas da Resistência Camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história . São Paulo: UNESP, 2009. v. 1 e 2. (Coleção NEAD).			
PLOEG, J. D. van der. Camponeses e Impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização . Porto Alegre: UFRGS, 2008.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ABRAMOVAY, R. Paradigmas do capitalismo agrário em questão . São Paulo: Anpocs; Unicamp; Hucitec, 1992.			
ELI DA VEIGA, José. O desenvolvimento agrícola: uma visão histórica . São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 1991			
LENIN, V. I. O Programa Agrário da social-democracia na primeira revolução russa de 1905-1907 . São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.			
FILIPPI, Eduardo Ernesto. Reforma Agrária: experiências internacionais de reordenamento agrário e a evolução da questão da terra no Brasil . Porto Alegre: UFRGS, 2005.			
GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo (Org.). Diversidade do Camponato: Expressões e categorias . São Paulo: UNESP, 2009. v. 1 e 2. (Coleção NEAD).			
HOBSBAWM, Eric. Rebeldes Primitivos . Rio de Janeiro: Zahar, 1978.			
MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea . São Paulo: UNESP, 2010. (Coleção NEAD).			
WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade na história e na literatura . São Paulo: Companhia das Letras, 1989.			
WOLF, E. Sociedades Camponesas . Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.			
_____. Guerras Camponesas do Século XX . São Paulo: Global, 1984.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH677	ESTUDOS RURAIS II	04	60
EMENTA			
A questão agrária no Brasil: estrutura fundiária e atores sociais. Agricultura camponesa, familiar e agronegócio. Latifúndio e Reforma agrária. Sindicalismo rural e movimentos sociais do campo.			
OBJETIVO			
Conhecer os principais temas relacionados à agricultura e ao mundo rural no Brasil.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BESKOW, P. R. Agricultura e capitalismo no Brasil . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. MARTINS, José de Souza. Os camponeses e a política no Brasil . 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1990. MEDEIROS, Leonilde Sérvolo. História dos movimentos sociais no campo . Rio de Janeiro: FASE, 1989. NEVES, Delma Peçanha. Processo de constituição e reprodução do campesinato no Brasil . São Paulo: UNESP, 2009. STÉDILE, João Pedro (Org.). A questão agrária no Brasil . São Paulo: Expressão Popular, 2008. v. 1, 2, 3, 4 e 5. WELCH, Clifford A.; MALAGODI, Edgard; CAVALCANTI, Josefa S. B.; WANDERLEY, Maria de Nazareth B. (Org.). Camponeses Brasileiros: Leituras e interpretações básicas . São Paulo: UNESP, 2009. (Coleção NEAD).			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BRUNO, Regina A. L. Um Brasil Ambivalente . Agronegócio, Ruralismo e Relações de Poder. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X e Edur-UFRRJ, 2009. DELGADO, G. C. Capital financeiro e agricultura no Brasil . São Paulo: Ícone, 1985. FERNANDES, B. M. A formação do MST no Brasil . Petrópolis: Vozes, 2002. GOODMAN, David; SORJ, Bernard; WILKINSON, John. Da Lavoura às Biotecnologias: agricultura e indústria no sistema internacional . Rio de Janeiro: Campus, 1990. MARTINS, J. S. O Cativo da Terra . São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1979. MOTTA, M. (Org.). Dicionário da terra . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. OLIVEIRA, A. U. Agricultura Camponesa no Brasil . São Paulo: Contexto, 2001. SABOURIN, E. Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade . Rio de Janeiro: Garamond, 2009. SILVA, José Graziano da. A nova dinâmica da agricultura brasileira . Campinas: UNICAMP, 1996. WOORTMANN, E. F. Herdeiros, parentes e compadres . São Paulo: Hucitec, 1995.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH678	ESTUDOS DO TRABALHO I	04	60
EMENTA			
Trabalho como categoria de análise sociológica. Sociologia clássica e a temática do trabalho. Especificidade dos conceitos de trabalho, emprego e atividade. Formas de organização do processo de trabalho: taylorismo, fordismo e toyotismo. Sindicalismo como ação coletiva dos trabalhadores. O debate sobre os novos contornos do mercado de trabalho: informalidade, terceirização e precarização do trabalho. Globalização e mercado de trabalho. Trabalho na contemporaneidade: acumulação flexível e informacionalismo.			
OBJETIVO			
Conhecer os debates fundamentais da Sociologia do Trabalho e suas repercussões na contemporaneidade.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BRAVERMAN, Harry. Trabalho e capital monopolista : a degradação do trabalho no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.			
BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.			
CASTELLS, Manuel. A era da informação : economia, sociedade e cultura – A sociedade em rede. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.			
CATTANI, Antônio; HOLZMANN, Lorena (Org.). Dicionário de trabalho e tecnologia . Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.			
HARVEY, David. Condição pós-moderna : uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.			
NEFFA, Julio C. Proceso de trabajo y la economia de tiempo : contribucion al analisis critico de K. Marx, F. W. Taylor y H. Ford. Buenos Aires: Humanitas, 1990.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho : ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2002.			
DRUCK, Maria da Graça. Terceirização : (des)fordizando a fábrica: um estudo do complexo petroquímico. Salvador: Edubra, 1999.			
DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social . São Paulo: Martins Fontes, 1995.			
GUIMARÃES, Sônia M. K. (Org.). Trabalho, emprego e relações laborais em setores intensivos em conhecimento : Brasil, México e Canadá. Porto Alegre: UFRGS, 2009.			
MARX, Karl. O capital : crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.			
MALAGUTI, Manoel Luiz. Crítica à razão informal : a imaterialidade do salariado. São Paulo: Boitempo, 2001.			
POCHMANN, Márcio. O emprego na globalização : a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.			
RODRIGUES, Iram J. (Org.). O novo sindicalismo : Vinte Anos Depois. Petrópolis: Vozes/EDUC/Unitrabalho, 1999.			
WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo . São Paulo: Cia das Letras, 2004.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH679	ESTUDOS DO TRABALHO II	04	60
EMENTA			
Debata sobre a centralidade formativa do trabalho. Centralidade do trabalho como categoria da análise sociológica. Atividade laboral e a conformação da identidade social. Papel da tecnologia no futuro da sociedade do trabalho.			
OBJETIVO			
Discutir a centralidade do trabalho na sociedade contemporânea, bem como apresentar os pressupostos teóricos que orientam o debate sociológico sobre o tema.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2005.			
CASTEL, Robert. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.			
GORZ, André. Adeus ao proletariado: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.			
MEDÁ, Dominique. O trabalho, um valor em via de extinção. Lisboa: Fim de Século, 1999.			
SCHNAPPER, Dominique. Contra o fim do trabalho. Lisboa: Terramar, 1998.			
TOURAINÉ, Alain. A sociedade post-industrial. Lisboa: Moraes, 1970.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ARENDETT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.			
BAUMAN, Zygmunt. A sociedade individualizada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.			
GORZ, André. Miséria do presente, riqueza do possível. São Paulo: Annablume, 2004.			
HOBBSBAWN, Eric. Mundos do trabalho. São Paulo: Paz e Terra, 2000.			
KUMAR, Krishan. Da sociedade pós-industrial a pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.			
RIFKIN, Jeremy. O fim dos empregos: o contínuo crescimento do desemprego no mundo. São Paulo: Makron Books, 2004.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH680	ESTUDOS URBANOS	04	60
EMENTA			
Processo de urbanização. Configuração do espaço urbano: a microrregionalidade e a metropolização. Processos migratórios internos e grandes projetos desenvolvimentistas. O papel do Estado na urbanização capitalista. Política urbana: Legislação urbana e o Estatuto da cidade. Poder local: políticas públicas, participação política, os poderes legislativo e executivo e os micropoderes. Direitos sociais, movimentos sociais, redes e a cidadania.			
OBJETIVO			
Conhecer o perfil da urbanização brasileira, bem como os espaços públicos de participação na formulação das políticas e agenda pública a partir do local.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos . Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.			
CARLOS, Ana Fani A.; LEMOS, Amália Inês G. (Org.). Dilemas Urbanos . Novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003.			
DAVIS, Mike. Planeta favela . São Paulo: Boitempo, 2006.			
HARVEY, David. A justiça social e a cidade . São Paulo: Hucitec, 1980.			
SANTOS, Milton. A urbanização brasileira . São Paulo: Hucitec, 2005.			
SOUZA, Marcelo Lopes de. Mudar a cidade . Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede . São Paulo: Paz e Terra, 2007.			
CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano . 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. (v. 1, Artes de fazer; v. 2, Morar, cozinhar).			
CORREA, Roberto Lobato. A rede urbana . 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. (Série: Princípios, 168).			
FANTIN, Marcia. Cidade dividida . Florianópolis: Cidade Futura, 2000.			
GOHN, Maria da Glória. Mídia, Terceiro setor e MST: Impactos sobre o futuro das cidades e do campo . Petrópolis: Vozes, 2000.			
GONÇALVES, Maria Flora (Org.). O novo Brasil urbano: impasses, dilemas, perspectivas . Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995. (Série: Novas perspectivas, 40).			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH681	IDENTIDADES, ETNICIDADE E MINORIAS	04	60
EMENTA			
O debate contemporâneo acerca da identidade, etnicidade e minorias. Estudo das relações entre Estado, nação e identidades étnicas. Comunidades tradicionais. As políticas públicas de gestão da diferença cultural. Cultura, política e poder.			
OBJETIVO			
Conhecer o debate acerca das principais abordagens teóricas relacionadas à identidade e à etnicidade.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
AUGE, M. O sentido dos outros : atualidade da antropologia. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. BARTH, Fredrik; LASKE, Tomke. Guru : o iniciador e outras variações antropológicas. São Paulo: Contra Capa, 2008. BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico . Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1989. p. 107-132. GILROY, Paul. O atlântico negro : modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34, 2001. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade . Rio de Janeiro: DP&A, 2002. POUTGNAT, Phillipe. Teorias da Etnicidade . São Paulo: UNESP, 2004.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ANJOS, José Carlos Gomes dos. No território da Linha Cruzada : a Cosmopolítica Afro-brasileira. 1. ed. Porto Alegre, RS: UFRGS Editora, 2006. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Identidade e etnia : a construção da pessoa e da resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986. CUNHA, Manuela Carneiro da. Antropologia do Brasil : mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 97-119. GOFFMAN, Erving. Estigma : notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982 GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Classes, raças e democracia . São Paulo: 34, 2002. SCHWARCZ, L. K. M.; QUEIROZ, R. S. Raça e Diversidade . São Paulo: EDUSP, 1996. RENK, Arlene Anélia. Narrativas da diferença . Chapecó: Argos, 2004. WOLF, Eric. Antropologia e Poder . Brasília: UnB, 2003.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH682	IMPERIALISMO E DEPENDÊNCIA	04	60
EMENTA			
Imperialismo: teoria e historia. Teoria da dependência. Análise do Sistema-Mundo. A inserção da América Latina no sistema capitalista internacional.			
OBJETIVO			
Conhecer a teoria do imperialismo, a teoria da dependência e análise do sistema-mundo, bem como seus desdobramentos, considerando especialmente a inserção da América Latina no sistema capitalista internacional.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BIELSCHOWSKY, R. (Org.). Cinquenta Anos de Pensamento na CEPAL . Rio de Janeiro: Record; Cofecon; CEPAL, 2000.			
HILFERDING, R. O Capital Financeiro . São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas).			
LUXEMBURGO, Rosa. A acumulação do capital . São Paulo: Nova Cultural, 1985.			
SADER, Emir (Org.). Dialética da Dependência : uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini. Petrópolis: Vozes; Buenos Aires: CLACSO, 2000.			
SANTOS, Theotônio dos. A Teoria da Dependência : Balanço e Perspectivas. Ed. Civilização Brasileira, 2000.			
WALLERSTEIN, Immanuel. Análisis de Sistemas-Mundo . 2. ed. México: Siglo XXI, 2004.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ARRIGHI, Giovanni. O Longo Século XX : dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.			
BORÓN, Atílio. Império & imperialismo : uma leitura crítica de Michael Hardt e Antonio Negri. Buenos Aires: Clacso, 2002.			
BUKHARIN, Nicolai I. A economia mundial e o imperialismo . São Paulo: Abril Cultural, 1984.			
FIORI, J. L. (Org.). O Poder Americano . Petrópolis: Vozes, 2004.			
HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Imperio . Rio de Janeiro: Record, 2000.			
HARVEY, David. O Novo Imperialismo . São Paulo: Ediouro, 2005.			
HOBSON, J. A. A Evolução do Capitalismo Moderno . São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas).			
HOBSBAWM, Eric. A era dos impérios (1975-1914) . São Paulo: Paz e Terra, 1988.			
LENIN, Vladimir I. O imperialismo : fase superior do capitalismo. São Paulo: Global, 1985.			
SAMPAIO JR., Plínio de Arruda. Entre a nação e a barbárie : os dilemas do capitalismo dependente. São Paulo: Vozes, 1999.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH512	LEITURAS DE PENSAMENTO POLÍTICO	04	60
EMENTA			
Pensamento político grego clássico. Pensamento político latino. Pensamento político medieval. Pensamento político oriental. Teorias políticas modernas e contemporâneas.			
OBJETIVO			
Conhecer importantes obras do pensamento político não contempladas nas disciplinas obrigatórias de Teoria Política do curso.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ARISTÓTELES. Apolítica . São Paulo: Edipro, 2000. CONFÚCIO. Analectos . São Paulo: Martins Fontes, 2005. MORE, Thomas. A Utopia . São Paulo: Martins Fontes, 2009. PLATÃO. A República . Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989. SANTO AGOSTINHO. A cidade de Deus . Petrópolis: Vozes, 2008. 2 v. THOUREAU, Henry David. Walden, ou a vida nos bosques e A desobediência civil . São Paulo: Aquariana, 2001.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco . São Paulo: Edipro, 2000. BATH, Sérgio. Arthashastra de Kautilya: o Maquiavel da Índia . Brasília: UnB, 1997. CÍCERO, Marco Túlio. Da República . São Paulo: Edipro, 2000. CLAUSEWITZ, Carl Von. Da Guerra . São Paulo: Martins Fontes, 2010. JONG, Rudolf. A concepção libertária da transformação social revolucionária . Rio de Janeiro: Faísca, 2008. PLATÃO. Diálogos . Belém: UFPA, 1973. 14 v. TUCÍDEDES. História da guerra do Peloponeso . São Paulo/Brasília: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/UnB/Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2001. (Coleção Clássicos IPRI). TZU, Sun; PIN, Sun. A arte da guerra – ed. completa . São Paulo: Martins Fontes, 2009.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH683	MOBILIDADE E DESIGUALDADE SOCIAL	04	60
EMENTA			
Análise da mobilidade e das desigualdades sociais.			
OBJETIVO			
Conhecer o debate contemporâneo, em especial no Brasil, sobre mobilidade e desigualdades sociais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ESCOREL, Sarah. Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social . Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999. MARTINS, José de Souza. Exclusão social e a nova desigualdade . São Paulo: Paulus, 1997. MEDEIROS, Marcelo. O que faz os ricos ricos: o outro lado da desigualdade brasileira . São Paulo: Hucitec; Anpocs, 2003. MICELI, Sergio (Org.). O que ler na ciência social brasileira . São Paulo: Sumaré, ANPOCS; Brasília: CAPES, 1999.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
MARTINS, José de Souza. A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais . Petrópolis: Vozes, 2002. PAOLI, Maria Célia Pinheiro Machado. Desenvolvimento e marginalidade: um estudo de caso . São Paulo: Livraria Pioneira, 1974. POCHMANN, Marcio; AMORIM, Ricardo (Org.). Atlas da exclusão social no Brasil . São Paulo: Cortez, 2003. v. 1. POCHMANN, Marcio; CAMPOS, André; AMORIM, Ricardo; SILVA, Ronnie (Org.). Atlas da exclusão social no Brasil . São Paulo: Cortez, 2003. (v. 2: dinâmica e manifestação territorial). POCHMANN, Marcio; CAMPOS, André; BARBOSA, Alexandre; AMORIM, Ricardo; SILVA, Ronnie (Org.). Atlas da exclusão social no Brasil . São Paulo: Cortez, 2004. (v. 3: Os ricos no Brasil) _____. Atlas da exclusão social no Brasil . São Paulo: Cortez, 2004. (v. 4: A exclusão no mundo). POCHMANN, Marcio; BARBOSA, Alexandre; PONTE, Valter; PEREIRA, Marco Antonio; SILVA, Ronnie. Atlas da exclusão social . São Paulo: Cortez, 2005. (v. 5: Agenda não liberal da inclusão social no Brasil).			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH684	MOVIMENTOS SOCIAIS I	04	60
EMENTA			
Capitalismo, lutas e movimentos sociais. Ação coletiva, classe social e conflito. A teoria dos novos movimentos sociais. A teoria da mobilização de recursos. A teoria do processo político. Abordagens pluralistas e descoloniais. Movimentos sociais e redes de movimentos. O ativismo transnacional altermundialista.			
OBJETIVO			
Conhecer os principais paradigmas teóricos sobre sociedade civil e movimentos sociais, em especial no contexto de novos movimentos ocorrentes a partir da década de 60 do século XX.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BERNARDO, João. A economia dos conflitos sociais . São Paulo: Cortez, 1991. GOHN, Maria da Glória. Teoria dos Movimentos Sociais . Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 2000. _____; BRINGEL, Breno. Movimentos sociais na era global . Rio de Janeiro: Vozes, 2012. MELUCCI, Alberto. A Invenção do Presente : movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001. TOURAINÉ, Alain. Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 1998. SCHERER-WARREN, Ilse. Redes de movimentos sociais . São Paulo: Loyola; Centro João XXIII, 1993.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
AVRITZER, Leonardo. Amoralidade da Democracia . Belo Horizonte: Del Rey, 1996. BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. O novo espírito do capitalismo . São Paulo: Martins Fontes, 2009. HARVEY, David et al. Occupy . São Paulo: Boitempo, 2012. LEHER, Roberto; SETÚBAL, Mariana (Org.). Pensamento crítico e movimentos sociais : diálogos para uma nova práxis. São Paulo: Cortez, 2005. LUDD, Ned (Org.). Urgência das ruas . Black Block, reclaim the streets e os dias de ação global. São Paulo: Conrad, 2002. MCADAM, Dough; MCCARTHY, John D.; ZALD, Mayer. Movimientos sociales : perspectivas comparadas. Madri: Istmo, 1999. POLANYI, Karl. A grande transformação : as origens de nossa época. Rio de Janeiro: Ed. Campos, 1980. SCOTT, James. Los dominados y el arte de la resistencia . México: Era, 2005. _____. The art of not being governed . London: Yale University, 2009. VIRNO, Paolo. Gramática de la multitud . Buenos Aires: Colihue, 2008.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH685	MOVIMENTOS SOCIAIS II	04	60
EMENTA			
Os movimentos sociais na América Latina. Emergência e dinâmica dos movimentos sociais na América Latina, em especial no contexto pós-regimes militares à atualidade.			
OBJETIVO			
Refletir sobre os movimentos sociais na América Latina.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ALVAREZ, Sônia, DAGNINO, Evelina; ESCOBAR Arturo (Org.). Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino Americanos . Belo Horizonte: UFMG, 2000. DI FELICE, Massimo; MUNOZ, Cristobal. A revolução invencível . São Paulo: Boitempo, 1998. GAVIA, Margarita; GUILLEN, Diana (Coord.). América Latina: los derechos y las prácticas ciudadanas a la luz de los movimientos populares . Buenos Aires: CLACSO, 2009. GOHN, Maria da Gloria. História das Lutas e Movimentos Sociais . 3. ed. São Paulo: Loyola, 2003. VINICIUS, Leo. A guerra da tarifa 2005 . Uma visão de dentro do movimento Passe Livre em Floripa. São Paulo: Faisca, 2006. ZIBECH, Raul. Autonomías y Emancipaciones . América Latina en movimiento. Mexico: Bajo la Tierra, 2008.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
CHAGUACEDA, Armando; BRANCALEONE, Cassio (Coord.). Sociabilidades Emergentes y Movilizaciones Sociales en América Latina . Buenos Aires: CLACSO, 2012. DAGNINO, Evelina. Sociedade Civil e Espaços Públicos no Brasil . São Paulo: Paz e Terra, 2002. DOMINGUES, Jose Mauricio; GUIMARAES, Alice; MOTA, Aurea; SILVA, Fabricio (Org.). A Bolívia no espelho do futuro . Belo Horizonte: IUPERJ/UFMG, 2009. GABRIEL, Leo; LOPEZ y RIVAS, Gilberto (Coord.). Autonomías indígenas en América Latina . México: PyV, 2005. LÖWY, Michael (Org.). O marxismo da América Latina . 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. MAMAMI, Fernando. Vivir Bien/Buen Vivir . Laz Paz: IICAB, 2010. MIGNOLO, Walter. Histórias Locais/Projetos Globais . Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003. OLIVEIRA Ariovaldo; ARELLANO, Alejandro. Chiapas, construindo a esperança . São Paulo: Paz e Terra, 2002. RODRIGUES, F.; NOVAES, H.; BATISTA, E. (Org.). Movimentos Sociais, Trabalho Associado e Educação para além do capital . São Paulo: Outras Expressões, 2012. ZIBECHI, Raul. Dispersar el poder: los movimientos como poderes antiestatales . Buenos Aires: Tinta Limon, 2007.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH686	RELAÇÕES DE GÊNERO	04	60
EMENTA			
Teorias feministas e relações de gênero. Gênero como categoria de análise política. A construção social de gênero. Imbricações entre espaço público e privado na perspectiva feminista. Igualdade e diferença na construção da cidadania. Gênero, cidadania e democracia radical.			
OBJETIVO			
Compreender o gênero como elemento constitutivo do poder, a partir do entendimento da construção do espaço público.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
AVILA, Maria Betânia (Org.). Textos e imagens do feminismo : mulheres construindo a igualdade. Recife: SOS Corpo, 2001.			
BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo . São Paulo: Nova Fronteira, 1980. v. 1 e 2.			
BUTLER, Judith. Problemas de Gênero . Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.			
FRIEDAN, Betty. Mística Feminina . Petrópolis: Vozes, 1971.			
PATEMAN, Carole. O Contrato Sexual . São Paulo: Paz e Terra, 1993.			
PERROT, Michelle. Os excluídos da história : operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.			
REFERÊNCIA COMPLEMENTAR			
STEPHAN (Org.). Democratizando o Brasil . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.			
BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra (Org.). Gênero, democracia e sociedade brasileira . São Paulo: 34; Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas, 2002.			
CASTELLS, Carmen. Perspectivas feministas em teoria política . Buenos Aires: Paidós, 1999.			
PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Mirian Pilar (Org.). Masculino, feminino plural . Florianópolis: Mulheres, 1998.			
PERROT, Michelle. Mulheres Públicas . São Paulo: Unesp, 1998.			
TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve História do feminismo no Brasil . São Paulo: Brasiliense, 1999.			
BAQUERO, Marcello. Reinventando a sociedade na América Latina . Porto Alegre/Brasília: Universidade/UFRGS/Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), 2001.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH226	RELIGIÃO E SOCIEDADE	04	60
EMENTA			
Relações da religião com outras áreas do conhecimento humano: ciência, filosofia e arte. O fenômeno religioso: rituais, narrativas e legitimidade. Religião e sociedade: economia, política e cultura. Tradições religiosas brasileiras. As diferentes interpretações da antropologia e da sociologia acerca das influências do fenômeno religioso na vida social.			
OBJETIVO			
Refletir sobre o fenômeno religioso a partir de um olhar das ciências sociais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BASTIDE, Roger. Elementos de Sociologia Religiosa . São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 1990.			
BERGER, Peter. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião . São Paulo: Paulus, 2004.			
DURKHEIM, Émile. As formas elementares de vida religiosa . São Paulo: Martins Fontes, 2003.			
EVANS-PRITCHARD, E. E. Antropologia social da religião . Rio de Janeiro: Campus, 1978.			
FEUERBACH, Ludwig. A essência do cristianismo . Rio de Janeiro: Vozes, 2007.			
QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. O messianismo no Brasil e no mundo . São Paulo: Alfa-omega, 2003.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BOURDIEU, Pierre. Economia das trocas simbólicas . São Paulo: Perspectiva, 1976.			
BURITY, Joanildo; MACHADO, Maria das Dores Campos (Org.). Os votos de Deus: Evangélicos, política e eleições no Brasil . Recife: Fundação Joaquim Nabuco e Editorial Massangana, 2006.			
CAMPBELL, Joseph. As transformações do mito através do tempo . São Paulo: Cultrix, 1995.			
ELIADE, Mircea. Tratado de história das religiões . São Paulo: Martins Fontes, 1993.			
BORÓN, A.; AMADEO, Javier; GONZALES, Sabrina. A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas . Buenos Aires: Clacso, 2007.			
MALINOWSKI, Bronislaw. Magia, ciência e religião . Lisboa: Edições 70, 1988.			
MARX, Karl. A questão judaica . São Paulo: Moraes, 1991.			
PORTELLI, Huges. Gramsci e a Questão Religiosa . São Paulo: Paulinas, 1984.			
WEBER, Max. Ensaio de Sociologia . Rio de Janeiro: Zahar, 1982.			
_____. A ética protestante e o espírito do capitalismo . São Paulo: Companhia das Letras, 2004.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH687	TEORIAS DA DEMOCRACIA I	04	60
EMENTA			
Paradigmas teóricos da democracia: o elitismo competitivo. O liberalismo. A teoria da democracia participativa. Marxismo, anarquismo e democracia.			
OBJETIVO			
Conhecer as principais teorias da democracia.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
COLOMBO, Eduardo. Democracia e Poder . São Paulo: Imaginário, 2011. DAHL, R. Poliarquia . São Paulo: Edusp, 1995. DOWNS, Anthony. Uma Teoria Econômica da Democracia . São Paulo: Edusp, 1997. DUSSEL, Enrique. 20 teses de política . São Paulo: CLACSO/Expressão Popular, 2007. MARTORANO, Luciano Cavini. Conselhos e Democracia . São Paulo: Expressão Popular, 2011. PATEMAN, Carole. Participação e teoria democrática . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
GUIMARÃES, Juarez. Marxismo e Democracia: crítica à razão liberal . São Paulo: Xamã, 1998. KROPOTKIN, Piotr. O princípio anarquista e outros ensaios . São Paulo: Hedra, 2007. LÊNIN, V. I. O Estado e a Revolução . São Paulo: Hucitec, 1987. LUKÁCS, Györg. Socialismo e Democratização . Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. MARX, Karl. Sobre a questão judaica . São Paulo: Boitempo, 2010. PROUDHON, Pierre-Joseph. Do princípio federativo e da necessidade de reconstruir o partido da revolução . Lisboa: Colibri, 1996. PRZEWORSKI, Adam. Capitalismo e Social Democracia . São Paulo: Cia. das Letras, 1989. SAES, Décio. Democracia . São Paulo: Ática, 1993. SCHUMPETER, Joseph. Capitalismo, socialismo e democracia . Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. WOOD, Ellen. Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico . São Paulo: Boitempo, 2003.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH688	TEORIAS DA DEMOCRACIA II	04	60
EMENTA			
Reflexões contemporâneas sobre a questão da democracia.			
OBJETIVO			
Refletir sobre a democracia nas sociedades contemporâneas.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ABENSOUR, Miguel. A democracia contra o Estado . Belo Horizonte: UFMG, 1998. CASTORIADIS, Cornelius. As encruzilhadas do labirinto 2: os domínios do homem . São Paulo: Paz e Terra, 1987. COUTINHO, Carlos Nelson. A democracia como valor universal e outros ensaios . Rio de Janeiro: Salamandra, 1984. HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Multidão . Record, 2005. SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. SOUZA, Jessé de (Org.). A democracia hoje . Brasília: UnB, 2001.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
AGAMBEM, Giorgio. O reino e a glória: uma genealogia teológica do governo e da economia (Homo Sacer II) . São Paulo: Boitempo, 2011. AVRITZER, Leonardo. A moralidade da democracia . São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: UFMG, 1996. BAKUNIN, Mikhail. Estatismo e anarquia . São Paulo: Imaginário, 2003. COELHO, Vera S. P.; NOBRE, Marcos (Org.). Participação e deliberação . São Paulo: Ed. 34, 2004. HOLLOWAY, John. Mudar o mundo sem tomar o poder . São Paulo: Viamundo, 2003. LA BOETIE, Etienne. Discurso sobre a servidão voluntária . São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003. LUMMIS, C. Douglas. Democracia Radical . Mexico: Siglo XXI, 2002. MOORE JR., Barrington. As origens sociais da ditadura e da democracia . São Paulo: Martins Fontes, 1983. WEFFORT, Francisco. Por que democracia? São Paulo: Brasiliense, 1984. WERLE, Denilson. Democracia deliberativa . São Paulo: Esfera Pública, 2007.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH689	ANTROPOLOGIA POLÍTICA	04	60
EMENTA			
Antropologia política e antropologia da política; cultura, ideologia e relações de poder; campo político e poder simbólico; etnografias de processos políticos e estruturas de poder; economia política e análise antropológica de sistemas mundiais; poder, símbolos e rituais.			
OBJETIVO			
Instrumentalizar estudantes com conceitos, teorias e exemplos de análises da política e das relações de poder como campo de ação social institucionalizada e como dimensão simbólica de fenômenos socioculturais variados.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o estado : pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. FELDMAN-BIANCO, B.; RIBEIRO, G. L. (Org.); WOLF, Eric. Antropologia e poder : contribuições de Eric Wolf. Campinas/São Paulo/Brasília: UNICAMP/Imprensa Oficial/UnB, 2003. GOLDMAN, Marcio. Como funciona a democracia : uma teoria etnográfica da política. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. LEACH, Edmund. Sistemas políticos da Alta Birmânia . São Paulo: Edusp, 1996. L'ESTOILE, B.; NEIBURG, F.; SIGAUD, L. (Org.). Antropologia, impérios e Estados nacionais . Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. WALLERSTEIN, Immanuel. O universalismo europeu : a retórica do poder. São Paulo: Boitempo, 2006.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BALANDIER, Georges. O poder em cena . Brasília: Unb, 1982. BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. COMERFORD, John. Fazendo a luta : sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. GEERTZ, Clifford. Negara : o Estado-teatro no século XIX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. GOLDMAN, Márcio; PALMEIRA, Moacir. (Org.). Antropologia, voto e representação política . Rio de Janeiro: Contracapa, 1996. GOLDMAN, Marcio. Alguns aspectos da antropologia . Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. GRAEBER, David. Fragmentos de uma antropologia anarquista . Porto Alegre: Deriva, 2011. GRIMSON, Alejandro (Org.). Cultura y neoliberalismo . Buenos Aires: CLACSO, 2007. SOUZA LIMA, A. C. (Org.). Gestar e gerir : estudos para uma antropologia da administração pública no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. SILVA, K.; SIMIÃO, D. (Org.). Timor-Leste por trás do palco : cooperação internacional e a dialética da formação do Estado. Belo Horizonte: UFMG, 2007.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH690	ANTROPOLOGIA DA MÚSICA	04	60
EMENTA			
Antropologia da música e etnomusicologia; construção social do som musical; música na cultura; estrutura social e estrutura musical; música e identidade; música e globalização.			
OBJETIVO			
Proporcionar a apropriação das ferramentas metodológicas e conceituais da Antropologia para análise de fenômenos sonoros e musicais visando sua contextualização histórica e sociocultural.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
MENEZES BASTOS, Rafael José de. A Musicológica Kamayurá: Para uma Antropologia da Comunicação no Alto-Xingu. Florianópolis: UFSC, 1999. TRAVASSOS, Elizabeth. Os mandarins milagrosos: arte e etnografia em Mário de Andrade e Béla Bartók. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. LÉVI-STRAUSS, Claude. O cru e o cozido. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. OCHOA, A. M. Músicas locais em tiempos de globalización. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2003. WISNIK, J. M. O som e o sentido: uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. VIANNA, Hermano. O mistério do samba. Rio de Janeiro: Zahar/UFRJ, 1995.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ELIAS, Norbert. Mozart: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. HIKIJ, Rose. A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens. São Paulo: EDUSP, 2006. MARTI, Josep; MARTINEZ, Silvia. Voces e imágenes en la etnomusicología actual. Madri: Ministerio de la Cultura, 2004. MONTARDO, D. L. O. Através do Mbaraka: música, dança e xamanismo guarani. São Paulo: Edusp, 2009. MORELLI, Rita. Indústria Fonográfica: um estudo antropológico. Campinas: UNICAMP, 2009. PRASS, Luciana. Maçambiques, Quicumbis e Ensaios de Promessa: musicalidades quilombolas do sul do Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2013. REYNOSO, Carlos. Antropología de la música: de los géneros tribales a la globalización. V. I: teorías de la simplicidad. Buenos Aires: Editorial SB, 2006. REYNOSO, Carlos. Antropología de la música: de los géneros tribales a la globalización. V. II: teorías de la complejidad. Buenos Aires: Editorial SB, 2006. TINHORÃO, José Ramos. História social da musica popular brasileira. São Paulo: 34, 1998. VIANNA, Hermano. O mundo funk carioca. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH691	ETNOLOGIA INDÍGENA	04	60
EMENTA			
A etnologia das terras baixas sul-americanas. Principais temáticas e abordagens teóricas e metodológicas. O panorama da imensa diversidade cultural e social da região que se descortina nas etnografias Jê, Tupi, Pano, do Alto Xingu, do Noroeste Amazônico, das Guianas e outras.			
OBJETIVO			
Apresentar aos alunos de ciências sociais algumas das principais temáticas que permeiam os estudos das sociedades indígenas na América do Sul.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CARNEIRO DA CUNHA, M. (Org.). História dos índios no Brasil . São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992.			
_____. Cultura com aspas . São Paulo: Cosac Naify, 2009.			
SEEGER, A.; DA MATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In: OLIVEIRA FILHO, J. P. (Org.). Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil . Rio de Janeiro: UFRJ/Editora Marco Zero, 1987.			
VIVEIROS DE CASTRO, E. Etnologia brasileira. In: MICELI, S. (Org.). O que ler na ciência social brasileira (1970-1995) - Antropologia. São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS; Brasília: CAPES, 1999.			
_____. A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ALBERT, B.; RAMOS, A. R. (Org.). Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico . São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2002.			
FRANCHETTO, B.; HECKENBERGER, M. (Org.). Os povos do Alto Xingu: história e cultura . Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.			
GALLOIS, D. T.; SZTUTMAN, R.; BARBOSA, G.; PATEO, R. D.; GRUPIONI, D. F. (Org.). Redes de relações nas Guianas . São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.			
LANGDON, J. Xamanismo no Brasil: novas perspectivas . Florianópolis: UFSC, 1996.			
SCHADEN, E. (Org.). Leituras de etnologia brasileira . São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.			
VIDAL, L. B. (Org.). Grafismo indígena: estudos de antropologia estética . São Paulo: Nobel; Universidade de São Paulo; FAPESP, 1992.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH692	EDUCAÇÃO POPULAR	04	60
EMENTA			
Recortes históricos da Educação Popular. Cultura popular e escola. Educação em espaços informais. América Latina e Educação Popular. Movimentos Sociais e Educação Popular. A Educação Popular na escola pública. Cultura, política e processos descoloniais. Educação emancipatória e práticas de ensino.			
OBJETIVO			
Apresentar e discutir a Educação Popular como paradigma de ação política com desdobramentos teórico-metodológicos no contexto latino-americano.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BEISIEGEL, C. R. Política e educação popular : a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2008. BRANDÃO, C. R. O que é educação popular . São Paulo: Brasiliense, 2006. FREIRE, P. Pedagogia do compromisso : América Latina e educação popular. Indaiatuba: Villa das Letras, 2008. _____. Política e educação . 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003. STRECK, D. R. (Org.). Fontes da pedagogia latino-americana : uma antologia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 254-257. VALE, A. M. Educação popular na escola pública . 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 8).			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BRANDÃO, C. R. A pesquisa participante e a participação na pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (Org.). Pesquisa participante : a partilha do saber. Aparecida, SP: Ideais & Letras, 2006b. p. 21-54. DUSSEL, E. Filosofia de la liberación . Bogotá: Nueva América, 1977. FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). Pesquisa participante . 8. ed. 3. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2006a. p. 42-62. FÁVERO, Osmar. Cultura Popular, Educação Popular : memória dos anos 60. Rio de Janeiro: ed. Graal, 1983. FREIRE, P. Pedagogia da esperança : um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. _____; NOGUEIRA, A. Que fazer : teoria e prática em educação popular. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. _____. Pedagogia do oprimido . 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. PALUDO, C. Educação popular em busca de alternativas : uma leitura desde o campo democrático e popular. Porto Alegre: Tomo Editorial/Camp, 2001. TRINDADE, G. C. O popular e a educação na teoria social. In: FIOREZE, C.; MARCON, T. (Org.). O popular e a educação : movimentos sociais, políticas públicas e desenvolvimento. Ijuí: Unijuí, 2009. p. 13-37. ZITKOSKI, J. J. Educação Popular e movimentos sociais na América Latina: perspectivas no atual contexto. In: ZITKOSKI, J. J.; MORIGI, V. (Org.). Educação popular e práticas emancipatórias : desafios contemporâneos. Porto Alegre: Corag, 2011. p. 11-23.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH693	PENSAMENTO POLÍTICO LIBERTÁRIO	04	60
EMENTA			
Constituição do pensamento político libertário moderno. Principais representantes do período clássico e “formativo” do anarquismo, considerados a partir do contexto de elaboração e sistematização das ideias que contribuíram para a afirmação do chamado campo libertário: mutualismo, anarco-individualismo, anarco-sindicalismo, coletivismo e anarco-comunismo.			
OBJETIVO			
Refletir sobre as matrizes constitutivas do pensamento político libertário, a partir de suas principais formulações inaugurais e clássicas.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BAKUNIN, Mikhail. Deus e o Estado . São Paulo: Hedra, 2011. KROPOTKIN, Piotr. O princípio anarquista e outros ensaios . São Paulo: Hedra, 2007. LA BOETIE, Etienne. Discurso sobre a servidão voluntária . São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003. PROUDHON, Pierre-Joseph. O que é a propriedade? 2. ed. Lisboa: Estampa, 1975. THOREAU, Henry. Desobedecendo: a desobediência civil e outros escritos . Rio de Janeiro: Rocco, 1984. WOODCOCK, George. História das ideias e movimentos anarquistas . Porto Alegre: LP&M, 2002. v. 1 e 2.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BAKUNIN, Mikhail. A essência da religião: o patriotismo . São Paulo: Imaginário, 2009. _____. Estatismo e anarquia . São Paulo: Imaginário, 2003. BEER, Max. História do Socialismo e das Lutas Sociais . São Paulo: Expressão Popular, 2006. GUERIN, Daniel. Anarchism: from theory to practice . New York: Monthly Review Press, 1970. KROPOTKIN. Palavras de um revoltado . São Paulo: Imaginário, 2005. _____. A ajuda mútua: um fator de evolução . Porto Alegre/São Sebastião: Deriva/A Senhora Editora, 2012. NETTLAU, Max. História da anarquia . São Paulo: Hedra, 2008. PROUDHON, Pierre-Joseph. Do princípio federativo e da necessidade de reconstruir o partido da revolução . Lisboa: Colibri, 1996. RODRIGUES, Edgar. Universo Ácrata . Florianópolis: Insular, 1999. v. 1 e 2. TRINDADE, Francisco. O essencial Proudhon . São Paulo: Imaginário, 2001.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH694	SOCIOLOGIA DA AUTONOMIA	04	60
EMENTA			
Modernidade, autonomia e heteronomia. Capitalismo, Expropriação dos produtores e Salariato. Capitalismo, Estado e Governamentalidade. Autogestão e Autogoverno: teorias clássicas e experiências históricas. Comunidade, Indivíduo, Autonomia e Sociabilidade. Autonomia e projeto político. Autonomia e sociabilidades emergentes.			
OBJETIVO			
Promover a discussão e a reflexão crítica de categorias sócio-políticas que traduzam experimentos e projetos de auto-organização do mundo popular e subalterno, mobilizando tradições intelectuais correntemente marginalizadas e/ou invisibilizadas no âmbito da teoria social moderna e contemporânea.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BOOKCHIN, Murray. Municipalismo Libertário . São Paulo: Imaginário, 1999. CASTORIADIS, Cornelius. As encruzilhadas do labirinto 2 . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. CECEÑA, Ana Esther (Org.). Hegemonias e emancipações . Buenos Aires: CLACSO, 2005. GUILLERM, Alain; BOURDET, Yvon. Autogestão: uma mudança radical . Rio de Janeiro: Zahar, 1976. LEVAL, Gaston; BERTHIER, René; MINTZ, Frank. Autogestão e Anarquismo . São Paulo: Imaginário, 2002. SANTILLÁN, Diego Abad. Organismo Econômico da Revolução . A autogestão na Revolução Espanhola. São Paulo: Brasiliense, 1980.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BEY, Hakim. TAZ - Zona Autônoma Temporária . São Paulo: Conrad, 2001. CASTORIADIS, Cornelius. Sobre o conteúdo do socialismo . Rio de Janeiro: Achiamé, 1999. HOLLOWAY, John. Mudar o mundo sem tomar o poder . São Paulo: Viramundo, 2003. LE LIBERTAIRE E LE MONDE LIBERTAIRE. Espanha libertária . A revolução social contra o fascismo. São Paulo: Imaginário/Expressão e Arte, 2002. PANNEKOEK, Anton. Partidos, Sindicatos e Conselhos Operários . Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2011. TEIXEIRA, Aloisio (Org.). Utópicos, heréticos e malditos . Rio de Janeiro: Record, 2002. VASSILEV, Pano. A ideia dos soviets . São Paulo: Imaginário/Faísca, 2008. WILSON, Peter. Utopias Piratas . São Paulo: Conrad 2001. WOODCOCK, George (Org.). Os grandes escritos anarquistas . Porto Alegre: LP&M, 1981. ZIBECHI, Raul. Autonomías y emancipaciones . Mexico: Bajo la Tierra, 2008.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH695	SOCIOLOGIA DA CULTURA	04	60
EMENTA			
Cultura como objeto de estudo sociológico. Elaboraões teóricas clássicas e contemporâneas atinentes à Sociologia da Cultura. Matrizes Interpretativas da Sociologia da Cultura. Análises sociológicas de manifestações simbólicas, identitárias e/ou culturais.			
OBJETIVO			
Proporcionar aos estudantes o aprofundamento das principais contribuições da Sociologia da Cultura, oportunizando-lhes condições teóricas para compreender e analisar as mudanças culturais observadas em nosso tempo.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BENJAMIN, W. Obras Escolhidas I . 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. CANCLINI, N. G. Culturas Híbridas . São Paulo: Edusp, 1996. MANNHEIM, K. Sociologia da Cultura . 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações . 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. MORIN, E. Cultura de massas no século XX – v. 1 – Neurose . 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011. SIMMEL, G. Simmel - A Estética e a Cidade . São Paulo: Annablume, 2011.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
CANCLINI, N. G. A Globalização Imaginada . São Paulo: Iluminuras, 2003. _____. Consumidores e Cidadãos . 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. _____. Latino-americanos à procura de um lugar neste século . São Paulo: Iluminuras, 2008. CANDIDO, A. Literatura e Sociedade . 12. ed. Ouro Sobre Azul, 2011. DUBET, F. Sociologia da Experiência . Lisboa: Instituto Piaget, 1996. ELIAS, N. Mozart: Sociologia de um gênio . Rio de Janeiro: Zahar, 1994. MORIN, E. Cultura de massas no século XX – v. 2 – Necrose . 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2009. ORTIZ, R. A Moderna Tradição Brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural . 5. ed. Brasiliense, 2006. SILVA, T. T. O que é, afinal, Estudos Culturais? 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. SIMMEL, G. Ensaio sobre teoria da história . Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2011.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH099	ANTROPOLOGIA NO BRASIL	04	60
EMENTA			
A construção do campo antropológico no Brasil. Estudo das principais obras de interpretação antropológica da sociedade e da cultura do Brasil. Temas contemporâneos de estudo sobre o Brasil.			
OBJETIVO			
Adquirir um conhecimento sólido acerca da formação da Antropologia no Brasil e das principais obras e autores que procuram analisar, a partir da Antropologia, a sociedade brasileira.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CANDIDO, Antônio. Os parceiros do Rio Bonito . Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1964. CUNHA, Manuela Carneiro. Antropologia do Brasil . São Paulo: Brasiliense, 1986. DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis . Rio de Janeiro: Zahar, 1986. FREIRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala . Rio de Janeiro: Record, 1986. HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil . São Paulo: Companhia das Letras, 1995. RIBEIRO, Darcy. O povo Brasileiro . São Paulo: Companhia das Letras, 1995.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Guerra e Paz . Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre na década de 30. Rio de Janeiro: 34, 1993. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Roger Bastide: sociologia . São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). CASTRO, Eduardo Batalha Viveiros de. Etnologia Brasileira. In: MICELI, Sérgio (Org.). O que ler na ciência social brasileira (1970-1995) . São Paulo: Sumaré, 1999. CORREA, Mariza. História da Antropologia no Brasil (1930-1960) . Testemunhos. São Paulo/Campinas: Vértice/Revista dos Tribunais/Universidade Estadual de Campinas, 1987. FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mocamos . São Paulo: Global, 2006. LEITE, Dante Moreira. O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia . São Paulo: Pioneira, 1976. NIMUENDAJU, Curt. As Lendas da criação e da destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocúva-Guarani . São Paulo: Hucitec, Edusp, 1987. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. A sociologia do Brasil indígena . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. SCHWARTZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil . São Paulo: Companhia das Letras, 1993. VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas . Rio de Janeiro: Zahar, 1994.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH696	MARXISMO HETERODOXO	04	60
EMENTA			
Pressupostos político-filosóficos da abordagem marxiana. Marx depois de Marx. Rosa Luxemburgo e a Liga Espartaquista. Comunismo conselhistas e o marxismo antiautoritário de Anton Pannekoek. Herbert Marcuse, marxismo e contracultura. O marxismo latinoamericano de Jose Carlos Mariátegui. A Internacional Situacionista. Autonomismo e Operaísmo.			
OBJETIVO			
Abordar os principais aspectos da contribuição Karl Marx para o pensamento político moderno em suas vertentes heterodoxas e heréticas, analisando o significado das diversas perspectivas teóricas que se organizaram no seio do marxismo.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Situacionista: teoria e prática da revolução. São Paulo: Conrad, 2002. LUXEMBURGO, Rosa. Textos Escolhidos. São Paulo: UNESP, 2011. 3 v. MARCUSE, Herbert. Razão e revolução. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. MARIÁTEGUI, Jose Carlos. Por um socialismo indoamericano. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. PANNEKOEK, Anton. Partidos, Sindicatos e Conselhos Operários. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2011. TRAGTENBERG, Mauricio (Org.). Marxismo heterodoxo. São Paulo: Brasiliense, 1981.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BOTTOMORE, Tom (Org.). Dicionário do Pensamento Marxista. São Paulo: Zahar, 1988. DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. GRUPO KRISIS. Manifesto contra o trabalho. São Paulo: Conrad, 2003. HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Multidão. Rio de Janeiro: Record, 2005. MARIÁTEGUI, Jose Carlos. Sete ensaios de interpretação da realidade peruana. São Paulo: Alfa-Omega, 1975. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A Guerra Civil em França. São Paulo: Global, 1986. MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2004. TRAGTENBERG, Mauricio. Teoria e ação libertárias. Marília: UNESP, 2011. VASSILEV, Pano. A ideia dos soviets. São Paulo: Imaginário/Faísca, 2008. VANEIGEM, Raoul. A arte de viver para as novas gerações. São Paulo: Conrad, 2002.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH697	PENSAMENTO POLÍTICO LATINO-AMERICANO	04	60
EMENTA			
Variantes históricas e teóricas do pensamento político latinoamericano. Heranças coloniais. O pensamento independentista e pós-colonial. Agrarismo Radical. Anarquismos e marxismos latinoamericanos. Teologia e filosofia da libertação. Teorias indianistas. Perspectivas emergentes: Zapatismo e o Giro Descolonial.			
OBJETIVO			
Apresentar as principais contribuições do pensamento político latinoamericano.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
DUSSEL, Enrique D. Filosofia da Libertação na América Latina . São Paulo: Loyola, 1977. FLORES-MAGON, Ricardo. A revolução mexicana . São Paulo: Imaginário, 2001. MARIATEGUI, Jose Carlos. Por um socialismo indo-americano . Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. RIBEIRO, Darcy. O dilema da América Latina . Rio de Janeiro: Vozes, 1983. DI FELICI, Massimo; MUÑOZ, Cristóbal (Org.). A revolução invencível – Cartas e comunicados: Subcomandante Marcos e Exército Zapatista de Libertação Nacional . São Paulo: Boitempo, 1998. RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. Inflexion Decolonial: fuentes, conceptos, cuestionamientos . Popayan: Universidad del Cauca, 2010.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BOLIVAR, Simon. Escritos Políticos . Campinas: Unicamp, 1992. DÁVALOS, Pablo (Org.). Pueblos indígenas, estado y democracia . Buenos Aires: CLACSO, 2005. DUSSEL, Enrique; MENDIETA, Eduardo; BOHORQUEZ, Carmen. El pensamiento filosofico latinoamericano, del Caribe y “latino” (1300-2000) . México: Siglo XXI/CREFAL, 2010. FLORES MAGÓN, R. Antología . México: UNAM, 1993. KUSCH, Rodolfo. América Profunda . Buenos Aires: Biblos, 1999. LAS CASAS, Frei Bartolomé. O paraíso destruído . Porto Alegre: LP&M, 2001. LENKERSDORF, Carlos. Conceptos tojolabales de filosofía y del altermundo . México: Plaza y Valdés, 2004. MIGNOLO, Walter. Histórias locais/Projetos globais . Belo Horizonte: UFMG, 2003 NEPOMUCENO, Eric. Emiliano Zapata . Tierra y Libertad. São Paulo: Brasiliense, 1982. SANTILLAN, Diego Abad de. Ricardo Flores-Magón. O apóstolo da revolução mexicana . São Paulo: Faisca, 2003.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH698	POLÍTICA BRASILEIRA	4	60
EMENTA			
Instituições políticas. Relação Estado e sociedade na perspectiva da Ciência Política. Autoritarismo e Democracia. Partidos políticos e sistemas partidários.			
OBJETIVO			
Analisar o processo político brasileiro na República.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ARRETCHE, Marta. Democracia, federalismo e centralização no Brasil . Rio de Janeiro: FGV, Fiocruz, 2012.			
LIMONGI, Fernando; FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. Executivo e Legislativo na nova ordem constitucional . 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.			
MENEGUELLO, Rachel. Partidos e Governos no Brasil Contemporâneo (1985 – 1997) . São Paulo: Paz e Terra, 1998.			
MAINWARING, Scott P. Sistemas Partidários em Novas Democracias – o Caso do Brasil . Rio de Janeiro: Editora FGV; Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.			
QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios . São Paulo: Alfa-Omega, 1976.			
ROUQUIÉ, Alain; LAMOUNIER, Bolivar; SCHVARZER, Jorge (Org.). Como Renascem as Democracias . Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
INÁCIO, Magna; RENNO, Lucio. Legislativo Brasileiro em Perspectiva Comparada . Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.			
KINZO, Maria D'Alva Gil. Representação Política e Sistema Eleitoral no Brasil . São Paulo: Símbolo, 1980.			
LAFER, Celso. O Sistema Político Brasileiro . São Paulo: Perspectiva, 1975.			
MOISÉS, José Álvaro; ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon (Org.). Dilemas da Consolidação da Democracia . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.			
MOTA, Carlos Guilherme (Org.). Viagem Incompleta – a Experiência Brasileira – a grande transação (1500-2000) . São Paulo: Editora Senac/São Paulo, 2000.			
NICOLAU, Jairo; POWER, Timothy J. (Org.). Instituições representativas no Brasil – balanço e reforma . Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.			
NUNES, Edson. A Gramática Política do Brasil – clientelismo e insulamento burocrático . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.			
SANTOS, Fabiano. O Poder Legislativo no Presidencialismo de Coalizão . Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.			
SCHWARTZMAN, Simon. Bases do Autoritarismo Brasileiro . Rio de Janeiro: Campus, 1988.			
SKIDMORE, Thomas. Brasil: de Getúlio a Castello . São Paulo: Companhia das Letras, 2010.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH699	SOCIOLOGIA BRASILEIRA	04	60
EMENTA			
Conceito de Sociologia Brasileira. O desenvolvimento institucional a partir da década de 1930. A produção do conhecimento científico sobre a realidade brasileira na década de 1950 e 1960. Principais abordagens e temas. Novas perspectivas teóricas de investigação.			
OBJETIVO			
Apresentar alguns dos principais temas e problemas da Sociologia e do pensamento social brasileiro. Situar o contexto histórico de origem da Sociologia no Brasil e refletir a respeito de temas importantes no debate de ideias. Examinar a formação do imaginário nacional a partir da década de 1930 e a ideia de modernidade. Analisar as correntes teóricas de investigação sociológica da década de 50 e 60 e suas principais abordagens: construção da nacionalidade, raça, nacional desenvolvimento e capitalismo meridional. Debater a respeito das novas perspectivas teórica de investigação sobre o Brasil contemporâneo.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CHACON, Vamirech. Formação das ciências sociais no Brasil: da Escola de Recife ao Código Civil. Brasília: Paralelo 15; Brasília: IGE Editoras; São Paulo: Unesp, 2008. FERNANDES, Florestan. A revolução burguesa no Brasil. São Paulo: Globo, 2006. MICELLI, Sergio (Prg.). O que ler nas Ciências Sociais brasileira (1970-1955). Sociologia. São Paulo: Editora Sumaré; ANPOCS/Brasília: Capes, 1999. v. 2. SOUZA, Jessé. A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003. SANTIAGO, Silvano (Org.). Intérpretes do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. CARDOSO, Fernando H. Capitalismo e escravidão no Brasil meridional. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. FERNANDES, Florestan. Mudanças sociais no Brasil: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira. São Paulo: DIFEL, 1979. _____. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Globo, 2008. v. 1 e 2. HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. _____. Visão do paraíso. São Paulo: Brasiliense, 1994. PRADO JR., Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Brasiliense, 2009. RAMOS, Guerreiro. A Redução Sociológica. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. REIS, José Carlos. As identidades do Brasil – de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000. SOUZA, Jessé. A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro. Brasília: Universidade de Brasília, 2000. VERLINDO, Jorge Augusto Silveira. O imaginário social na sociologia brasileira contemporânea (1984-1993). Caxias do Sul: Educs, 2004.			



CÓDIGO	COMPONENTE CURRICULAR	CRÉDITOS	HORAS
GCH700	SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE	04	60
EMENTA			
A Juventude como categoria sociológica e os fundamentos teórico-metodológicos dos estudos em sociologia da juventude; funções da juventude na sociedade moderna; Juventude e protagonismo político: transformação X conservação social; debates contemporâneos sobre a juventude e suas interfaces com o trabalho, educação e cultura; jovens, violência e criminalização; diversidades juvenis em diferentes contextos (rurais, urbanos, povos originários).			
OBJETIVO			
Analisar o fenômeno juventude/jovem na contemporaneidade a partir das contribuições teórico-metodológicas da sociologia da juventude.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). Retratos da Juventude Brasileira : Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. FORRACHI, Marialice. A Juventude na sociedade moderna . São Paulo. Pioneira 1972. MANNHEIM, Karl. <i>Funções das gerações novas</i> . In: FORACCHI, Marialice; PEREIRA, Luis. Educação e Sociedade – Leituras de sociologia da educação. São Paulo: Biblioteca Universitária, 1978. GROPPO, Luís Antônio. Juventude – ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas . Rio de Janeiro: Difel, 2000. PAIS, José Machado. Culturas Juvenis . Lisboa, Imprensa Nacional, 1996. SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. Reinvenções da Utopia - a militância política de jovens nos anos 90. São Paulo: Hacker Editores, 1999.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ALVES, Giovanni; ESTANQUE, Elisio. Trabalho, juventude e precariedade – Brasil Portugal. Bauru - SP: Editora Canal 6, 2013. BOURDIEU, Pierre. <i>A Juventude é apenas uma palavra</i> . In: Questões de Sociologia . Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1983. CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural em perspectiva . Rio de Janeiro: Mauad, 2007. FOOT WHYTE, Willian. Sociedade de Esquina . Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2005. FORRACHI, Marialice (Org.). Manheim – sociologia [Coleção Grandes Cientistas sociais]. São Paulo: Ática, 1982. GROPPO, Luís Antônio. Condição Juvenil: Modelos Contemporâneos de Análises Sociológica da Juventude . Última Década, núm. 33, dezembro, 2010, pp. 11-26, Centro de Estudos Sociais, Chile. Disponível em: < http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=19519109002 >. LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude. História dos Jovens - Vol 2: A época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra - Ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 2000. NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. Juventude e Sociedade -Trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Instituto Cidadania/Perseu Abramo, 2003; ZALUAR, Alba. <i>Globalização do crime e os limites da explicação local</i> . In: VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos. Cidadania e Violência . Rio de Janeiro: UFRJ/FGV.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH701	SOCIOLOGIA URBANA	04	60
EMENTA			
Questões urbanas na sociedade moderna analisadas pela Sociologia: definição dos espaços de moradia, produção, circulação de homens e de bens materiais e simbólico. O papel do Estado e as cidades no processo de organização e diferenciação social.			
OBJETIVO			
Compreender o pensamento sociológico voltado ao estudo das cidades, evidenciando a relação entre processo de urbanização e transformações econômicas, sociais, políticas e culturais na sociedade.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo . São Paulo: 34, 2003. CASTELLS, Manuel. A questão urbana . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. HARVEY, David. A produção capitalista do espaço . São Paulo: Annablume, 2006. PADINHA, Valquiria. Shopping center: a catedral das mercadorias . São Paulo: Boitempo, 2006. SOUZA, Marcelo Lopes. Planejamento urbano e ativismos sociais . São Paulo: UNESP, 2004. VALLADARES, Lucia do Prado. A Escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França . Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERG, 2005.			
REFERÊNCIA COMPLEMENTAR			
BAUMAN, Zygmunt. Confiança e medo na cidade . Rio de Janeiro: Zahar, 2009. COULON, A. A Escola de Chicago . Campinas: Papirus, 1995. DAMATTA, Roberto. A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil . Rio de Janeiro: Rocco, 1997. EUFRÁSIO, Mário A. Estrutura Urbana e Ecologia Humana: a Escola Sociológica de Chicago (1915-1940) - Curso de Pós-Graduação em Sociologia da USP . São Paulo: 34, 1999. FREIRE, Gilberto. Casa-grande e senzala . Rio de Janeiro: Record, 1999. KOWARICK, Lucio. A espoliação urbana . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeth. A sociologia do Brasil urbano . Rio de Janeiro: Zahar, 1978. LEFEBVRE, Henri. A Revolução urbana . Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. SOUZA, Marcelo Lopes de. A B C do desenvolvimento Urbano . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. VERAS, Maura Pardini Bicudo. Trocando Olhares: uma introdução à construção sociológica da cidade . São Paulo: Studio Nobel, 2000. VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina. Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. VELHO, Otávio Guilherme (Org.). O fenômeno urbano . 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH702	TEORIAS DO ESTADO I	04	60
EMENTA			
Fundamentos teóricos da análise do Estado contemporâneo: os enfoques marxista, anarquista e weberiano. A relação entre o Estado e a sociedade civil. Estado e classes sociais. A questão da burocracia. As estruturas do Estado moderno.			
OBJETIVO			
Conhecer as contribuições clássicas para o estudo do Estado moderno (ou capitalista).			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BAKUNIN, Mikhail. Estatismo e anarquia . São Paulo: Imaginário, 2003. ENGELS, Friedrich. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. KROPOTKIN, Piotr. O princípio anarquista e outros ensaios . São Paulo: Hedra, 2007. MARX, Karl. Sobre a questão judaica . São Paulo: Boitempo, 2010. _____. A Guerra Civil em França . São Paulo: Global, 1986. WEBER, Max. O Estado racional. In: Max Weber – Textos selecionados . (Seleção e tradução de Mauricio Tragtenberg). São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Col. Os Pensadores).			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ANDERSON, Perry. Linhagens do Estado Absolutista . São Paulo: Brasiliense, 1989. BENDIX, Reinhard. Max Weber, um perfil intelectual . Brasília: UnB, 1986. Cap. IX. GIDDENS, Anthony. Capitalismo e moderna teoria social . Lisboa: Editorial Presença, 1990. GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 3. LA BOETIE, Etienne. Discurso sobre a servidão voluntária . São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003. LÊNIN, V. I. O Estado e a Revolução . São Paulo: Hucitec, 1987. MARX, Karl. O 18 Brumário e Cartas a Kugelman . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista . São Paulo: Global, 1988. THOREAU, Henry. Desobedecendo: a desobediência civil e outros escritos . Rio de Janeiro: Rocco, 1984. WEBER, Max. Ciência e política: duas vocações . São Paulo: Cultrix, 1986.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH703	TEORIAS DO ESTADO II	04	60
EMENTA			
Os debates contemporâneos sobre a questão do Estado. Os desdobramentos da teoria marxista do Estado: os enfoques derivacionista, estrutural e relacional-estratégico. Desdobramentos da teoria política weberiana: os enfoques sistêmico, pluralista e neoinstitucionalista.			
OBJETIVO			
Discutir os desdobramentos contemporâneos das teorias marxista e weberiana do Estado.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ALMOND, Gabriel; COLEMAN (Org.). A Política das áreas em desenvolvimento . Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1969.			
DAHL, Robert. A moderna análise política . Rio de Janeiro: Lidador, 1970.			
LAMOUNIER, Bolívar (Org.). A Ciência Política nos anos 80 . Brasília: UnB, 1982.			
MILIBAND, Ralph. O Estado na sociedade capitalista . Rio de Janeiro: Zahar, 1972.			
POULANTZAS, N. O Estado, o Poder, o socialismo . Rio de Janeiro: Graal ed., 1980.			
REICHEL, Helmut et al. A teoria do Estado, materiais para a construção materialista do Estado . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BUCI-GLUCKSMANN, C. Gramsci e o Estado . São Paulo: Paz e Terra, 1990.			
OFFE, Claus. Problemas Estruturais do Estado Capitalista . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.			
MARTORANO, L. Burocracia e os Desafios da Transição Socialista . São Paulo: Anita Garibaldi/Xamã, 2002.			
NOZICK, R. Anarquia, Estado e Utopia . São Paulo: Zahar, 2001.			
POULANTZAS, Nicos. Poder político e classes sociais . 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH704	TÓPICOS ESPECIAIS DE ANTROPOLOGIA I	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Antropologia no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Abordar um tema antropológico.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH705	TÓPICOS ESPECIAIS DE ANTROPOLOGIA II	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Antropologia no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Abordar um tema antropológico.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH706	TÓPICOS ESPECIAIS DE ANTROPOLOGIA III	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Antropologia no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Abordar um tema antropológico.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH707	TÓPICOS ESPECIAIS DE ANTROPOLOGIA IV	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Antropologia no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Abordar um tema antropológico.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH708	TÓPICOS ESPECIAIS DE ANTROPOLOGIA V	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Antropologia no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Abordar um tema antropológico.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH709	TÓPICOS ESPECIAIS DE TEORIA POLÍTICA I	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Ciência Política do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Abordar um tema de ciência política.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH710	TÓPICOS ESPECIAIS DE TEORIA POLÍTICA II	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Ciência Política do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Abordar um tema de ciência política.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH711	TÓPICOS ESPECIAIS DE TEORIA POLÍTICA III	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Ciência Política do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Abordar um tema de ciência política.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH712	TÓPICOS ESPECIAIS DE TEORIA POLÍTICA IV	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Ciência Política do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Abordar um tema de ciência política.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH713	TÓPICOS ESPECIAIS DE TEORIA POLÍTICA V	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Ciência Política do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Abordar um tema de ciência política.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH183	TÓPICOS ESPECIAIS DE SOCIOLOGIA I	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Sociologia do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Abordar um tema de sociologia.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH715	TÓPICOS ESPECIAIS DE SOCIOLOGIA II	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Sociologia do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Abordar um tema de sociologia.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH716	TÓPICOS ESPECIAIS DE SOCIOLOGIA III	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Sociologia do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Abordar um tema de sociologia.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH717	TÓPICOS ESPECIAIS DE SOCIOLOGIA IV	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Sociologia do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Abordar um tema de sociologia.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH718	TÓPICOS ESPECIAIS DE SOCIOLOGIA V	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Sociologia do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Abordar um tema de sociologia.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH719	TÓPICOS ESPECIAIS DE PESQUISA SOCIAL I	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Pesquisa Social no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Aprofundar uma dimensão da prática de pesquisa em Ciências Sociais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH720	TÓPICOS ESPECIAIS DE PESQUISA SOCIAL II	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Pesquisa Social no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Aprofundar uma dimensão da prática de pesquisa em Ciências Sociais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH721	TÓPICOS ESPECIAIS DE PESQUISA SOCIAL III	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Pesquisa Social no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Aprofundar uma dimensão da prática de pesquisa em Ciências Sociais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH722	TÓPICOS ESPECIAIS DE PESQUISA SOCIAL IV	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Pesquisa Social no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Aprofundar uma dimensão da prática de pesquisa em Ciências Sociais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH723	TÓPICOS ESPECIAIS DE PESQUISA SOCIAL V	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Pesquisa Social no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Aprofundar uma dimensão da prática de pesquisa em Ciências Sociais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH724	TÓPICOS ESPECIAIS DE ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS I	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Ensino no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Aprofundar reflexivamente uma dimensão da prática de ensino em Ciências Sociais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH725	TÓPICOS ESPECIAIS DE ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS II	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Ensino no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Aprofundar reflexivamente uma dimensão da prática de ensino em Ciências Sociais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH726	TÓPICOS ESPECIAIS DE ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS III	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Ensino no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Aprofundar reflexivamente uma dimensão da prática de ensino em Ciências Sociais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH727	TÓPICOS ESPECIAIS DE ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS IV	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Ensino no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Aprofundar reflexivamente uma dimensão da prática de ensino em Ciências Sociais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH728	TÓPICOS ESPECIAIS DE ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS V	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Ensino no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Aprofundar reflexivamente uma dimensão da prática de ensino em Ciências Sociais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH729	TÓPICOS ESPECIAIS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO CIENTISTA SOCIAL I	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Atuação profissional do Cientista Social no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Aprofundar reflexivamente uma dimensão da prática profissional do cientista social.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH730	TÓPICOS ESPECIAIS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO CIENTISTA SOCIAL II	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Atuação profissional do Cientista Social no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Aprofundar reflexivamente uma dimensão da prática profissional do cientista social.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH731	TÓPICOS ESPECIAIS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO CIENTISTA SOCIAL III	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Atuação profissional do Cientista Social no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Aprofundar reflexivamente uma dimensão da prática profissional do cientista social.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH732	TÓPICOS ESPECIAIS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO CIENTISTA SOCIAL IV	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Atuação profissional do Cientista Social no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Aprofundar reflexivamente uma dimensão da prática profissional do cientista social.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH733	TÓPICOS ESPECIAIS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO CIENTISTA SOCIAL V	04	60
EMENTA			
Esta disciplina terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas na área de Atuação profissional do Cientista Social no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.			
OBJETIVO			
Aprofundar reflexivamente uma dimensão da prática profissional do cientista social.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH021	ALTERIDADE E ETNOCENTRISMO	04	60
EMENTA			
Relativismo, cultura e diversidade. Pensamento relacional. As condições históricas do surgimento da Antropologia. Alteridade e Etnocentrismo. Trabalho de campo e etnografia.			
OBJETIVO			
Conhecer os conceitos básicos da antropologia. Contextualizar a antropologia como disciplina acadêmica. Iniciar os alunos na realização de trabalho de campo e observação participante. Compreender os princípios metodológicos da disciplina.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
DAMATTA, Roberto. Relativizando : Uma Introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1983. ERIKSEN, Thomas H.; NIELSEN, F. S. História da Antropologia . Petrópolis-RJ: Vozes, 2007. GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas . Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989. LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia . São Paulo: Brasiliense, 2003. LARAIA, Roque. Cultura : um conceito antropológico. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho de antropólogo . São Paulo: UNESP, 2000. _____. Sobre o Pensamento Antropológico . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988. MAIR, Lucy. Introdução à Antropologia Social . Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
DA MATTA. O ofício do Etnólogo ou como ter ?Anthropological Blues?. In: NUNES, E. (Org.). A Aventura Sociológica : objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978. FOLEY, Robert. Os Humanos antes da Humanidade : uma perspectiva evolucionista. São Paulo: UNESP, 2003. INGOLD, Tim. Humanidade e Animalidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais . São Paulo, v. 28, Junho, 1995. LEVI-STRAUSS. Minhas Palavras . São Paulo: Brasiliense, 1991. ROCHA, Everardo P. Guimarães. O que é etnocentrismo . São Paulo: Brasiliense, 1999. SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura . São Paulo: Brasiliense, 2004. SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. Horiz. Antropol. v. 15, n. 32, Porto Alegre, jul./dez. 2009. TODOROV, A. A Conquista da América . São Paulo: Martins Fontes, 1983. VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura : notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH291	INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO SOCIAL	04	60
EMENTA			
Cultura e processos sociais: senso comum e desnaturalização. Fundamentos do pensamento sociológico, antropológico e político clássico e contemporâneo.			
OBJETIVO			
Proporcionar aos estudantes o contato com as ferramentas conceituais e teóricas que lhes permitam interpretar e analisar científica e criticamente os fenômenos sociais, políticos e culturais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
GIDDENS, Anthony. Sociologia . Porto Alegre: Artmed, 2005. LALLEMENT, Michel. História das ideias sociológicas: das origens a Max Weber . Petrópolis: Vozes, 2005. LAPLANTINE, François. Aprender antropologia . São Paulo, SP: Brasiliense, 1988. QUINTANERO, Tania, BARBOSA, Maria & OLIVEIRA, Márcia. Um toque de clássicos . 2ª ed. Belo Horizonte, UFMG: 2010. TEIXEIRA, Aloisio (org). Utópicos, heréticos e malditos . Record: São Paulo/Rio de Janeiro, 2002.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ADORNO, Theodor. Introdução à sociologia . São Paulo, Unesp, 2008. LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais . Buenos aires: CLACSO, 2005. CORCUFF, Philippe. As novas sociologias: construções da realidade social . Bauru: EDUSC, 2010. GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas . Rio de Janeiro: LTC, 2008. GIDDENS, Anthony & TURNER, Jonathan (orgs). Teoria social hoje . São Paulo: Unesp, 1999. LEVINE, Donald N. Visões da tradição sociológica . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (Orgs.). Dicionário do pensamento social do século XX . Rio de Janeiro: Zahar, 1996. MARTINS, Carlos Benedito. O que é sociologia . São Paulo: Brasiliense, 1994.			

* Inseridos conforme RESOLUÇÃO Nº 1/CCLCER/UFFS/2024



Indicativo de componentes curriculares eletivos:

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH565	HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO	4	60
EMENTA			
Uma definição de capitalismo. Passagens do feudalismo para o capitalismo. O mercantilismo. Ideias econômicas anteriores a Adam Smith. O liberalismo clássico. Lei dos mercados, Lei de Say. A economia do socialismo. A crítica de Marx à economia clássica. “O capital”, de Karl Marx. A teoria do valor-trabalho. O liberalismo neoclássico. O utilitarismo. Terias do imperialismo: Hobson, Luxemburgo e Lênin. 1929 e a crise do liberalismo. As ideias de John Maynard Keynes. Friedrich Kayek, Milton Friedman e a reação neoliberal. A atualidade.			
OBJETIVO			
Explorar a evolução das idéias e teorias econômicas em perspectiva histórica, de modo a (1) oferecer aos estudantes de graduação oportunidade para aprofundar seus conhecimentos em História Moderna e Contemporânea desde o ponto de vista de uma dimensão essencial dessa História: a econômica, constituindo uma História do Capitalismo; e (2) conferir sustentação teórica a todo um campo de investigação da História, a História Econômica, potencializando possibilidades de pesquisa.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ARRIGHI, Giovanni. O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo . Rio de Janeiro: UNESP, 1996. HEILBRONER, Robert L. A História do Pensamento Econômico . São Paulo: Nova Cultural, 1996. HUNT, E. K. História do Pensamento Econômico . Petrópolis: Vozes, 1997. NAPOLEONI, Cláudio. O pensamento econômico do século XX . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. SANDRONI, Paulo. Novo dicionário de Economia . São Paulo: Best Seller, 1994.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.			
BEAUD, Michel. História do Capitalismo: de 1500 até nossos dias . São Paulo: Brasiliense, 1994. GALBRAITH, John Kenneth. 1929: a crise que mudou o mundo . São Paulo: Larousse, 2010. HAYEK, Friedrich A. Von. O caminho da servidão . Porto Alegre: Globo, 1977. HOBSBAWM, Eric. A era das revoluções, 1789-1848 . São Paulo: Paz e Terra, 2011. _____. Era dos extremos: O breve século XX, 1914-1991 . São Paulo: Companhia das Letras, 2010. LE GOFF, Jacques. A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média . São Paulo: Brasiliense, 1989. ROSS, Ian Simpson. Adam Smith: uma biografia . Rio de Janeiro: Record, 1999. SINGER, Paul. O Capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica . São Paulo: Moderna, 1997. WHEEN, Francis. O Capital de Marx: uma biografia . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH448	HISTÓRIA DO PENSAMENTO LATINO-AMERICANO	4	60
EMENTA			
História das idéias. História intelectual da América Latina. História e identidade latino-americanas. Clássicos do pensamento crítico latino-americano. A obra e o pensamento de José Martí, José Enrique Rodó, José Carlos Mariátegui, Augusto Cezar Sandino, Ernesto “Che” Guevara, Leopoldo Zea, Eduardo Galeano e Subcomandante Marcos em perspectiva comparada.			
OBJETIVO			
Estudar a evolução do pensamento crítico latino-americano em perspectiva histórica, oferecendo aos estudantes de graduação um momento para adensar seus conhecimentos em História da América Latina a partir da leitura e análise dos principais textos interpretativos da realidade latino-americana.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BETHELL, Leslie (Org.). História da América Latina . São Paulo: EDUSP, 1994-2005. 5 v. CANO, Wilson. Soberania e política econômica na América Latina . São Paulo: UNESP, 2000. DONGHI, Tulio Halperin. História da América Latina . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. MITRE, Antonio. O dilema do centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano . Belo Horizonte: UFMG, 2003. ZEA, Leopoldo (Org.). Fuentes de la cultura latinoamericana . México: Fondo de Cultura Económica, 1993-1995. 3 v.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.			
ANDERSON, John Lee. Che Guevara: uma biografia . Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. DI FELICI, Massimo; MUÑOZ, Cristóbal. A revolução invencível – Cartas e comunicados: Subcomandante Marcos e Exército Zapatista de Libertação Nacional . São Paulo: Boitempo, 1998. GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina . São Paulo: Paz e Terra, 2008. MARIÁTEGUI, José Carlos. Sete ensaios de interpretação da realidade peruana . São Paulo: Alfa-Ômega, 1975. MARTÍ, José. Nossa América . São Paulo: Hucitec, 1991. MENDOZA, Plinio Apuleyo. Manual do perfeito idiota latino-americano . Rio de Janeiro: Bertrand, 1997. PRÉBISCH, Raúl. Dinâmica do desenvolvimento latino-americano . Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964. RODÓ, José Enrique. Ariel . Barcelona: Cervantes, 1926. SELSER, Gregório. Sandino: general de homens livres . São Paulo: Global, 1979. ZEA, Leopoldo. A filosofia latino-americana como filosofia . São Paulo: Pensieri, 1994.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH562	HISTÓRIA, FONTES ORAIS E MEMÓRIA	4	60
EMENTA			
Análise das perspectivas teóricas e procedimentos metodológicos relacionados ao uso dos suportes da memória como fonte de pesquisa para a produção historiográfica. História oral - possibilidades e desafios. Interfaces entre a memória, história e narrativa.			
OBJETIVO			
Discutir os conceitos de memória, história oral e narrativa problematizando seu uso como fonte e/ou método de pesquisa. Possibilitar que os alunos adquiram subsídios teóricos e práticos para o desenvolvimento de suas pesquisas.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ALBERTI, Verena. Manual de História Oral . Rio de Janeiro: FGV, 2004 AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (Org.). Usos e abusos da História Oral . Rio de Janeiro: FGV, 1996. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva . São Paulo: Centauro, 2004. LE GOFF, Jacques. História e Memória . Campinas: UNICAMP, 1994. MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar . 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada . 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.			
ALBERTI, Verena. Ouvir contar . Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004. BENJAMIN, Walter. O narrador . Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994. 3 v. BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade . Lembranças de Velhos. São Paulo: USP, 1987. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Maria (Org.). Memória e (Res) Sentimento . Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004. CANDAU, Joël. Antropologia de la memoria . Buenos Aires: Nueva Visión, 2002. FERREIRA, Marieta (Org.). História Oral: desafios para o século XXI . Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC – FGV, 2000. JAMES, Daniel. Doña María: história de vida, memória y identidad política . Buenos Aires: Manantial, 2004. LE GOFF, Jacques. História e Memória . Campinas: UNICAMP, 1994. POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos , Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989, THOMPSON, Paul. A Voz do Passado . História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH559	INTÉRPRETES DO BRASIL	4	60
EMENTA			
História das idéias. História intelectual do Brasil. Clássicos da interpretação do Brasil. A obra e o pensamento de Gilberto Freyre, Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda, Celso Furtado, Florestan Fernandes, Nelson Werneck Sodré, Josué de Castro, Darcy Ribeiro e Raymundo Faoro em perspectiva comparada.			
OBJETIVO			
Estudar as obras fundamentais dos assim chamados “intérpretes do Brasil”, de modo a oferecer aos estudantes de gradua�o oportunidade para aprofundar seus conhecimentos em História do Brasil desde a leitura, a análise e a interpreta�o dos clássicos do pensamento brasileiro.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
AXT, Gunter; SCHULLER, Fernando. Intérpretes do Brasil – Ensaio de cultura e identidade. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004. FAUSTO, Boris. História concisa do Brasil . São Paulo: Edusp, 2009. MARTINS, Wilson. História da inteligência brasileira . São Paulo: Cultrix, 1977. 7 v. REIS, José Carlos. As identidades do Brasil – de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: Funda�o Getúlio Vargas, 2000. SANTIAGO, Silvano (Org.). Intérpretes do Brasil . Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.			
CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. Dependência e desenvolvimento na América Latina : ensaio de interpreta�o sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. CASTRO, Josué de. Geografia da fome – O dilema brasileiro: pão ou a�o. Rio de Janeiro: Civiliza�o Brasileira, 2010. FAORO, Raymundo. Os donos do poder . Forma�o do patronato político brasileiro. São Paulo: Globo, 2008. FERNANDES, Florestan. A revolu�o burguesa no Brasil . Ensaio de interpreta�o sociológica. São Paulo: Globo, 2006. FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala . Forma�o da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2010. FURTADO, Celso. Forma�o econ�mica do Brasil . São Paulo: Companhia das Letras, 2010. HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil . São Paulo: Companhia das Letras, 2009. _____. Visão do paraíso . São Paulo: Brasiliense, 1994. PRADO JR., Caio. Forma�o do Brasil Contemporâneo . São Paulo: Brasiliense, 2009. RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro : a forma�o e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH557	HISTÓRIA DO FUTEBOL	04	60
EMENTA			
A disciplina discutirá os principais aspectos históricos do futebol no Brasil e no mundo, tomando a História Social como referencial condutor. O futebol será visto dentro de sua interface com outros movimentos históricos, tais como industrialização e urbanização; conformação e afirmação das classes sociais; desenvolvimento da imprensa e massificação do esporte; criação de identidades locais, regionais e nacionais; relações entre o futebol e política; globalização e resistência.			
OBJETIVO			
Promover a discussão do futebol enquanto fenômeno social e objeto acadêmico.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ALABARCES, Pablo. Futbologías : fútbol, identidad y violencia en América Latina. Buenos Aires: Clacso, 2003. FRANCO JUNIOR, Hilário. A dança dos deuses : futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do futebol : dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footballmania : uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. WISNIK, José Miguel. Veneno Remédio . O futebol e o Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou morrer : futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro não há quem possa!” : futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004. DAMO, Arlei Sander. Futebol e identidade social : uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: UFRGS, 2002. FRYDENBERG, Julio. Historia social del fútbol : del amateurismo a la profesionalización. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2011. GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni (Org.). Nações em campo : Copa do mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006. GUAZZELLI, Cesar; DOMINGOS, Charles; BECK, José; QUINSANI, Rafael (Org.). Vida é jogo! Ensaio de História, cinema e esporte. Porto Alegre: Letra & Vida, 2011. GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil no campo de futebol : estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: Eduff, 1998. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O descobrimento do futebol : modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004. MASCARENHAS, Gilmar. A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar : por uma Geografia do Futebol e de seu Advento no Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2001. RODRIGUES FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro . Rio de Janeiro: Mauad, 2003.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH552	HISTÓRIA SOCIAL DA AMÉRICA LATINA	4	60
EMENTA			
Revolução Mexicana. Mariátegui e o Socialismo Indo-Americano. O panorama histórico das experiências de organização popular na América Latina após a década de 1950.			
OBJETIVO			
Analisar as experiências de organização social popular na América Latina no século XX.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ALTMANN, Werner. México e Cuba: revolução, nacionalismo, política externa . São Leopoldo: Unisinos, 2001. ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Org.). Cultura e Política nos movimentos sociais latino-americanos . Novas leituras. Belo Horizonte: UFMG, 2000. GOHN, Maria da Glória. Teoria dos movimentos sociais . Paradigmas clássicos e contemporâneos. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000. MARIÁTEGUI, José Carlos. Sete ensaios sobre a realidade Peurana . São Paulo: Alfa Ômega, 1979, 1990. MARTINS, José de Souza. A chegada do estrangeiro . São Paulo: Hucitec, 1993. VITALE, Luis. Introducción a una teoría de la historia para América Latina . Buenos Aires: Planeta, 1992.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos Avançados , v. 5, n. 11, jan./abr. 1991. FAUSTO, Bóris. Trabalho urbano e conflito social (1890-1924) . São Paulo: Brasiliense, 1976. HELLER, Agnes; FÉHER, Ferenc. A condição política pós-moderna . Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. HOBSBAWM, Eric. Os Trabalhadores . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. LARANGEIRA, Sônia (Org.). Classes e movimentos sociais na América Latina . São Paulo: HUCITEC, 1990. MOTA, Carlos Guilherme. A ideia de revolução no Brasil (1789-1801): estudo das formas de pensamento . Petrópolis: Vozes, 1979. PETRAS, James. Armadilha neoliberal e alternativas para a América Latina . São Paulo: Xamã, 1999. PINHEIRO, Paulo S.; HALL, Michael M. A Classe operária no Brasil. 1889-1930 . São Paulo: Alfa-Omega, 1979. 2 v. QUEIROZ, Maurício Vinhas de. Messianismo e conflito social: a Guerra Santa do Contestado: 1912-1916 . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. TOURAINÉ, Alain. Palavra e sangue: política e sociedade na América Latina . São Paulo: Trajetória Cultural/UNICAMP, 1989.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH547	CINEMA E HISTÓRIA	4	60
EMENTA			
História e noções de teoria do cinema. A questão da imagem. A obra de Marc Ferro. As relações entre Cinema e História e entre História e Cinema. O Cinema na perspectiva da “revolução documental” para a pesquisa em História. Cinema e ensino de História. Uma introdução à análise fílmica. Cinema e ideologia.			
OBJETIVO			
Criar um momento específico para o aprofundamento dos temas atinentes à relação Cinema e História, tanto no que diz respeito às possibilidades dessa relação em termos de pesquisa, como no que se refere ao uso de filmes como suporte pedagógico para o ensino de História.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BERNARDET, Jean-Claude. O que é Cinema . São Paulo: Brasiliense, 1985. CAPELATO, Maria Helena et al. História e Cinema : dimensões históricas do audiovisual. São Paulo: Alameda, 2011. BAZIN, André. O cinema : ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1991. COSTA, Antonio. Compreender o Cinema . São Paulo: Globo, 2003. FERRO, Marc. Cinema e História . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. SADOUL, Georges. História do cinema mundial . Lisboa: Horizonte, 1983. 3 v.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.			
BERNARDET, Jean Claude. Cinema brasileiro : propostas para uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. KEMP, Philip. Tudo sobre Cinema . Rio de Janeiro: Sextante, 2011. KOFF, Rogério Ferrer. Pensando com o Cinema : uma aventura interdisciplinar. Santa Maria: Facos, 2002. LEBEL, Jean-Patrick. Cinema e ideologia . Lisboa: Estampa, 1975. MORETTIN, Eduardo Victorio. História e documentário . São Paulo: FGV, 2012. PADRÓS, Enrique Serra; GUAZZELLI, Augusto César Barcellos (Org.). 68 : História e Cinema. Porto Alegre: EST, 2008. PENAFRIA, Manuela. O filme documentário : história, identidade, tecnologia. Lisboa: Cosmos, 1999. SCHAFF, Adam. História e verdade . São Paulo: Martins Fontes, 1995. SOARES, Mariza de Carvalho; FERREIRA, Jorge (Org.). A História vai ao cinema . Rio de Janeiro: Record, 2001. VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a análise fílmica . Campinas: Papyrus, 2002.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCS550	A GUERRA CIVIL-ESPAÑHOLA, A REVOLUÇÃO E O FRANQUISMO	4	60
EMENTA			
Estudo da Guerra Civil Espanhola. Análise sócio-política da Espanha anterior à década de 1930. A ditadura de Primo de Rivera. A queda de Afonso XIII. A II República: o biênio vermelho e o biênio negro. A eclosão da Guerra Civil: forças e ideias políticas em confronto. A intervenção estrangeira. A Revolução Anarquista abortada (Barcelona, maio de 1937). A centralização dos poderes militares e o desenvolvimento do conflito. O franquismo e a repressão pós-guerra. A Espanha diante da II Guerra Mundial e da Guerra Fria. A redemocratização. A recepção da Guerra Civil Espanhola no Brasil.			
OBJETIVO			
Promover o Estudo da Guerra Civil Espanhola, compreendendo seus antecedentes e desdobramentos, dentro dos marcos da História Contemporânea.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
FERNÁNDEZ, Jorge Christian. A Guerra Civil Espanhola : prelúdio sangrento da Segunda Guerra Mundial. In: PADRÓS, Enrique; RIBEIRO, Luis Dario; GERTZ, René (Org.). Segunda Guerra Mundial : da crise dos anos 30 ao Armagedón. Porto Alegre: Folha da História / CD-AIB-PRP / Palmarinca, 2000.			
LARA, Manuel; ARÓSTEGUI, Julio; VIÑAS, Ángel; CARDONA, Gabriel; BRICAL, Josep. La Guerra Civil Española : 50 años después. Barcelona: Labor, 1986.			
MORAES, Reginaldo C. de. A 'redemocratização' espanhola : uma distensão lenta, gradual e insegura. São Paulo: Brasiliense, 1983.			
SALVADÓ, Francisco Romero. A Guerra Civil Espanhola . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
CARVALHO, Apolônio de. Vale a pena sonhar . Rio de Janeiro: Rocco, 1998.			
CERQUEIRA, João Francisco Delgado. Arte e literatura na Guerra Civil Espanhola . Porto Alegre: Zouk, 2005.			
C.N.T. A Guerra Civil Espanhola nos documentos libertários . São Paulo: Imaginário, 1999.			
FRAGA, Gerson Wasen. Branco e vermelho : a Guerra Civil Espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939). Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.			
GARZA, Hedda. Franco . São Paulo: Nova Cultural, 1987.			
PADRÓS, Enrique Serra. Guernica: tragédia, versões, história. In: PADRÓS, Enrique; RIBEIRO, Luis Dario; GERTZ, René (Org.). Segunda Guerra Mundial : da crise dos anos 30 ao Armagedón. Porto Alegre: Folha da História / CD-AIB-PRP / Palmarinca, 2000.			
RIZZONI, Gianni. Pró e contra Franco . São Paulo: Melhoramentos, 1975.			
SOUZA, Ismara Izepe de. República espanhola : um modelo a ser evitado. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2001.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH575	PESQUISA ARQUEOLÓGICA: TEORIA E PRÁTICA	4	60
EMENTA			
Principais correntes teóricas da arqueologia: histórico-cultural, processual e enfoques pós-processuais (arqueologia crítica, arqueologia do gênero, arqueologia da etnicidade e arqueologia pública). Arqueologia Histórica, Arqueometria e Etnoarqueologia. Métodos utilizados nas pesquisas de campo e laboratório: técnicas de levantamentos sistemáticos e oportunistas, escavações, análises tipológicas de material cerâmico, lítico, ósseos humanos e vestígios faunísticos e florísticos.			
OBJETIVO			
Conhecer, em termos teóricos e práticos, a Arqueologia, notadamente em sua relação com a História e as possibilidades de atuação profissional.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BICHO, Nuno Ferreira. Manual de Arqueologia Pré-Histórica . Lisboa: ed. 70, 2006. FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Arqueologia . São Paulo: Ática, 1988. JOHNSON, M. Teoría arqueológica . Barcelona: Ariel, 2000. ORSER, Charles. Introdução à arqueologia histórica . Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992. RAHTZ, Philip. Convite à Arqueologia . Rio de Janeiro: Imago, 1989. TRIGGER, Bruce G. História do pensamento arqueológico . São Paulo: Odysseus, 2004.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ACUTO, F. A.; ZARANKIN, A. (Org.). Sed Non Satiata: Teoría social en la arqueologia latinoamericana contemporânea . Buenos Aires: Del Tridente, 1999. p. 7-15. BINFORD, L. En Busca del Pasado . Barcelona: Crítica, 1988. BROCHADO, José Proenza; LA SALVIA, Fernando. Cerâmica Guarani . Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989. DUNNEL, Robert C. Classificação em Arqueologia . São Paulo: Edusp, 2007. HODDER. Theory and Practice in Archaeology . London/New York: Routledge, 1992. LAMING-EMPERAIRE, Annette. Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul . Curitiba: UFPR, 1967. LUCAS, Gavin. Critical Approaches to Fieldwork: Contemporary and Historical Archaeological Practice . London/New York: Routledge, 2001. MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. Como interpretar a linguagem da cerâmica – manual para arqueólogos . Washington: Smithsonian Institute, 1970. MERRIMAN, N. (Org.). Public Archaeology . London/New York: Routledge, 2004. p. 224-239. RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Arqueologia: teorias, métodos y práctica . Madrid: Akal, 1993.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH343	HISTÓRIA INDÍGENA	4	60
EMENTA			
História das sociedades indígenas brasileiras. Processo de povoamento e sociedades pré-cabralinas. O indígena brasileiro diante da conquista europeia: formas de dominação e resistência física e cultural. O indígena no processo de formação da nacionalidade brasileira (século XIX). A luta pelo direito à terra e pelo reconhecimento da cidadania. Questões indígenas contemporâneas. O ensino de história indígena.			
OBJETIVO			
Conhecer as abordagens e discussões historiográficas e arqueológicas sobre o povoamento original brasileiro, contribuindo para o entendimento da situação atual e das reivindicações das diferentes sociedades indígenas. Compreender a forma de inserção do indígena na construção da nacionalidade brasileira em termos teóricos e práticos. Capacitar os discentes para sua futura atuação em sala de aula, tendo em vista o disposto na lei 11.645/2008.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). História dos Índios do Brasil . São Paulo: Cia das Letras, 1992. FAUSTO, Carlos. Os Índios antes do Brasil . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. KERN, Arno; SANTOS, Maria Cristina; GOLIN, Tau (Org.). História Geral do Rio Grande do Sul . Povos Indígenas. Passo Fundo: UPF/Méritos, 2009. 5 v. MONTEIRO, John Manuel. Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo . São Paulo: Cia das Letras, 1994. PROUS, André. O Brasil antes dos Brasileiros . Rio de Janeiro: Zahar, 2007. RIBEIRO, Berta. O índio na História do Brasil . São Paulo: Global, 1993.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BARÃO, Vanderlise; FRAGA, Gerson. O nativo e a nação: a formação da nacionalidade brasileira e a figura do índio integrado. In: BARROSO, Vera et al. Ensino de História: desafios contemporâneos . Porto Alegre: EST, 2010. p 135-150. BECKER, Ítala Irene Basile. O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul . São Leopoldo: Unisinos, 1995. BERGAMASCHI, Maria Aparecida. NEMBO'E Enquanto o Encanto Permanece! Processos e Práticas de Escolarização nas Aldeias Guarani. Tese de doutorado/UFRGS, Porto Alegre, 2005. CARINI, Joel João. Estados, índios e colonos: o conflito na reserva indígena de Serrinha: norte do Rio Grande do Sul . Passo Fundo: UPF, 2005. GASPAR, Madu. Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. LINO, Jaisson Teixeira. Arqueologia Guarani no Vale do Rio Araranguá, Santa Catarina: aspectos da territorialidade e variabilidade funcional . Erechim: Habilis, 2009. MOTA, Lucio Tadeu. As Guerras dos Índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924) . Maringá: EDUEM, 1994. PROUS, A. O povoamento da América visto do Brasil: uma perspectiva crítica. Revista Usp , n. 34, São Paulo, p. 08-21, 1989. SANTOS, Sílvio Coelho dos. Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng . Florianópolis: Lunardelli, 1973. VAINFAS, Ronaldo. História Indígena: 500 anos de despovoamento . IBGE. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p. 37-59.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH339	HISTÓRIA DA ÁFRICA	4	60
EMENTA			
Ementa: Estruturas sócio-políticas e culturais da África. Organizações políticas e dinâmicas econômicas do período pré-colonial. O comércio com o oriente e a expansão do islamismo. Processos de constituição dos sistemas coloniais e reflexos do comércio escravocrata. A África na Revolução Industrial. A descolonização. A África na nova ordem mundial. Abordagens historiográficas e suas perspectivas teóricas e de prática de ensino.			
OBJETIVO			
Oferecer um panorama da historicidade do continente africano, destacando o caráter específico de sua historicidade. Compreender os processos históricos que conduzem às dinâmicas contemporâneas da sociedade africana. Capacitar os discentes para sua futura atuação em sala de aula, tendo em vista o disposto na lei 11.645/2008.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CANEDO, Letícia Bicalho. A Descolonização da Ásia e da África . São Paulo: Atual, 1994. COSTA E SILVA, Alberto da. A enxada e a lança: a África antes dos portugueses . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. COSTA E SILVA, Alberto da. A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700 . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. GEBARA, Alexsander. A África de Richard Francis Burton: antropologia, política e livre-comércio, 1861-1865 . São Paulo: Alameda, 2010. KI-ZERBO, J. (Ed.). História Geral da África . Brasília: Unesco, 2010. 8 v. WESSELING, H. L. Dividir para dominar: a partilha da África, 1880-1914 . Rio de Janeiro: Revan/UFRJ, 2008.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
COSTA e SILVA, Alberto. Um Rio Chamado Atlântico . A África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato Pinto. Ancestrais: uma introdução a História da África . Rio de Janeiro: Campus, 2004. FERRO, Marc (Org.). O livro negro do colonialismo . Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. HERNANDES, Leila Leite. África na sala de aula . São Paulo: Summus Editorial/Selo Negro, 2005. LOPES, Ana Monica. História da África: uma introdução . Belo Horizonte: Crisalida, 2005. LOVEJOY, Paul E. A escravidão na África: uma história de suas transformações . São Paulo: Civilizações Brasileira, 2002. MILLER, Joseph. A África central durante a era do comércio de escravizados, de 1490 a 1850 . In: HEYWOOD, Linda (Org.). Diáspora negra no Brasil . São Paulo: Contexto, 2010. READER, John. África – Biografia de um Continente . Lisboa: Europa-América, 2004. SCHERMANN, Patrícia Santos. Dimensões da História da África contemporânea . Rio de Janeiro: FEUC, 2002. THORNTON, John. A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800) . Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. VANDONEM, Carlos Moore. Novas bases para o ensino de História da África no Brasil . Salvador, 2005.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH235	GEOGRAFIA DA AMÉRICA LATINA	4	60
EMENTA			
Os espaços naturais da América Latina: os grandes conjuntos e domínios morfoclimáticos. Geopolítica da ocupação europeia: os povos originais, os territórios e a formação dos estados nacionais. Desenvolvimento e subdesenvolvimento. As estruturas agrárias. A urbanização e metropolização. As grandes metrópoles latino-americanas. O processo de industrialização. América Central, América do Sul: países andinos. Evolução histórica da formação de blocos econômicos na América Latina. O Mercosul. Práticas pedagógicas como componentes curriculares.			
OBJETIVO			
Aprofundar o conhecimento dos estudantes sobre as paisagens naturais, caracterizando os principais biomas continentais proporcionando uma análise crítica dos processos de apropriação da natureza. Estudar as relações existentes entre a história da colonização europeia e o processo de regionalização. Analisar a dinâmica demográfica a partir de alguns indicadores como crescimento vegetativo e perfil etário dos países americanos. Abordar a relação entre população e desenvolvimento por meio dos indicadores de qualidade de vida utilizados no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos países. Estudar as razões que levaram à formação dos blocos econômicos, bem como suas principais características. Apresentar uma visão panorâmica do quadro econômico do continente. Explicar como a insegurança social e vulnerabilidade se convertem em reprodutores da desigualdade e pobreza. Expor como a desigualdade incide na educação, saúde, serviço público e outros ativos de pobreza na América Latina e Caribe.			
REFERÊNCIA BÁSICA			
ALMEIDA, Paulo Roberto; CHARLOUT, Yves. MERCOSUL, Nafta e ALCA: a dimensão social . São Paulo: LTr, 1999. AYERBE, F. L. N.; MONTEIRO, J. M. Raízes da América Latina . São Paulo: Edusp, 1996. BONFIN, M. A América Latina – males de origem . Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. DAYRELL, E. G.; IOKOI, Z. M. América Latina contemporânea: desafios e perspectivas . São Paulo: Edusp, 1996. GALEANO, E. As veias abertas da América latina . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. LIMA, M. C. O lugar da América do Sul na Nova Ordem Mundial . São Paulo: Cortez, 2001.			
REFERÊNCIA COMPLEMENTAR			
ANDRADE, M. C. Narcotráfico: jogo de poder nas Américas . São Paulo: Moderna, 1993. ANDRADE, M. C. O Brasil e a América Latina . São Paulo: Contexto, 1990. CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. Dependência e desenvolvimento na América Latina . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. CERVO, A. L.; RAPAPORT, M. Histórias do Cone Sul . Brasília: Universidade de Brasília, 1998. CHEVALIER, F. América Latina – De la independencia a nuestros días . México: Fondo de Cultura Económica, 1999. NEMO, Philippe. O que é Ocidente? São Paulo: Martins, 2005. OLIC, N. B.; CANEPA, B. Geopolítica da América Latina . São Paulo: Moderna, 2004.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCS112	PLANEJAMENTO TERRITORIAL	5	75
EMENTA			
As discussões atuais da política urbana brasileira. Inovações para a concretização dos direitos à cidade: limites e possibilidades da lei e da gestão. Instrumentos de planejamento e gestão da política urbana. Implementação de Zonas Especiais de Interesse Social no quadro habitacional brasileiro: uma avaliação inicial. Estatuto da Cidade. Plano Diretor. de Desenvolvimento Urbano Ambiental: instrumentos urbanísticos inovadores e agenda para uma cidade sustentável. Construção e implementação de um programa de gestão integrada. Instrumentos utilizados na elaboração do Plano Diretor Participativo. Conteúdo e procedimentos de elaboração dos planos diretores A construção de uma política fundiária e de planejamento urbano. Noções de planejamento territorial rural; O planejamento e a política dos territórios rurais e da cidadania do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Prática de observação de campo e práticas pedagógicas como componentes curriculares.			
OBJETIVO			
Compreender o território como produto das relações sociais territorializadas e como abordagem teórico-conceitual capaz de oferecer ao geógrafo leituras abrangentes acerca dos processos inerentes à produção do espaço. Realizar trabalhos de campo no intuito de conferir empiricamente a relação planejamento – território.			
REFERÊNCIA BÁSICA			
ANJOS, Rafael Sanzio de Araújo dos. Dinâmica Territorial . Editora Mapas & Consultoria, 2009. BUENO, Laura Machado de Mello; CYMBALISTA, Renato. Planos Diretores Municipais: Novos Conceitos de Planejamento Territorial . Annablume, 2007. GONÇALVES, Maria Flora; BRANDÃO, C. A.; GALVÃO, A. C. (Org.). Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional . São Paulo: UNESP/ANPUR, 2003. LEFEBVRE, Henry. O direito à cidade . São Paulo: Moraes, 1991. SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: Território e sociedade do início do século XXI . São Paulo: Record, 2001. SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Territorio brasileiro - Usos e Abusos . Campinas: Edições Territorial, 2003. BRASIL. Ministério Da Integração Nacional. Para pensar uma política nacional de ordenamento do território . Brasília, 2005.			
REFERÊNCIA COMPLEMENTAR			
BRASIL (Câmara dos Deputados). Estatuto da cidade: guia para implementação pelos municípios e cidadãos . Brasília: Câmara dos Deputados, 2001. MARICATO, E. T. M. Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência . São Paulo: Hucitec, 1996. ROLNIK, R. A cidade e a lei: Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo . São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 1997. SANTOS, R. F. Planejamento ambiental: Teoria e Prática . São Paulo: Oficina de Textos, 2004. SILVA, José Afonso da. Direito Urbanístico Brasileiro . São Paulo: Malheiros Editores, 1995. THÉRY, Hervé; MELLO, Neli Aparecida de. Atlas do Brasil: Disparidades e dinâmicas do território . São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2005. VILLAÇA, F. Espaço Intra-urbano no Brasil . São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/Lincon Institute, 1998.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCS111	PLANEJAMENTO AMBIENTAL	5	75
EMENTA			
A Geografia no Planejamento. Planejamento Ambiental e Desenvolvimento Sustentável. Metodologias de estudo de impacto ambiental. Análise Ambiental como instrumento para a sustentabilidade; objetos da análise: meio físico, biótico, antrópico. Categorias fundamentais da Análise Ambiental. Legislação sobre EIA/RIMA e Laudos Técnicos. Planejamento ambiental; regulação, controle e fiscalização. Licenciamento, auditoria e monitoramento; gestão, manejo e conservação dos recursos ambientais. Atuação do geógrafo no diagnóstico ambiental. Gestão Territorial e Planejamento Ambiental no Brasil.			
OBJETIVOS			
Contextualizar os principais eventos, ideias e conceitos relacionados à temática ambiental. Abordar as principais metodologias de análise ambiental destacando a função do geógrafo nos estudos ambientais. Expor a legislação existente, normas e resoluções, organismos e instrumentos que sustentam a política ambiental brasileira. Realizar atividades práticas de observação e coleta de dados em campo na área ambiental.			
REFERÊNCIA BÁSICA			
ALMEIDA, J. R.; PEREIRA, S. R. Avaliação de impactos ambientais – M. Scriptus. UFRJ, 1991. GUERRA, Antonio Jose Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da. A Questão Ambiental: Diferentes abordagens . 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. LEFF, Enrique (Coord.). et al. A Complexidade Ambiental . Trad. Eliete Wolff. São Paulo: Cortez, 2003. MACEDO, R. K. Gestão Ambiental: os instrumentos básicos para a gestão ambiental de territórios e de unidades produtivas . Rio de Janeiro: ABES, 1994. SANTOS, R. F. Planejamento ambiental: Teoria e Prática . São Paulo: Oficina de Textos, 2004. VERDUM, R. et al. RIMA – Relatório de Impacto Ambiental RIMA, Relatório de Impacto Ambiental: Legislação, elaboração e Resultados . 3. ed. ampl. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1995.			
REFERÊNCIA COMPLEMENTAR			
ALMEIDA, J. R. Gestão ambiental: para o desenvolvimento sustentável . Rio de Janeiro: Thex, 2006. BRANCO, S. M. Ecossistêmica: Uma abordagem integrada dos problemas do meio ambiente . São Paulo: Edgard Blücher, 1989. CHRISTOFOLETTI, A. Análise de sistemas em Geografia . São Paulo: HUCITEC, 1979. CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. Avaliação e Perícia Ambiental . 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. PHILIPPI JR, Arlindo (Ed.). et al. Curso de Gestão Ambiental . Barueri: Manole, 2004. ROMÉRO, M. A.; BRUNA, G. C.; PHILIPPI JR. A. Curso de gestão ambiental . Barueri: Manole, 2004. TAUK, Sâmia Maria (Org.). Análise Ambiental: uma visão multidisciplinar . São Paulo: Unesp, 1995. VILLAÇA, Flávio. Uso do solo urbano . São Paulo: CEPAM, 1978. ZMITROWICE, W. Planejamento urbano: conceituação e a prática . São Paulo: Edusp, 1992.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH108	GEOGRAFIA POLÍTICA E REGIONAL	5	75
EMENTA			
Geografia política. Espaço, território e poder. Limites e fronteiras. As grandes questões políticas e geográficas contemporâneas. Fatores de regionalização: dinâmicas das redes, formação territorial. Teorias e procedimentos metodológicos sobre regionalização. Técnicas de análise e interpretação regional. Fenômenos, relações e processos inerentes à diferenciação e integração espacial. Prática de observação de campo. Prática pedagógica como componente curricular.			
OBJETIVO			
Identificar os fundamentos teórico-metodológicos e conceitos que constituem o campo de análise da Geografia Política. Identificar e analisar alguns fenômenos e processos que caracterizam e impactam a atual ordem mundial, tais como: conflitos regionais; mudanças e deslocamentos tecnológicos; novos significados das fronteiras; movimentos migratórios internacionais; integração e formação de mercados supranacionais. Analisar o papel do planejamento estatal brasileiro no combate às desigualdades regionais. Identificar os critérios de regionalização brasileira no âmbito do processo desenvolvimento desigual do espaço geográfico nacional.			
REFERÊNCIA BÁSICA			
CASTRO, I. E. Geografia e Política . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. COSTA, W. M. Geografia Política e Geopolítica . São Paulo: Edusp, 2008. 352 p. SAQUET, M. A. Abordagens e concepções de território . São Paulo: Expressão popular, 2007. LENCIONI, S. Região e Geografia . São Paulo: Edusp, 1999. CASTRO, I. E. et al. Explorações geográficas . Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1997. LAVINAS, L. et al. (Org.). Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil . São Paulo: Anpur/Hucitec, 1993.			
REFERÊNCIA COMPLEMENTAR			
RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do poder . São Paulo: Ática, 1993. CORRÊA, R. L. Região e organização espacial . São Paulo: Ática, 1986. OLIVEIRA, F. Elegia para uma re(li)gião . São Paulo: Paz e Terra, 1981. GOLDENSTEIN, L.; SEABRA, M. Divisão territorial do trabalho e nova regionalização. Revista do departamento de geografia , São Paulo, n. 1, p. 21-47, 1982. MARCUSEN, Ann. Região e regionalismo: um debate marxista. Espaço e debates , São Paulo, v. 1. n. 2. p. 61-99, 1981. CARLOS, A. N. F. Novos caminhos da geografia . 5. ed. São Paulo: Contexto, 2005. CLAVAL, P. Espaço e Poder . Rio de Janeiro: Zahar, 1979.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH023	GEOGRAFIA ECONÔMICA E DA POPULAÇÃO	5	75
EMENTA			
Conceitos básicos de Geografia Econômica. Processos de internacionalização da economia. Circuitos espaciais da produção. Evolução dos estudos de geografia da população. A dinâmica e distribuição espacial da população. Noções sobre a população brasileira e da região sul. Prática de observação de campo. Prática pedagógica como componente curricular.			
OBJETIVO			
Levar o aluno a entender a economia e a população como elementos espaciais, que tanto produzem espaço como têm suas dinâmicas influenciadas pelo espaço. Realizar trabalho de campo com observação, coleta de dados e entrevistas no intuito de subsidiar a análise teórica referente às manifestações geográficas de fenômenos econômicos e populacionais.			
REFERÊNCIA BÁSICA			
ARRIGHI, G. O longo século XX . São Paulo: Contraponto/Unesp, 1994. BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. Geografia da População . São Paulo: EDUSP, 1980. BENKO, Georges. Economia, espaço e globalização . São Paulo: Hucitec, 1996. CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo C. C.; CORRÊA, Roberto L. (Org.). Explorações Geográficas . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. CHESNAIS, F. A mundialização do Capital . São Paulo: Xamã, 1996. DAMIANI, A. População e Geografia . São Paulo: Contexto, 1991.			
REFERÊNCIA COMPLEMENTAR			
EGLER, Cláudio; BECKER, Berta. Brasil: uma nova potência regional na economia mundo . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. GEORGE, Pierre. Geografia da População . São Paulo: Difel, 1971. MARTINS, José de Souza. A Imigração e a Crise do Brasil Agrário . São Paulo: Pioneiro, 1973. MARX, K. O Capital . Rio de Janeiro: Difel, 1988. MONBEIG, Pierre. Novos estudos de Geografia Humana brasileira . São Paulo: Difel, 1957. PACHECO, Carlos Américo; PATARRA, Neide. Dinâmica demográfica regional e as novas questões populacionais no Brasil . Campinas: Unicamp Instituto de Economia, 2000. SANDRONI, Paulo. Novíssimo Dicionário de Economia . São Paulo: Best Seller, 1999. SANTOS, Milton. Por uma outra globalização . São Paulo: Record, 2000. SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. (Org.). A construção do espaço . São Paulo: Nobel, 1986. SINGER, Paul. Dinâmica populacional e desenvolvimento: o papel do crescimento populacional no desenvolvimento econômico . 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH237	TRABALHO DE CAMPO	4	60
EMENTA			
<p>O espaço geográfico: localização, observação e descrição do espaço; aplicação de conceitos geográficos; levantamento de dados primários para o reconhecimento do espaço geográfico em diferentes escalas espaço-temporais; um relatório de campo. Estudo específico na geografia: participação em uma pesquisa científica; aquisição de conhecimento e instrumental específico na geografia; o uso de equipamentos (cartas, bússolas, GPS etc); redação de texto científico. Diagnóstico da natureza de problemas ambientais; análise do problema em questão integrando fatos geográficos sociais e da natureza. Prática de observação de campo e práticas pedagógicas como componentes curriculares.</p>			
OBJETIVOS			
<p>Propiciar aos acadêmicos a interpretação do espaço geográfico, por meio da prática de observação e descrição em campo, como subsídio ao reconhecimento da inter-relação entre sociedade e natureza.</p>			
REFERÊNCIA BÁSICA			
<p>BECKER, B. K.; CHRISTOFOLETTI, A.; DAVIDOVICH, F. R.; GEIGER, P. P. (Org.). Geografia e Meio Ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC, 1995.</p> <p>CHRISTOFOLETTI, Antonio. Modelagem de sistemas ambientais. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 1999.</p> <p>DREW, D. Processos Interativos homem - meio ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.</p> <p>ROSS, J. L. S. Geomorfologia: ambiente e Planejamento. São Paulo: Contexto, 2001.</p> <p>SANTOS, R. F. Planejamento ambiental: Teoria e Prática. São Paulo: Oficina de Textos, 2004.</p> <p>VENTURI, L. A. B. Praticando Geografia: técnicas de campo e laboratório. São Paulo: Oficina de Textos, 2005.</p>			
REFERÊNCIA COMPLEMENTAR			
<p>ALEGRE, M. Pequeno guia para pesquisa de campo em Geografia. Boletim do Departamento de Geografia, Presidente Prudente, FFCLPP, n. 3, p. 77-86, 1970.</p> <p>ALMEIDA, Rosângela de Almeida. Do desenho ao mapa. São Paulo: Contexto, 2003.</p> <p>ALVES, V. E. L. Trabalho de campo: uma ferramenta do geógrafo. Geosp, São Paulo, n. 2, p. 85-89, 1997.</p> <p>CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T (Org.). A questão ambiental: diferentes abordagens. Rio de Janeiro: Bertrend Brasil, 2003.</p> <p>FLORENÇANO, T. C. Imagens de satélite para estudos ambientais. São Paulo: Oficina de Textos, 2002.</p> <p>FRIEDMANN, Raul, M. P. Fundamentos de orientação, cartografia e navegação terrestre. 2. ed. UTFPR, 2008.</p> <p>LACOSTE, Y. Pesquisa de trabalho de campo. Seleção de textos. São Paulo: AGB, 1985. n. 11.</p> <p>TAUK, S. M. Análise ambiental: uma visão multidisciplinar. Edusp, 1991.</p> <p>TRICART, Jean. Ecodinâmica. Recursos Naturais e Meio Ambiente. Rio de Janeiro: FIBGE, 1977.</p>			



9 PROCESSO PEDAGÓGICO E DE GESTÃO DO CURSO

O processo de gestão do curso de Ciências Sociais envolve os docentes que constituem o Colegiado do Curso (definido pelo Regulamento de Graduação, em termos de composição e competências, e em conformidade com o prescrito pelo Art. 56 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996), os discentes e a coordenação do curso a qual está à frente deste processo.

9.1 Reuniões pedagógicas e de colegiado e formas de participação discente

Em conformidade com o princípio consignado no inciso VI do artigo 206 da Constituição da República, atinente à gestão democrática do ensino público, o Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais reúne-se, periodicamente, assegurando-se a participação de representantes discentes, com vistas à discussão e deliberação pública acerca das questões acadêmicas e gerenciais atinentes ao ensino, à pesquisa e à extensão. Reuniões extraordinárias podem ser convocadas, sempre que necessário, pela coordenação de curso ou por um conjunto significativo de discentes ou professores. As reuniões do Colegiado de Curso, em conformidade com a respectiva pauta, definem-se como atividades estritamente pedagógicas ou assuntos de expediente do Colegiado, segundo a sistemática abaixo pormenorizada:

a) Atividades pedagógicas: há pontos de pauta das reuniões de Colegiado cujo conteúdo atém-se a questões estritamente pedagógicas, dentre as quais se incluem planejamento, acompanhamento e avaliação didático-pedagógica da proposta curricular. Assegura-se aos discentes, em tais temáticas, participação mediante representantes eleitos, em percentual condizente com a norma prescrita no artigo 70 da LDB e com as disposições regimentais e estatutárias da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

b) Assuntos de Expediente do Colegiado de Graduação do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais: o Colegiado de Curso disporá, outrossim, sobre assuntos de expediente, tais como apreciação de requerimentos de estudantes, definição de uso de laboratórios e equipamentos, levantamento de demandas



relativas à acessibilidade e pro- posição às instâncias competentes, como o Núcleo de Acessibilidade do campus, de ade- quadas intervenções no espaço físico, além de envio de requerimentos ou manifestações a órgãos internos da universidade ou a entes públicos e privados com os quais o curso possua relações.

À representação estudantil será franqueada a possibilidade de votar e manifes- tar-se em todas as reuniões do Colegiado do Curso, por meio de representantes eleitos entre os discentes regulares da Licenciatura em Ciências Sociais.

9.2 Instâncias recursais

Na forma do estatuto da UFFS, as decisões do Colegiado desafiam recurso, sem efeito suspensivo, para o Conselho de Campus do campus Erechim da UFFS. Das decisões do coordenador do Colegiado de Curso caberá recurso ao pleno do referido órgão. Requerimentos discentes de natureza recursal atinentes a matérias estritamente didático-pedagógicas, como revisão de notas escolares ou definição de calendários de provas, são apreciados por uma comissão designada pelo Colegiado do Curso, composta de três professores com reconhecida *expertise* na matéria versada, os quais proferem parecer a ser encaminhado para homologação ou recusa no Colegiado do Curso.

9.3 Planejamento docente

Incumbe ao Colegiado de Curso homologar os planos de ensino elaborados pe- los docentes de cada disciplina, a serem remetidos semestralmente à coordenação de curso, os quais devem, necessariamente, conter os seguintes elementos:

- programa da disciplina, na forma aprovada pelo Colegiado de Curso, com emen- ta, justificativa, objetivos, bibliografia básica, bibliografia complementar e, caso houver, sugestão de bibliografia;
- informação sobre os requisitos para que o estudante possa frequentar o compo- nente curricular, bem como sobre as competências esperadas do discente ao final do curso;



- descrição do tema de cada aula, da data planejada para a respectiva ministração e dos recursos pedagógicos a serem utilizados;
- critérios de avaliação e datas planejadas para os procedimentos de aferição de conhecimento, como provas e trabalhos.

Ao final de cada semestre, o docente deve apresentar ao Colegiado de Curso um diário de classe com informações sobre as aulas ministradas e respectivos temas, além de dados quanto à frequência e ao aproveitamento acadêmico discentes.



10 AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO E PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM

Sem prejuízo da observância ao disposto pela Comissão Própria de Avaliação da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, instituída em conformidade com o regimento da Instituição, o Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais promove expedientes e processos atinentes à autoavaliação da graduação sob sua responsabilidade, os quais contam com ferramentas metodológicas quantitativas e qualitativas, nos seguintes termos:

Autoavaliação semestral docente: cada professor lotado no curso de Ciências Sociais apresenta, ao final do semestre letivo, em conformidade com formulário específico aprovado em reunião do Colegiado, relatório de autoavaliação referente a cada disciplina ministrada no curso, o qual conterá os seguintes elementos: a) avaliação sobre a própria assiduidade e pontualidade, sobre a eficácia dos recursos didáticos adotados, sobre a disponibilidade extraclasse, sobre a pertinência da bibliografia indicada e sobre a adequação dos meios de aferição do aproveitamento adotados; b) avaliação sobre o perfil das turmas discentes, sobre seu comprometimento com os estudos referentes ao componente curricular, sobre os passos percorridos entre o modo como ingressaram *vis-à-vis* o modo como concluíram o CCR e sobre o aproveitamento médio nos procedimentos de avaliação; c) avaliação do papel e da relevância do CCR ministrado no contexto do curso de Licenciatura em Ciências Sociais e na formação dos discentes; d) avaliação da Instituição, no que se refere às condições de trabalho, à estrutura disponibilizada, aos mecanismos de permanência dos discentes e ao suporte às atividades exercidas.

Avaliação discente: ao final de cada semestre letivo, os discentes avaliam a disciplina, em conformidade com formulário específico a ser aprovado em reunião de Colegiado, apresentando o respectivo posicionamento sobre o seguinte: a) pertinência do componente curricular para a formação do licenciado em Ciências Sociais; b) assiduidade e pontualidade do docente; c) eficácia dos recursos e estratégias didáticos e pedagógicos implementados pelo docente quanto ao componente curricular; d) consistência e relevância da bibliografia indicada; e)



disponibilidade extraclasse do docente; e) disponibilidade institucional de estrutura e condições para que o CCR cumpra os respectivos objetivos.

Ouvidoria: a coordenação do curso manterá um endereço eletrônico para que estudantes, docentes e técnicos possam apresentar críticas, sugestões e apontamentos referentes a questões didáticas, pedagógicas e institucionais do curso de licenciatura em Ciências Sociais.

Reunião semestral com discentes: a coordenação do curso realiza ao menos uma reunião semestral aberta à representação dos estudantes, com o fito de colher informações e avaliações quanto ao seguinte: a) políticas de permanência discente na universidade; b) procedimentos de avaliação; c) adequação do currículo às expectativas estudantis e; d) assiduidade, pontualidade e adequação didática, ética e acadêmica da conduta dos docentes.

Reunião docente semestral de Avaliação: ao menos uma vez por semestre são realizadas reuniões de avaliação do curso, quando os professores conhecem e interpretam os dados advindos dos procedimentos de autoavaliação, com vistas a decidirem sobre as medidas de aprimoramento consideradas adequadas.

10.1 Avaliação do processo de ensino-aprendizagem

Os procedimentos de avaliação adotados pelos professores do curso de Ciências Sociais estão inscritos em uma concepção do processo avaliativo como processual e orientador da prática pedagógica. Os procedimentos de avaliação propostos visam a um só tempo possibilitar aos alunos o conhecimento de seus avanços e limites e aos docentes uma reflexão sobre o seu fazer pedagógico. O espaço de discussão coletiva dos instrumentos e avaliação tem sido as reuniões do Colegiado de Curso, nas quais, a cada início de semestre, os planos de ensino são submetidos à apreciação coletiva. Os procedimentos de avaliação devem estar registrados nos planos de ensino que, disponibilizados aos estudantes no início de cada semestre, são discutidos no momento de sua apresentação em sala de aula, assim como os critérios que organizam os procedimentos avaliativos. Os professores do curso de Ciências Sociais, orientados pelo objetivo de garantir uma sólida formação teórico-conceitual aos seus alunos e preocupados em garantir que essa formação se transforme em instrumentos de compreensão e intervenção da e



na realidade social, têm utilizado um leque bastante variado de instrumentos de avaliação. Esses têm sido escolhidos de forma a desenvolver a autonomia intelectual e capacidade analítica dos alunos; a iniciação nos recursos necessários ao trabalho acadêmico e à pesquisa; o aperfeiçoamento das habilidades de leitura, compreensão e produção de textos, imprescindíveis para as competências de pesquisador e professor. Dessa forma, há no curso de Ciências Sociais critérios de avaliação que se expressam na participação e no envolvimento dos alunos com o processo de ensino e de aprendizagem e procedimentos avaliativos que exploram habilidades escritas e orais. Como exemplo, para além das provas escritas, com questões discursivas ou objetivas, produção de resumos, resenhas, artigos, exercícios de observação participante e etnográficos, ocorrem também seminários, debates, estudos dirigidos, análise temática e pesquisas orientadas.

Aos alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem são, ainda, oferecidos atendimento individual, encaminhamento para o Núcleo de Apoio Pedagógico – NAP, agendamento de horário com os professores para acompanhamento e reforço e monitoria em sala de aula.



11 ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Cursos de Graduação em Ciências Sociais estabelecem, entre seus objetivos, a promoção da relação entre teoria e prática e entre ensino, pesquisa e extensão. Considerando que o curso de Ciências Sociais da UFFS-Campus Erechim oferece habilitação única em Licenciatura, a dimensão do ensino busca valorizar o cientista social, pressupondo uma formação indissociada nas áreas da Sociologia, Antropologia e Ciência Política, com foco na operacionalização didático-pedagógica dos conceitos aprendidos através da área de Ensino de Ciências Sociais, compreendendo os componentes curriculares de Metodologia de Ensino e Estágio Docente (constituintes do domínio específico), além dos componentes curriculares de formação pedagógica compartilhados com outros cursos com habilitação em licenciatura (domínio conexo) e dos dispositivos da Prática como Componente Curricular e das Atividades Curriculares Complementares, que reforçam o caráter didático-pedagógico da apropriação e produção de conhecimento teórico.

Entende-se que a formação em Ciências Sociais com habilitação em licenciatura projeta a atuação do egresso de forma imediata como professor da educação básica formal, cenário aberto pelas normativas federais de obrigatoriedade do ensino de Sociologia. Complementarmente, entende-se, no entanto, que o papel pedagógico do licenciado em Ciências Sociais pela UFFS – Campus Erechim não se limita à educação circunscrita às instituições oficiais de ensino, mas se aplica amplamente a suas diferentes possibilidades de inserção socioprofissional. Isto significa que, ao optar por funções que não a de professor de Sociologia, o licenciado também tem condições de exercer seu papel pedagógico posicionando-se em debates públicos sobre questões prementes do mundo contemporâneo e propondo interpretações críticas para fenômenos e processos políticos e culturais.

Tal compreensão da formação do licenciado articula, de forma mais evidente do que em cursos divididos em licenciatura e bacharelado, o ensino à pesquisa e à extensão, na medida em que pressupõe que estas experiências podem e devem ser tão didáticas quanto o aprendizado circunscrito ao sistema disciplinar



tradicional formado por componentes curriculares e centrado no espaço da sala de aula. Experiências em projetos e programas de pesquisa e extensão contribuem para que o estudante reflita sobre conceitos e teorias abordadas em sala de aula à luz das realidades e dos fenômenos vivenciados, observados e analisados em suas atividades, trazendo à tona o processo de construção do conhecimento e a possibilidade de relativizar o referencial teórico e metodológico do curso. Desta forma, o estudante e, conseqüentemente, o licenciado, adquire condições de situar-se no campo das Ciências Sociais a partir das interpretações que produz ao deparar-se com problemas concretos de pesquisa ou com demandas da sociedade apresentadas à Universidade ou detectadas por estudantes e docentes do curso como possíveis ações de extensão.

A articulação ente teoria e prática, bem como entre ensino, pesquisa e extensão, buscam superar a oposição do licenciado ao bacharel, partindo da concepção de que o professor de Ciências Sociais, para o ser, necessariamente deve portar os conhecimentos dos três campos disciplinares estruturantes do curso – Antropologia, Ciência Política e Sociologia – fundamentado não somente na leitura, mas na prática da pesquisa social. Por outro lado, mesmo não atuando formalmente como professor, o cientista social tem um papel pedagógico por ser capaz de prover, nos mais diferentes ambientes organizacionais, formais ou informais, questionamentos que induzem os próprios atores sociais a refletirem sobre as estruturas e condições sociais nas quais estão imersos, desencadeando processos de aprendizagem e autoconhecimento coletivos e individuais. Como profissional e como trabalhador, o cientista social crítico e qualificado deve conhecer, conceitual e procedimentalmente, as etapas da produção do conhecimento sociológico para transmiti-lo e inová-lo adequadamente.

Com relação à pesquisa e à extensão, o curso busca proporcionar ao estudante a participação em programas e projetos que associam arcabouços teóricos a interesses específicos formadores de linhas de pesquisa e extensão desenvolvidas na Universidade. Ou seja, o estudante deve perceber que sua participação em qualquer atividade deve ser acompanhada do devido rigor metodológico e epistemológico para que se caracterize como produção intelectual, integrando a teoria acumulada às atividades praticadas, diferenciando-as de meras técnicas



supostamente neutras. As correntes teóricas, conceitos e metodologias de pesquisa expressam contradições e são resultado da própria dinâmica das relações sociais das sociedades e dos fenômenos socioculturais estudados.



12 PERFIL DOCENTE (Competências, habilidades, comprometimento, entre outros) E PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO

12.1 Perfil docente

O corpo docente deve estar consciente do seu papel, enquanto sujeito envolvido e responsável pela efetivação do Projeto Pedagógico, bem como dos objetivos do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Nesse sentido, espera-se de cada docente:

- a) Comprometimento com a defesa da Universidade pública, gratuita e de qualidade;
- b) Defesa intransigente de condições mínimas de trabalho que lhe permitam desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão;
- b) Capacitação e atualização científica e didático-pedagógica permanentes;
- c) Participação em comissões científicas, movimentos associativos, grupos de pesquisa, eventos científicos e profissionais;
- d) Integração com corpo discente através das práticas pedagógicas, de orientações acadêmicas, da iniciação científica, de estágios e monitorias;
- e) Divulgação e socialização do saber através de produções científicas, técnicas e culturais;
- f) Participação na gestão acadêmica e administrativa, visando à construção de espaços democráticos no interior da Universidade;
- g) Participação em práticas extensionistas, ações comunitárias e integração com a comunidade e grupos de pesquisa;
- h) Valorização e utilização dos resultados dos diferentes processos de avaliação institucional como meio de promover a melhoria do ensino no âmbito do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais;

Para obter um resultado satisfatório, o curso recomenda aos seus docentes que assumam uma postura de orientador e de pesquisador. Sendo assim, espera-se que os docentes do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais não desempenhem o papel de mero repetidor de ideias, devendo orientar os estudantes na busca de conhecimento pluralista, crítico e reflexivo e realizar permanentemente pesquisas de caráter teórico e empírico, com vistas à atualização e inovação do



conhecimento sobre a sociedade em que vivemos. O engajamento na prática de pesquisa deve ser entendido como uma das prioridades da atividade docente.

12.2 Processo de qualificação do corpo docente

A qualificação do corpo docente do curso de Licenciatura em Ciências Sociais é uma das metas principais que buscamos atingir. O atual quadro de docentes apresenta a totalidade de docentes com mestrado, mais da metade com doutorado e a parte restante cursando doutorado. Nesse sentido, o curso deve ter como prioridade a viabilização do processo de doutoramento desses últimos docentes e dos futuros que serão contratados. Além disso, o curso deve preocupar-se com o processo de formação continuada do seu quadro de docentes doutores, promovendo a saída desses pesquisadores para a realização de pós-doutorado. A fim de que esse processo de qualificação se viabilize, o curso procura adotar as seguintes diretrizes:

- a) Garantir que sejam respeitados os parâmetros que estabelecem a carga horária docente em sala de aula definidos pelas regulamentações internas da UFFS e da LDB, bem como gerir sua equilibrada distribuição entre os docentes a fim de permitir a liberação de pessoal para atuar em funções administrativas nos diversos níveis da gestão universitária;
- b) Não adotar os critérios de titulação e de produtividade para atribuição de aulas;
- c) Responsabilizar-se pelas disciplinas de Introdução ao Pensamento Social e Direitos e Cidadania, que serão oferecidas a todos os cursos do *campus* de Erechim e constituem o Domínio Comum;
- d) Estabelecer as linhas de pesquisa que melhor atendem ao perfil acadêmico dos docentes e, conseqüentemente, estimular a criação de grupos de pesquisa envolvendo mais de um docente do curso;
- e) Garantir e buscar recursos financeiros para que os docentes possam viabilizar suas pesquisas individuais e participar de eventos científicos da área.



13 QUADRO DE PESSOAL

13.1 Quadro de pessoal do campus de Erechim – turno noturno

Componente Curricular	Professor	Titulação
Produção Textual Acadêmica	Roberto Carlos Ribeiro	Doutorado em Linguística Mestrado em Linguística Graduação Letras
Informática Básica	André Gustavo Schaeffer	Mestrado em Computação Graduação em Informática
História da Fronteira Sul	Isabel Rosa Gritti	Doutorado em História do Brasil Mestrado em História do Brasil Especialização em História do Brasil Especialização em História da Educação Brasileira Graduação em Estudos Sociais
Introdução à Sociologia	Cassio Cunha Soares	Doutorado em Sociologia Mestrado em Sociologia Graduação em Ciências Sociais
Sociologia I	Cassio Cunha Soares	Doutorado em Sociologia Mestrado em Sociologia Graduação em Ciências Sociais
Estatística básica	Adão Boava	Doutorado em Engenharia Elétrica Mestrado em Engenharia Elétrica Especialização em Administração e Marketing Especialização em Redes de Comunicações Aperfeiçoamento em Eletrônica e Comunicações Graduação em Engenharia Elétrica
Sociologia II	Clovis Clovis Schmitt Souza	Mestrado em Sociologia Graduação em Ciências Sociais
Introdução à Teoria Política	Douglas Santos Alves	Mestrado em Ciência Política Graduação em Ciências Sociais
Introdução à Antropologia	Daniel Francisco de Bem	Doutorado em Antropologia Mestrado em Antropologia Graduação em Ciências Sociais
Iniciação à prática científica	Luis Fernando Santos Corrêa da Silva	Doutorado em Sociologia Mestrado em Sociologia Graduação em Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais
Antropologia I	Paulo Ricardo Muller	Mestrado em Antropologia Social Graduação em Ciências Sociais
Sociologia III	Rodrigo Manoel Dias da Silva	Doutorado em Ciências Sociais Mestrado em Ciências Sociais Graduação em Pedagogia
Antropologia II	Valéria Barros	Doutorado em Antropologia Mestrado em Antropologia Social Graduação em Ciências Sociais
Teoria Política I	Cleber Ori Cuti Martins	Doutorado em Ciência Política Mestrado em Ciência Política Especialização em Pensamento Político Brasileiro



		Graduação em Comunicação Social
Eletiva I	Cleber Ori Cuti Martins	Doutorado em Ciência Política Mestrado em Ciência Política Especialização em Pensamento Político Brasileiro Graduação em Comunicação Social
Direitos e cidadania	Clovis Clovis Schmitt Souza	Mestrado em Sociologia Graduação em Ciências Sociais
Sociologia III	Rodrigo Manoel Dias da Silva	Doutorado em Ciências Sociais Mestrado em Ciências Sociais Graduação em Pedagogia
Antropologia III	Daniel de Bem	Doutorado em Antropologia Mestrado em Antropologia Graduação em Ciências Sociais
Teoria Política II	Douglas Alves	Mestrado em Ciência Política Graduação em Ciências Sociais
Epistemologia das ciências sociais	Luis Fernando Silva	Doutorado em Sociologia Mestrado em Sociologia Graduação em Ciências Sociais
Eletiva II	Valeria Barros	Doutorado em Antropologia Mestrado em Antropologia Graduação em Ciências Sociais
Introdução à Filosofia	Thiago Leite	Mestrado em Filosofia Graduação em Filosofia
Fundamentos da educação	Thiago Ingrassia Pereira	Mestrado em Educação Graduação em Ciências Sociais – bacharelado e licenciatura
Formação da Sociedade Brasileira I	Paulo Ricardo Muller	Mestrado em Antropologia Social Graduação em Ciências Sociais
Formação da Sociedade Brasileira II	Daniel de Bem	Doutorado em Antropologia Mestrado em Antropologia Graduação em Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais
Teoria Política III	Cleber Ori Cuti Martins	Doutorado em Ciência Política Mestrado em Ciência Política Especialização em Pensamento Político Brasileiro Graduação em Comunicação Social
Eletiva III	Paulo Ricardo Muller	Mestrado em Antropologia Social Graduação em Ciências Sociais
Didática geral	Adriana Regina Sanceverino Losso	Doutorado em Educação Mestrado em Educação e Cultura Especialização em Alfabetização Graduação em Pedagogia
Teorias da aprendizagem e do desenvolvimento humano	Jerônimo Sartori	Doutorado em Educação Mestrado em Educação Especialização em Supervisão Escolar Graduação em Biologia – LP – Fundação Educacional do Alto Uruguai Catarinense Graduação em Ciências – LC
Economia para Ciências Sociais	Luis Fernando Silva	Doutorado em Sociologia Mestrado em Sociologia Graduação em Ciências Sociais
Estágio Docente supervisionado I	Angela Della Flora	Mestrado em Sociologia Graduação em Ciências Sociais – bacharelado e



		licenciatura
Metodologia de pesquisa quantitativa	Douglas Santos Alves	Mestrado em Ciência Política Graduação em Ciências Sociais
Metodologia de pesquisa qualitativa	Valeria Barros	Doutorado em Antropologia Mestrado em Antropologia Graduação em Ciências Sociais
Estágio docente supervisionado II	Angela Della Flora	Mestrado em Sociologia Graduação em Ciências Sociais – bacharelado e licenciatura
Modernidade: Aspectos Históricos	Cassio Cunha Soares	Doutorado em Sociologia Mestrado em Sociologia Graduação em Ciências Sociais
Metodologia do Ensino em Ciências Sociais	Thiago Ingrassia Pereira	Mestrado em Educação Graduação em Ciências Sociais – bacharelado e licenciatura
Ciências Sociais no Brasil	Rodrigo Manoel Dias da Silva	Doutorado em Ciências Sociais Mestrado em Ciências Sociais Graduação em Pedagogia
Eletiva IV	Douglas Santos Alves	Mestrado em Ciência Política Graduação em Ciências Sociais
Trabalho de conclusão de curso I	Luis Fernando Santos Corrêa da Silva	Doutorado em Sociologia Mestrado em Sociologia Graduação em Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais
Estágio Docente supervisionado III	Thiago Ingrassia	Mestrado em Educação Graduação em Ciências Sociais – bacharelado e licenciatura
Política educacional e legislação do ensino no Brasil	Maria Silvia Cristofoli	Doutorado em Educação Mestrado em Educação Graduação em Pedagogia
Sociologia da educação	Angela Della Flora	Mestrado em Educação Graduação em Ciências Sociais
Eletiva V	Clovis Clovis Schmitt Souza	Mestrado em Sociologia Graduação em Ciências Sociais
Trabalho de conclusão de curso II	Cassio Cunha Soares	Doutorado em Sociologia Mestrado em Sociologia Graduação em Ciências Sociais
Língua brasileira de sinais (Libras)	Sonize Lepke	Especialização em Linguagem Brasileira de Sinais Graduação em Letras



14 INFRAESTRUTURA NECESSÁRIA AO CURSO

14.1 Infraestrutura geral

O Curso de Licenciatura em Ciências Sociais deverá dispor da seguinte infraestrutura para poder colocar em funcionamento suas atividades de ensino: 7 (sete) salas de aulas, visando dar conta das disciplinas obrigatórias e optativas até o último semestre do curso.

Cada sala deve dispor de:

1. Equipamentos multimídia;
2. Sessenta cadeiras;
3. Quadro branco;
4. Mesa de trabalho;
5. Rede de Internet;
6. Tela de projeção.

14.2 Viagens de estudo

No curso de graduação em Ciências Sociais – Licenciatura as viagens de estudo estão previstas como atividades complementares dos componentes curriculares do Domínio Específico do curso, visando articular teoria e prática no processo formativo do professor-pesquisador.

Entre o quinto e o sétimo semestre do curso, cada turma de acadêmicos de Ciências Sociais deve ter realizado pelo menos uma viagem de estudos envolvendo a elaboração de uma atividade interdisciplinar de pesquisa na qual todos os professores do Domínio Específico do semestre em questão deverão estar envolvidos. Para os professores dos domínios Comum e Conexo a



participação em tal atividade será facultativa. Até um quarto da carga horária das disciplinas envolvidas podem ser destinadas para a viabilização dessas atividades, na modalidade de carga horária prática.

Do ponto de vista da infraestrutura necessária para as viagens de estudos, o curso de Ciências Sociais demanda:

- Veículo, com capacidade para transportar 50 acadêmicos e 2 docentes;
- Custeio para alimentação e hospedagem para os trabalhos que necessitem pernoite.

14.3 Biblioteca: Organização e Serviços

As Bibliotecas da UFFS têm o compromisso de oferecer o acesso à informação a toda à comunidade universitária para subsidiar as atividades de ensino, pesquisa, extensão e estão integradas atuando de forma sistêmica, e estão sob coordenação técnica da Diretoria de Gestão da Informação, vinculada à Pró-Reitoria de Graduação, mediante seu Departamento de Gestão de Bibliotecas. Cada uma das unidades tem em seu quadro um ou mais bibliotecários com a responsabilidade de garantir que todos os serviços de atendimento à comunidade em cada um dos *campi* sejam oferecidos de forma consonante com a “Carta de Serviços aos Usuários”, assumindo o compromisso da qualidade na prestação de todos os seus serviços. O Departamento de Bibliotecas tem por objetivo coordenar, orientar e padronizar os serviços das bibliotecas da Instituição, visando: articular de forma sistêmica a promoção e o uso de padrões de qualidade na prestação de serviços, além de otimizar recursos de atendimento para que os usuários utilizem o acervo e os serviços com autonomia e eficácia; propor novos projetos, programas, produtos e recursos informacionais que tenham a finalidade de otimizar os serviços ofertados em consonância com as demandas dos cursos de graduação e pós-graduação, atividades de pesquisa e extensão. Atualmente a UFFS dispõe de 1.222,69m² de espaço destinado às bibliotecas nos seis campi existentes com horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 7h30min às 22h30min e, excepcionalmente, aos sábados, em algumas bibliotecas. Os serviços oferecidos são: consulta ao acervo; empréstimo, reserva, renovação e devolução; empréstimo entre bibliotecas; empréstimo interinstitucional; empréstimos de notebooks; teleatendimento; acesso internet wireless; acesso internet laboratório; serviço de



referência online; comutação bibliográfica; orientação e normalização de trabalhos; catalogação na fonte; serviço de alerta; visita guiada; serviço de disseminação seletiva da informação; divulgação de novas aquisições; capacitação no uso dos recursos de informação; assessoria editorial. As Bibliotecas da UFFS têm também papel importante na disseminação e preservação da produção científica institucional a partir do trabalho colaborativo com a DGI no uso Plataformas instaladas para o Portal de Eventos, Portal de Periódicos e Repositório Institucional da UFFS, plataformas que reunirão os anais de eventos, os periódico eletrônicos, trabalhos de conclusão de cursos, monografias, dissertações e os documentos digitais gerados no âmbito da UFFS.

Com relação à ampliação do acervo, são adquiridas semestralmente as bibliografias básica e complementar dos cursos de graduação e dos programas de pós- graduação em implantação, no formato impresso e outras mídias, em número de exemplares conforme critérios estabelecidos pelo MEC.

A UFFS integra o rol das instituições que acessam o Portal de Periódicos da CAPES que oferece mais de 33 mil publicações periódicas internacionais e nacionais, e- books, patentes, normas técnicas e as mais renomadas publicações de resumos, cobrindo todas as áreas do conhecimento.

14.4 Laboratórios previstos

A criação do curso de Licenciatura em Ciências Sociais coincide com a criação e o processo de construção da Universidade Federal da Fronteira Sul. Nesse sentido, apresentamos, de modo apenas indicativo, os laboratórios que seriam necessários para a consolidação inicial do curso de Ciências Sociais no *campus* Erechim.

Laboratório Articulado de Docência – LADO

Cursos envolvidos: Todas as licenciaturas do *campus* Erechim

Objetivos:

Geral:

* Articular as atividades de ensino, pesquisa e extensão, realizadas nos cursos de licenciatura, voltadas ao desenvolvimento de habilidades para o trabalho docente e



para a apropriação ativa de saberes fundantes da prática pedagógica.

Específicos:

- * Desenvolver habilidades para o exercício da prática pedagógica.
- * Fomentar a produção de materiais didáticos.
- * Incentivar a formação continuada de docentes.
- *



15 ANEXOS



ANEXO I - MANUAL DO ESTÁGIO DOCENTE SUPERVISIONADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – LICENCIATURA

Introdução

As disciplinas de estágio ocupam uma posição *sui generis* no âmbito da matriz curricular do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Isto é devido, em grande medida, à natureza de seus créditos práticos, que correspondem à necessária experiência do aluno de atuar em uma situação o mais próxima possível daquela que encontrará nas escolas.

Esta oportunidade deve ser aproveitada ao máximo, para que dois objetivos sejam alcançados. Em primeiro lugar, nossos alunos não devem chegar às salas de aula reforçando o estereótipo do estagiário – despreparado e inseguro. E em segundo, cabe também às disciplinas de Estágio preparar docentes em Ciências Sociais que extrapolem a função de simples citadores de autores e teorias, mas que sejam capazes de interpretar de maneira crítica a complexa realidade social que os cerca.

Isto posto, as três disciplinas de Estágios Curriculares Supervisionados foram pensadas como um processo contínuo que guia o aluno através de um gradual conhecimento das peculiaridades e exigências do ambiente escolar (Estágio Docente Supervisionado I) da reflexão e planejamento das atividades (Estágio Docente Supervisionado II) e, finalmente, o exercício mesmo da prática docente (Estágio Docente Supervisionado III).

Estágio Docente Supervisionado I

Introdução

A disciplina Docente Supervisionado I tem como produto final um Diagnóstico Institucional acerca do ambiente escolar. Para realizá-lo o estagiário deve conduzir uma série de levantamentos de dados, cada um resultando de um Relatório Parcial, cujo conjunto, devidamente revisado, será o Diagnóstico



Institucional.

A disciplina organiza-se a partir de encontros (Seminários de Estágio I) que servem a três propósitos: instrução, controle e troca de experiências entre os alunos.

Esses encontros correspondem a uma disciplina de 105 horas (7 créditos). O Professor dessa disciplina deve ser escolhido em reunião do colegiado no semestre anterior à oferta.

Seminários

Os seminários correspondem aos sete encontros que devem ocorrer entre os alunos e o professor da disciplina. A dinâmica desses encontros deve contemplar, portanto, três momentos. No primeiro o professor deve instruir os alunos nas atividades a serem desempenhadas até o encontro seguinte, isto é, sobre a elaboração dos Relatórios Parciais.

Em um segundo momento, o professor deve controlar a realização das atividades, recolhendo os Relatórios ou outros documentos (como no caso do segundo seminário, quando a carta de aceite do dirigente da instituição onde o estágio será realizado deverá ser entregue), bem como devolver corrigidas as atividades anteriores.

Por fim, em um terceiro momento, que toma a maior parte do tempo da aula, os alunos devem relatar brevemente suas experiências aos colegas, que são convidados a comentá-las, junto com o professor, a partir de suas próprias vivências.

No primeiro seminário, o professor deve apresentar o programa da disciplina e indicar a data-limite para que a Carta de Apresentação seja encaminhada à Secretaria do Curso para ser assinada (recomenda-se o prazo de, no máximo, cinco dias).

Note-se que, ao emitir a Carta de Apresentação (Anexo A), a Secretaria do Curso deve abrir uma pasta de estágio, onde serão guardados todos os documentos pertinentes, dos quais o primeiro é a Carta de Aceite (Anexo B).



atividade aberta, da qual podem participar, na categoria de ouvintes, pessoas estranhas à disciplina ou professores convidados.

Na sequência, um quadro com o resumo das atividades a ser desempenhadas ao longo da disciplina, por seminário.

Seminário Atividades

1. Apresentação do professor
2. Apresentação dos alunos
- 1 3. Apresentação do Programa da disciplina
4. Instrução do Relatório Parcial 1
5. Instrução do Relatório Parcial 2
- 2 6. Entrega e discussão do Relatório Parcial 1
7. Entrega da Carta de Aceite
8. Instrução do Relatório Parcial 3
- 3 9. Entrega e discussão do Relatório Parcial 2
10. Instrução do Relatório Parcial 4
- 4 11. Entrega e discussão do Relatório Parcial 3
12. Instrução do Relatório Parcial 5
- 5 13. Entrega e discussão do Relatório Parcial 4
14. Instrução do Diagnóstico Institucional
- 6 15. Entrega e discussão do Relatório Parcial 5
- 7 16. Entrega e discussão do Diagnóstico Institucional

Quadro 1- Resumo das atividades por seminário

Relatórios Parciais

Os relatórios parciais são a essência da disciplina. Trata-se de uma série de atividades que levam gradualmente o aluno a conhecer o ambiente escolar, bem como refletir criticamente sobre sua atuação não apenas como professor, mas também como cientista social e cidadão. Os estagiários devem ser orientados a manter um cuidadoso registro de todas as suas observações por quaisquer meios necessários, desde um diário de pesquisa até registros multimeios. Também é



preciso reforçar, a cada encontro, a importância de fazer relatórios parciais bem feitos para minimizar o trabalho no Diagnóstico Institucional.

Como opção, o professor pode estabelecer um prazo para a entrega dos Relatórios Parciais antes dos encontros, a fim de que possa avaliá-los anteriormente à apresentação dos estagiários.

Relatório Parcial I: Primeiros contatos

O primeiro dos relatórios parciais deve ser dedicado ao levantamento de dados preliminares essenciais às etapas seguintes, bem como à apresentação dos estagiários à instituição de ensino onde se realizará o estágio. Assim, esta atividade consiste de duas etapas: levantamento de dados e apresentação à instituição. Estas etapas são consecutivas, uma vez que, apenas de posse dos Dados Básicos (ver abaixo) o aluno pode requerer a Carta de Apresentação (Anexo A), documento que possibilita seu primeiro contato, e, por conseguinte, a segunda etapa desta atividade. No primeiro encontro, os alunos devem também ser instruídos a manter um diário de campo.

Os dados que precisam ser levantados nessa etapa são:

a) Dados básicos (estas informações devem ser levadas à secretaria para a confecção da Carta de Apresentação)

1. Nome da instituição
2. Endereço
3. Telefones de contato
4. Nome dos dirigentes

b) Escolha

1. Motivos pessoais
2. Relevância da instituição
3. Acessibilidade

c) Relato do primeiro contato

1. Expectativas em relação ao primeiro contato com a escola
2. Narrativa da experiência



Relatório Parcial II: Contexto

Neste relatório o estagiário deve conhecer o contexto (histórico, geográfico, jurídico e social) em que a escola/instituição se situa. Para elaborá-lo, o aluno deverá visitar não apenas a instituição, mas seus arredores, levantar dados junto à secretaria da escola (ou aos colegas do Estágio II que estejam lotados na mesma instituição) e/ou às secretarias de educação do Estado e do município. O Relatório Parcial deverá, obrigatoriamente, contar com um mapa da região que localize os pontos indicados no texto e uma linha do tempo. Também é a partir desta atividade que os estagiários devem começar a ter contato com a imprensa (rádio, televisão e, principalmente, jornais impressos) que atue na região onde se localiza a escola, e mantenha um registro hemerográfico dos principais acontecimentos da região.

Os dados que precisam ser levantados nesta etapa

são: Dados Geográficos

Localização do bairro

Localização da escola

Outros serviços

públicos Outros

pontos de interesse

Dados Históricos

História do

bairro História

da escola

Dados

Sociológicos

Dados estatísticos do bairro

Pesquisas acadêmicas sobre o

bairro

Pesquisa hemerográfica sobre o

bairro Dados Jurídicos

Natureza da



Instituição Legislação
pertinente Projeto
político pedagógico
Lei que a cria (quando for o
caso) Regimento e Estatuto

Relatório Parcial III: Infraestrutura

A terceira atividade envolve, além da coleta de dados objetivos, o contato com as pessoas que fazem parte da escola, como professores, pais e servidores. Além disso, devem ser avaliadas as condições de uso dos equipamentos da escola. Para esta atividade deve ser elaborado um croqui ou mapa da escola, e entrevistados professores, alunos, funcionários e pais e membros da comunidade através de entrevistas semiestruturadas ou questionários. A escolha dos entrevistados deve ser justificada e, a partir destas entrevistas, devem ser levantados dados sobre qual a importância que a escola tem na vida dos entrevistados, em particular, e para a comunidade de uma forma geral.

Os dados que precisam ser levantados nesta etapa

são: Estrutura física

Salas de aula

Equipamentos

imóveis

Biblioteca

Equipamentos

móveis Recursos

Humanos

Professores

Servidor

es

Direção

Terceiriz

ados



Público-
alvo
Alunos
País
Representação da escola na comunidade

Relatório Parcial IV: A escola como lugar de convívio social

Este relatório deve ser fruto de observação direta da vida escolar. O aluno deve frequentar a escola durante pelo menos três turnos a fim de levantar as informações que demonstrem como as relações sociais são construídas na escola. Para tanto, deve ser incentivada a manutenção de um diário de campo (que pode ser desenvolvido desde o primeiro relatório) e o uso de vários tipos de registro, como fotografias, vídeo e áudio.

Os dados que precisam ser levantados nesta etapa são:

- ⌚ Tempo
 - Antes da aula
 - Durante a aula
 - Recreio
 - Depois da aula
 - Contraturno
- ⌚ Espaço
 - Pátio
 - Cantina
 - Quadra
- ⌚ Estruturas sociais
 - Grupos sociais
- ⌚ Processos Sociais
 - Oficiais
 - Segregação e integração

Diagnóstico Institucional



Estágio, bem como um documento imprescindível para iniciar a segunda. Ele é constituído, basicamente, pelo agrupamento dos relatórios parciais, analisados de maneira crítica e organizados de forma coerente. Junto com o Diagnóstico Institucional, os alunos devem entregar ao professor também o conjunto dos relatórios parciais.

Devem ser levados em consideração, pelo menos, os seguintes dados para a elaboração do diagnóstico institucional:

- ⌚ Os relatórios parciais corrigidos pelo professor;
- ⌚ Os comentários dos colegas e do professor durante os seminários; e
- ⌚ As notícias da imprensa sobre o bairro e sobre as escolas durante o semestre.

Os Diagnósticos Institucionais, uma vez aprovados, devem ser guardados na pasta do aluno, na Secretaria do Curso.

Avaliação

A nota da disciplina e demais critérios de avaliação devem estar calcados em três elementos:

- ⌚ O conjunto dos relatórios parciais;
- ⌚ O Diagnóstico institucional; e
- ⌚ A presença nos seminários de estágio I.

Os critérios de avaliação de cada um dos itens acima fica a cargo de cada professor. A título de sugestão, a nota pode ser calculada pela média entre as notas a) do conjunto dos relatórios parciais (valendo dois pontos cada) e b) do relatório final.

Ainda a título de sugestão e visando à uniformidade e objetividade dos critérios de avaliação, o professor pode optar pela seguinte distribuição de pontos para os relatórios parciais:

- ⌚ 0,5 ponto para assiduidade na entrega dos relatórios;
- ⌚ 0,5 ponto para o respeito à norma culta da língua portuguesa;
- ⌚ 1,0 ponto para o cumprimento da tarefa proposta.

Para o Diagnóstico Institucional, propõem-se os seguintes critérios:

- ⌚ 2,0 pontos para o respeito à norma culta da língua portuguesa;
- ⌚ 5,0 pontos para a revisão dos relatórios parciais (1,0 ponto para cada);



🕒 3,0 pontos para a reflexão crítica.

A presença pode ser concedida pela participação nos seminários. O aluno deve entregar os Relatórios Parciais de todas as atividades.

Estágio Docente Supervisionado II

Introdução

Se o Estágio I é o momento de conhecer o ambiente escolar, é durante o Estágio II que o aluno irá refletir como, a partir dos dados levantados, pode atuar de maneira mais proveitosa tanto como professor quanto pesquisador.

O Estágio Curricular Supervisionado II também é fechado com um documento, no caso um Projeto de Estágio. Tal documento deve ser dividido em duas partes, uma consistindo de um plano de trabalho o mais detalhado possível, cujo objeto advinha da experiência do estagiário na escola.

Visando à preparação deste projeto, durante a disciplina o aluno terá que realizar uma série de atividades que visam prepará-lo tanto para sua experiência docente como de pesquisa: preparar programas de disciplinas, identificar deficiências e levantar bibliografias e metodologias, tudo culminando em uma aula-piloto, prelúdio das responsabilidades que serão assumidas no semestre seguinte.

A exemplo da disciplina de Estágio I, aqui também os alunos são organizados em turmas com um professor com o qual se reúnem 7 vezes, nos Seminários de Estágio

II. Estes encontros correspondem a uma disciplina de 105 horas (7 créditos). O Professor desta disciplina também deve ser escolhido em reunião do Colegiado no semestre anterior à oferta.

Seminários de Estágio II

Os encontros desta disciplina – Seminários de Estágio II – servem a fins semelhantes àqueles do semestre anterior: instrução, avaliação e compartilhamento de experiências, seguindo um padrão semelhante, com os estagiários entregando as atividades, apresentando os resultados encontrados, comentando a apresentação uns dos outros e recebendo as instruções da próxima atividade.



Há, contudo, dois eventos especiais. Na segunda atividade, os estagiários devem entregar o Termo de Compromisso do Supervisor Externo (Anexo C), que é a ligação do estagiário com a escola, de preferência um professor de Sociologia ou de áreas correlatas, indicado pelo dirigente da instituição concedente do estágio. Este supervisor tem um papel crucial no semestre seguinte durante o Estágio III (o Supervisor pode estar acompanhando o aluno desde o semestre anterior, a critério da direção escolar, este documento é apenas a formalização deste contato). Estes Termos devem ficar arquivados na pasta do aluno na secretaria do curso.

O outro evento é a Aula Piloto (Atividade de Preparação V) que ocorre em dia e horários determinados *ad hoc*, conforme sugestão apresentada na sequência.

Seminário Atividades

1	17. Apresentação do professor 18. Apresentação dos alunos e dos seus respectivos Diagnósticos Institucionais 19. Apresentação do Programa da disciplina 20. Instrução da Atividade de Preparação 1
2	21. Instrução da Atividade de Preparação 2 22. Entrega e discussão da Atividade de Preparação 1
3	23. Instrução da Atividade de Preparação 3 24. Entrega e discussão da Atividade de Preparação 2
4	25. Instrução da Atividade de Preparação 4 26. Entrega e discussão da Atividade de Preparação 3
5	<ul style="list-style-type: none">• Instrução da Atividade de Preparação 5• Entrega e discussão da Atividade de Preparação 4
6	29. Entrega e discussão da Atividade de Preparação 5
7	30. Entrega do plano de trabalho e pesquisa

Quadro 2 - Atividades a serem realizadas a cada encontro

Obs.: A Aula Piloto (Atividade de Preparação 5) deve ser agendada em horário no qual possa comparecer a banca.



Atividades de preparação

Como o próprio nome diz, trata-se de um conjunto de atividades que visam preparar o estagiário para os desafios que ele encontrará no semestre seguinte. Também é a partir destas atividades que o estagiário se mune de instrumentos para sua atuação como professor e pesquisador. O objetivo é que, ao final destas atividades, o estagiário sinta-se preparado para encarar em seu duplo papel a sala de aula e que, portanto, tenha juntado material e informações de como concluir o Estágio III. A seguir, uma descrição mais detalhada de cada uma delas.

Atividade de preparação I: Observação de aulas

Esta atividade não se resume a apenas observar as aulas. Trata-se de, também, estabelecer contato com o Supervisor externo, que deve formalizar sua participação através de Termo de Compromisso (Anexo C).

A observação deve ser feita em quatro aulas, duas com a mesma turma (de preferência de sociologia) e duas em outras turmas (sendo que, pelo menos uma em outro turno e uma de outra disciplina, de preferência das Ciências Naturais).

Por fim, o aluno deve conduzir também, com ao menos dois professores e quatro alunos de aulas que observou, entrevistas informais que levantem questões como:

1. a importância desta aula para a disciplina como um todo;
2. o que há de mais interessante na disciplina;
3. o que há de menos interessante na disciplina;
4. como esta aula/disciplina pode ajudar o aluno em sua vida fora da escola;
5. as percepções da relação professor-aluno; e
6. a relação entre os dados levantados no Diagnóstico Institucional e a realidade da sala de aula.

Ao final desta atividade, o estagiário deve apresentar um relato dividido em quatro partes:

1. Termo de Compromisso do Supervisor Externo (Anexo C);
2. A descrição das aulas;
3. Síntese das entrevistas com os professores e com os alunos
4. Reflexão sobre a relação entre os dados levantados no Diagnóstico



Institucional e a realidade a sala da aula.

Atividade de preparação II: Elaboração de Programa de Aulas

Depois de conhecer a escola, é chegada a hora do estagiário pensar sua inserção como professor, e isto se fará através de um programa de aulas. Não se trata de simplesmente apresentar uma lista de tópicos que devem ser tratados ao longo de sua inserção, mas refletir sobre a pertinência de considerá-los essenciais para a situação de aula. Portanto, o que o aluno apresenta após esta atividade não é apenas o programa em si, mas também um relatório explicando os critérios para elaboração do programa. Para tanto, sugere-se o seguinte algoritmo:

1. Coletar e analisar pelo menos dois programas de disciplinas ou atividades idênticas ou análogas àquelas que o estagiário irá ministrar;
2. Identificar, a partir do Diagnóstico Institucional do Estágio I, e da primeira Atividade de Preparação, o perfil da clientela a que se dirige o programa;
3. Consultar a legislação pertinente (PCNs, o projeto político-pedagógico do curso, os regimentos escolares, etc.); e, finalmente
4. Arrolar os pontos a serem ministrados na disciplina, justificando cada um segundo os critérios de relevância epistemológica e social (NOTA IMPORTANTE: é preciso lembrar que o número de pontos deverá ser condizente com a carga horária prevista para atuação no Estágio III).

Estes dados devem ser registrados em um relatório e entregue ao professor da disciplina.

Atividade de preparação IV: Pesquisa de recursos

Esta atividade consiste em revisar o Programa de Aulas e o Projeto de Pesquisa das atividades anteriores tendo em vista torná-los viáveis. No primeiro caso – o Programa de Aulas – o aluno deve indicar para cada ponto a teoria e os métodos didáticos envolvidos. Não é necessário conhecer todo o referencial teórico apresentado, mas apenas preparar-se para, no momento de dar a aula, conhecer suas próprias deficiências e como saná-las.

Em relação ao projeto de pesquisa, dados semelhantes devem ser levantados no que diz respeito à teoria, mas, em vez de métodos didáticos, o



estagiário deve propor métodos de pesquisa. O estagiário deve, então, apresentar um documento com as seguintes informações:

- ⌚ Teoria envolvida em cada ponto do Programa de Aula
 - Principais conceitos
 - Principais autores
 - Contextualização histórica
 - Principais influências
 - Principais críticas
 - Bibliografia (indicando, inclusive, onde a fonte pode ser encontrada)
- ⌚ Métodos didáticos
 - O que os alunos não podem deixar de saber ao fim da aula
 - Recursos que podem ser utilizados, levando-se em conta o contexto escolar levantado no Diagnóstico Institucional e na observação das aulas (exemplos da vida comunitária, notícias de jornal, músicas, filmes, etc...)
 - Forma de avaliar os alunos.

Obs.: os dados sobre recursos e avaliação descritos acima não precisam ser apresentados ponto a ponto, podendo ser descritos em uma única seção, válida para o conjunto dos pontos.

- ⌚ A teoria envolvida no Projeto de pesquisa
 - Principais conceitos
 - Principais autores
 - Contextualização histórica
 - Principais influências
 - Principais críticas
 - Bibliografia (indicando, inclusive, onde a fonte pode ser encontrada)
- ⌚ Levantamento metodológico apontando quais abordagens metodológicas podem ajudar a coletar e analisar os dados necessários à pesquisa. Pode também incluir um cronograma preliminar da aplicação das metodologias propostas.

Atividade de preparação V: Aula piloto

A última atividade de preparação ocupa um lugar *sui generis* na estrutura



da disciplina tanto pela avaliação especial a que está sujeita como pela participação de outros professores. Trata-se do primeiro “ensaio geral”: o estagiário efetivamente ministra uma aula na qual utiliza todo o conhecimento acumulado nas disciplinas de estágio.

A duração da Aula Piloto fica a critério do professor da disciplina, mas nunca deve exceder 50 minutos.

A aula piloto constitui-se de três momentos:

1. Sorteio, uma semana antes da aula, do ponto da aula a partir do programa elaborado na Atividade de Preparação I;
2. Elaboração de um roteiro de aula, que deve ser entregue à banca e aos demais ouvintes; e
3. A apresentação da aula propriamente dita. A Apresentação deve ser aberta aos demais alunos de Estágio I, II e III, bem como ao público em geral.

Plano de Estágio

Como fechamento da disciplina, todos os estagiários devem apresentar ao professor, em data previamente estabelecida e após o cumprimento das Atividades de Preparação, o Plano de Estágio. Este documento constitui-se de duas partes, um plano de pesquisa e um plano de trabalho. De uma maneira geral, será, basicamente, o resultado da Atividade III, criticado e ampliado, especialmente após a experiência da aula-piloto, sobre a qual deve constar um pequeno relato.

Este documento será arquivado pela Secretaria do Curso na pasta do aluno e servirá de base para a avaliação das disciplinas de Estágio II e III.

Avaliação

A nota da disciplina e conseqüentemente os critérios de avaliação devem estar calcados nos três elementos descritos anteriormente:

- ⌚ o conjunto das Atividades de Preparação de I a IV;
- ⌚ o Plano de Estágio; e
- ⌚ a presença nos seminários de estágio II.

Os critérios de avaliação de cada um desses itens fica a cargo de cada



professor. A título de sugestão, a nota pode ser calculada pela média entre as notas do conjunto das Atividades de Preparação (valendo dois pontos cada) e do Plano de Estágio. Ainda a título de sugestão e visando à uniformidade e objetividade dos critérios de avaliação, o professor pode optar pela seguinte distribuição de pontos para as Atividades de Preparação de I a IV:

- a) 0,5 ponto para assiduidade na entrega dos relatórios;
- b) 0,5 ponto para o respeito à norma culta da língua portuguesa;
- c) 1,0 ponto para o cumprimento da tarefa proposta.

Dada a especificidade da Aula Piloto (Atividade de Preparação V), os dois pontos desta atividade podem ser dados pela banca que assistir às aulas.

A presença pode ser concedida pela participação nos seminários.

Estágio Docente Supervisionado III

A disciplina que mais se assemelha ao que tradicionalmente se identifica com as práticas de estágio tradicionais é a de Estágio Docente Supervisionado III. Nesta disciplina, o aluno aplica efetivamente os conhecimentos e as habilidades adquiridos nos semestres anteriores.

Paralelamente à sua atuação como professor, demanda-se, do aluno, uma reflexão crítica nos termos das Ciências Sociais de alguma temática que tenha chamado sua atenção ao longo de sua experiência na escola. Os resultados destas observações devem compor um artigo científico que pode, inclusive, servir de base para o trabalho de conclusão de curso ou mesmo como *paper* a ser apresentado em congressos e encontros.

O grande documento que fecha não apenas a disciplina de estágio III, mas todo o ciclo de disciplinas de estágio, é o memorial, no qual consta o Diagnóstico Institucional, o Plano de Estágio e o conjunto dos documentos produzidos durante o Estágio III.

Seminários de Estágio III

Os Seminários de Estágio III não são realizados em turmas. o Professor Orientador de cada aluno deve ter periodicidade mínima de 1 encontro mensal e nele o estagiário deve relatar ao professor (a) o andamento das aulas em relação ao



planejado e

(b) o andamento da pesquisa, conforme o previsto. A critério do professor podem ser agendadas reuniões com mais de um orientando, desde que as pesquisas tenham temática, objeto ou metodologias semelhantes, a fim de que os alunos possam trocar suas experiências. O orientador deve manter registro das atividades desenvolvidas nos encontros, a fim de avaliar posteriormente a evolução do aluno em relação à pesquisa e à docência.

O orientador deve, também, assistir a pelo menos uma aula de seu respectivo estagiário *in loco*, como parte da avaliação.

Memorial

O memorial é o conjunto dos documentos elaborados pelo aluno ao longo dos estágios, juntamente com o relato de suas experiências em sala de aula. Deve constar do memorial:

- ⌚ Diagnóstico institucional
- ⌚ Projeto de estágio
- ⌚ Comentário acerca dos resultados alcançados, bem como a narrativa da experiência
- ⌚ Conclusões
- ⌚ Relatório do Supervisor Externo (Anexo E) que deve ser entregue diretamente ao orientador, em envelope lacrado;
- ⌚ Artigo Científico em duas vias, uma encadernada junto ao memorial e uma sem o nome do estagiário, para fins de avaliação.

Artigo

O artigo deve ter um mínimo de 5 (cinco) páginas e explicitar o objeto, a metodologia aplicada, a teoria envolvida, os resultados e conclusão. Quanto ao formato, deve seguir o padrão adotado pela universidade e pode constituir uma comunicação a ser apresentada em eventos de iniciação científica.

Avaliação

A nota do memorial será dada pelo professor da disciplina.

Anexos



Anexo A: Carta de Apresentação

DE: Universidade Federal da
Fronteira Sul Curso de Licenciatura
em Ciências Endereço

PARA: Nome do
Dirigente Cargo
Instituição

Prezado Senhor(a)

Apresentamos NOME DO ALUNO, aluno regularmente matriculado no curso de Licenciatura em Sociologia na Universidade Federal da Fronteira Sul, para que possa exercer em sua instituição as atividades referentes aos Estágios Curriculares Supervisionados. Tais atividades terão uma duração de três semestres e serão exercidas nos termos dos regulamentos de estágio do curso e da universidade. Contamos com a colaboração de todos em sua instituição para que tudo possa sair como planejado e colocamo-nos à disposição para dirimir qualquer dúvida e ajudar no que for necessário para que todos possamos nos beneficiar das atividades de nosso estagiário.

Aproveitamos ainda para solicitar a fineza de entregar ao estagiário a Carta de Aceite (anexa) e informamos nossos contatos:

NOME

Coordenador do Curso de Licenciatura em
Sociologia e-mail institucional

NOME

Professor da disciplina de Estágio Curricular
Supervisionado I e-mail institucional

Telefone da Secretaria do Curso



Anexo B: Modelo de carta de aceite

DE: Nome do
Dirigente Cargo
Instituição
PARA Universidade Federal da
Fronteira Sul Curso de Licenciatura em
Sociologia Endereço

Prezados senhores,

Informo a aceitação do aluno NOME DO ALUNO como estagiário em nossa instituição. Declaro ainda que tenho conhecimento das regras constantes no Manual de Estágio acerca das atividades a serem realizadas nesta escola, inclusive das necessidades de registro audiovisual.

Assin
ado
Nome
Cargo
Insti
uição
Ender
eço.



Anexo C: Modelo do Termo de Compromisso de Supervisor Externo

DE: Nome do
Dirigente Cargo
Instituição
PARA Universidade Federal da
Fronteira Sul Curso de Licenciatura em
Sociologia Endereço

Prezados senhores,

Informo a aceitação do aluno NOME DO ALUNO como estagiário em nossa instituição. E a designação de NOME E CARGO DO SUPERVISOR, como supervisor de estágio nos termos apresentados no Manual de Estágio. Aproveito a oportunidade para encaminhar as informações de contato e formação do supervisor (vide verso).

Assinam diretor e supervisor

Verso:

Dados do Supervisor de

Estágio Nome:

Endereço:

Telefones:

E-mail:

Forma preferencial de contato:

Graduação: Curso/instituição/ano de conclusão

Pós-graduações: Curso/instituição/ano de conclusão



Anexo D: Modelo do Termo de Compromisso do Professor Orientador

Universidade Federal da Fronteira Sul

Campus Chapecó

Curso de Licenciatura em Sociologia

Termo de Compromisso de Professor Orientador de Estágio

Eu, NOME DO PROFESSOR, informo que conheço e aceito as responsabilidades inerentes à função de Professor Orientador do aluno NOME DO ALUNO, durante a disciplina de Estágio III.

Assina o Professor



Anexo E: Relatório do supervisor externo

Prezado Senhor(a)

Por favor, preencha o relatório a seguir e em seguida encaminhe-o em envelope fechado à secretaria

Identificação

Nome do

Estagiário

Nome da

Escola

Semestre

Comparecimen

to

Número de aulas assumidas pelo estagiário:

Número de aulas efetivamente dadas pelo estagiário:

Avaliação

Supervisor

Externo:

1. Por favor, descreva em linhas gerais a atuação do estagiário NOME DO ESTAGIÁRIO em sua instituição, focando especialmente

2. Por gentileza, atribua uma nota de um a dez para os seguintes critérios: Assiduidade e Pontualidade

Dedicação às aulas

Disponibilidade extra-

aula Integração à

equipe escolar

Participação nas atividades oficiais da escola:

3. O questionário abaixo deverá ser preenchido por, pelo menos três alunos da disciplina sem a presença do professor.

Dê ao professor da disciplina a nota de um a dez nos seguintes

quesitos: Cumprimento do programa proposto:

Cordialidade no trato com os



alunos: Domínio do conteúdo:

Capacidade de comunicação:



Anexo F: Tabelas

Disciplina dos	Requisitos para a realização dos estágios	Requisitos de integralização de carga horária
Estágio I	<ul style="list-style-type: none">•Ter cursado ao menos 9 disciplinas de teoria⌚ Ter cursado ao menos 1 disciplina de metodologia⌚ Apresentar carta de aceite da escola/instituição onde fará o estágio	<ul style="list-style-type: none">⌚ Apresentação dos relatórios parciais⌚ Participação nos seminários de estágio⌚ Entrega do Diagnóstico Institucional
Estágio II	1Ter cursado a disciplina de Estágio I	⌚ Participação nos seminários de estágio
	2Apresentar o Diagnóstico Institucional	⌚ Apresentação das Atividades de Preparação para o Estágio
		⌚ Apresentação do Projeto de Estágio
Estágio III	<ul style="list-style-type: none">•Ter cursado a disciplina de Estágio II⌚ Apresentar Projeto de Estágio	<ul style="list-style-type: none">⌚ Participar de aula-piloto⌚ Apresentar prova de frequência (100 créditos)⌚ Apresentar Relatório Final (100 créditos)

Quadro 3 – Requisitos para realização de estágios e integralização de carga horária

Disciplina	Atividades desenvolvidas	Descrição
Estágio I	Relatórios Parciais	<ol style="list-style-type: none">1.Primeiras impressões2.O contexto da escola3.Infra-estrutura escolar4.Estruturas e processos sociais5.A escola como lugar de pesquisa



Seminários de Estágio

6 encontros, um para discutir
cada Relatório Parcial, e um
para a apresentação da
disciplina



Diagnóstico Institucional		
Estágio II	Atividades de Preparação	1.Observação de aulas 2.Elaboração de Programa 3.Levantamento teórico- metodológica 4.Levantamento bibliográfico 5.Aula-piloto
	Seminários de Estágio	7 encontros, um para discutir cada Relatório Parcial, e um para a apresentação da disciplina
	Projeto de Estágio	
Estágio III	Prática docente	Ficha de
	Frequência Relatório Final	1.Memorial 2.Artigo

Quadro 4 - Cronograma dos Estágios Curriculares Supervisionados



**ANEXO II - REGULAMENTO DOS ESTÁGIO DOCENTE
SUPERVISIONADO
DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - LICENCIATURA**

**SEÇÃO I
DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES**

Art.1º. Este dispositivo tem por objetivo regulamentar as Atividades de Estágio Docente Supervisionado do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Art.2º. Para os fins do disposto neste Regulamento, considera-se Estágio Docente Supervisionado o conjunto das disciplinas denominadas “Estágio Docente Supervisionado I”, “Estágio Docente Supervisionado II” e “Estágio Docente Supervisionado III”.

Art. 3º. A denominação "Estágio Docente Supervisionado" deste Regulamento interno corresponde ao "Estágio Obrigatório" do Regulamento de Estágio da UFFS, em conformidade com a classificação da Lei 11.788/2008.

**SEÇÃO II
DAS DISPOSIÇÕES GERAIS DO ESTÁGIO DOCENTE**

Art.4º. O Estágio Docente Supervisionado do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) será regido por este “Regulamento” e pelo “Manual de Estágio Docente Supervisionado”.

Art.5º. O Estágio Docente Supervisionado do curso de Licenciatura em Ciências Sociais compreenderá 27 créditos, com carga horária correspondente a 405 horas, assim distribuídos:

Estágio I – 7 créditos, correspondendo a 105 horas;

Estágio II - 7 créditos, correspondendo a 105



horas; Estágio III- 13 créditos, correspondendo a 195 horas.

Art.6º. O Estágio Docente Supervisionado compreende o planejamento, a execução e a avaliação das ações desenvolvidas no campo de estágio.

Art. 7º. A realização do Estágio Docente Supervisionado, obrigatório a todos os estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, deverá ocorrer de forma individual, nos termos descritos no Manual de Estágio.

Art. 8º. O Estágio Docente Supervisionado do curso de Licenciatura em Ciências Sociais tem por objetivos:

- I- Preparar o aluno para o desempenho de atividades docentes;
- II- Propiciar um contato crítico e reflexivo com o ambiente escolar; e
- III- Gerar um conjunto de dados sobre a escola que pode ser utilizado em pesquisa.

Art.9º. Constituem campo de Estágio Docente Supervisionado do curso de Licenciatura em Ciências Sociais as escolas de Ensino Médio com as quais haja convênios estabelecidos pelo Setor de Estágios do campus Erechim da UFFS.

Art. 10. O Estágio Docente Supervisionado compreenderá, basicamente, as seguintes etapas:

- I – Diagnóstico da Escola
- II – Preparação para pesquisa e docência
- III – Atuação como professor-pesquisador.

Art. 11. Em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Ciências Sociais, o estudante poderá requerer a redução da carga horária de estágio.

§ 1º. A redução de parte de sua carga horária poderá ocorrer apenas nas disciplina de Estágio Docente Supervisionado III, mediante comprovação de atividade docente no Ensino Médio



§ 2º. Para requerer redução de parte da carga horária do estágio supervisionado o estagiário deverá encaminhar ofício ao coordenador do curso com os devidos comprovantes.

Art. 12. Os projetos e os relatórios de Estágio Docente Supervisionado deverão ser apresentados aos professores responsáveis pelas disciplinas de Estágio em conformidade às especificações homologadas pelo respectivo Colegiado de Curso, conforme o manual de estágio.

SEÇÃO III

DA ESTRUTURA DE TRABALHO PARA O ESTÁGIO DOCENTE SUPERVISIONADO NO ÂMBITO DO CURSO

Art. 13. As atividades de planejamento, execução e avaliação do Estágio Docente Supervisionado serão desempenhadas pelos professores titulares dos respectivos componentes curriculares, em articulação com o Coordenador de Estágios do Curso e o setor de Estágios do *Campus*.

Art. 14. A coordenação de Estágios do Curso será exercida por um professor indicado pelo Colegiado do Curso, com mandato de 01 (um) ano, podendo ser renovado a critério do Colegiado (em acordo com o regulamento de graduação vigente na UFFS).

Art.15. São atribuições do Coordenador de Estágios do Curso:

- I – definir, em conjunto com o Colegiado do Curso, encaminhamentos complementares de estágio para o curso;
- II – definir, em conjunto com o corpo de professores orientadores de estágio, os campos de estágio.
- III – encaminhar oficialmente os acadêmicos aos respectivos campos de estágio;
- IV – fornecer informações necessárias aos professores orientadores e aos



supervisores externos;

V – convocar e coordenar, sempre que necessário, as reuniões com professores orientadores e supervisores de estágio;

VI – apresentar informações quanto ao andamento dos estágios, aos diversos órgãos da administração acadêmica da UFFS;

VII – acompanhar e supervisionar todas as etapas do Estágio Docente Supervisionado, observando o que dispõe este Regulamento, o Manual e demais normas aplicáveis;

VIII – constituir, a cada (4) quatro anos, comissão de professores para a revisão do Manual de Estágio Docente Supervisionado; e

IX – cumprir outras atribuições constantes no Regulamento de Estágios da UFFS.

Art. 16. O número de professores lotados nos componentes curriculares Estágio Docente Supervisionado I, II e III será definido pelo Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais no semestre anterior ao da efetivação das disciplinas.

Art. 17. São atribuições dos professores dos componentes curriculares:

I – coordenar as atividades didáticas ou de orientação referentes ao componente curricular.

II – fornecer informações à coordenação do Estágio Docente Supervisionado quanto ao andamento das atividades de estágio e o desempenho dos acadêmicos;

III – assessorar os estagiários na elaboração dos relatórios e atividades de estágio;

IV – avaliar, em conjunto com a coordenação de estágio, as diversas etapas do Estágio Docente Supervisionado do curso;

V – participar das atividades programadas pelo coordenador de estágio;

VI – acompanhar, quando necessário, os estagiários no campo de estágio;

Art. 18. O setor de Estágio do campus assessora o processo de realização do estágio docente supervisionado no que tange ao suporte burocrático, legal e



logístico.

Art. 19. São atribuições do Setor de Estágio do

Campus: I - conveniar instituições para estágios;

II - obter e divulgar, conjuntamente aos coordenadores de estágios dos cursos as oportunidades de estágios;

III - fiscalizar as Unidades Concedentes de Estágio (UCE);

IV - emitir e arquivar Termos de Convênio e de Compromisso; V - fazer o registro e controle das Apólices de Seguro;

VI - arquivar relatórios e planos de atividades de estágio;

VII - emitir documentação comprobatória de realização e conclusão de estágios (certificados);

VIII - articular atividades de discussão teórico-prático e logística junto à Coordenação Acadêmica e aos Coordenadores de Estágio dos cursos.

Art. 20. Os supervisores externos do Estágio Curricular Supervisionado serão indicados pelos dirigentes das instituições onde os alunos realizarão o Estágio Docente Supervisionado III, dentre os profissionais que constituem o corpo docente da instituição, de preferência um professor com formação na área do curso ou de área correlata.

Art. 21. São atribuições dos supervisores externos:

I – orientar e acompanhar a execução das atividades de estágio;

II – informar ao professor orientador do Estágio Docente Supervisionado III ou ao coordenador de estágio do curso quanto ao andamento das atividades e o desempenho do acadêmico; e

III – avaliar o desempenho dos estagiários.

Art. 22. São obrigações do acadêmico estagiário:

I – entrar em contato com a entidade-campo na qual serão desenvolvidas



- as atividades de estágio, munido de carta de apresentação;
- II – participar de reuniões e atividades de orientação para as quais for convocado;
- III – cumprir todas as atividades previstas para o processo de estágio, de acordo com o projeto pedagógico do curso, o Manual de Estágio Docente Supervisionado e o que dispõe este Regulamento interno;
- IV – respeitar os horários e normas estabelecidos na entidade-campo, bem como seus profissionais e alunos;
- V – manter a ética no desenvolvimento do processo de estágio;
- VI – cumprir as exigências do campo de estágio e as normas da UFFS relativas aos estágios.

SEÇÃO IV

DA AVALIAÇÃO NO

ESTÁGIO DOCENTE SUPERVISIONADO

Art. 23. A avaliação do estudante estagiário será realizada pelo(s) professor(es) do componente curricular de estágio (Estágio Docente Supervisionado I, II e III).

Art. 24. Para a aprovação em cada um dos componentes curriculares de Estágio Docente Supervisionado, o estudante deverá ter nota e presenças nos níveis estabelecidos pela UFFS para as demais disciplinas.

Parágrafo Único: O Manual de Estágio Docente Supervisionado estabelecerá os critérios de atribuição tanto das notas como das presenças para cada Componente Curricular.

SEÇÃO V

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 24. Os casos omissos neste “*Regulamento de Estágio Docente Supervisionado*” serão decididos pelo Colegiado de Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.



Art. 25. Este “*Regulamento de Estágio Docente Supervisionado*” do curso de Licenciatura em Ciências Sociais entra em vigor após a sua aprovação pelo Colegiado do mesmo curso e pela Câmara de Graduação do Conselho Universitário da UFFS.



ANEXO III - REGULAMENTO DE ATIVIDADE DE CONCLUSÃO DE CURSO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - LICENCIATURA

SEÇÃO I DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º. Este dispositivo tem por objetivo regulamentar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), no *Campus* Erechim.

Art. 2º. A Atividade de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura em Ciências Sociais será realizada a partir do penúltimo semestre, compreendendo 12 créditos, com carga horária correspondente a 180 horas, assim distribuídas:

I - 4 créditos, correspondendo a 60 horas, na 8ª fase; e II – 8 créditos, correspondendo a 120 horas, na 9ª fase.

Art. 3º. A Atividade de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura em Ciências Sociais só poderá ser realizada após a obtenção dos créditos em 14 (quatorze) disciplinas de Formação Teórica e Metodológica Básica: Introdução à Sociologia; Sociologia I; Sociologia II; Sociologia III; Introdução à Antropologia; Antropologia I; Antropologia II; Antropologia III; Introdução à Teoria Política; Teoria Política I; Teoria Política II; Teoria Política III; Metodologia de Pesquisa Qualitativa e Metodologia de Pesquisa Quantitativa.

SEÇÃO II DOS OBJETIVOS DA ATIVIDADE DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 4º. A Atividade de Conclusão de Curso tem por objetivos:



- I – desenvolver uma reflexão em torno do uso das técnicas e métodos de pesquisa e de redação em Ciências Sociais;
- II – oferecer ao aluno condições efetivas para a execução de um projeto de pesquisa em Ciências Sociais, que contemple uma de suas três áreas de conhecimento: Antropologia, Ciência Política e Sociologia;
- III – proporcionar ao aluno a possibilidade de produzir uma investigação que contemple a teoria e a prática de ensino em Ciências Sociais;
- IV – integrar o aluno às linhas de pesquisa do curso, vinculadas às atividades de pesquisa de seu corpo docente.

SEÇÃO III

DA ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 5º. A realização da Atividade de Conclusão de Curso, obrigatória a todos os estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, deverá ser realizada individualmente, sob a forma de um trabalho final em formato de monografia.

Art. 6º. A Atividade de Conclusão de Curso será desenvolvida nas 2 (duas) fases finais do curso (8ª e 9ª fases) e compreenderá, basicamente, as seguintes etapas:

- I – Trabalho de Conclusão de Curso I, ao final do qual o aluno deverá apresentar um projeto de pesquisa;
- II – Trabalho de Conclusão de Curso II, ao final do qual o aluno deverá apresentar o trabalho final, em formato de monografia.

Art. 7º. Os professores lotados nos componentes curriculares TCC I e TCC II serão definidos semestralmente pelo Colegiado de Curso.

Art. 8º. O acompanhamento do processo de construção da Atividade de Conclusão de Curso de cada acadêmico deverá, sempre que possível, ser realizado pelo mesmo professor, durante todas as etapas de construção da pesquisa e da monografia.



Parágrafo único. Será considerada a possibilidade de co-orientação de acordo com o prévio consentimento do professor orientador e do co-orientador, caso o aluno seja bolsista de iniciação científica de algum dos professores da UFFS.

Art. 9º. São atribuições do professor que acompanha a construção da Atividade de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura em Ciências Sociais:

- I – definir, em conjunto com o Colegiado do Curso, seminários externos e entre os orientandos como forma de socializar o conhecimento e propiciar o debate e o enriquecimento do trabalho realizado;
- II – definir, em conjunto com o estudante, um programa de trabalho que inclua leituras individuais e coletivas;
- III – promover a articulação entre a pesquisa realizada pelo aluno e sua futura inserção como Licenciado em Ciências Sociais.

SEÇÃO IV

DA AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 10. A avaliação do estudante no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso I será realizada pelo professor, através de análise do projeto de pesquisa, que deverá ser entregue pelo estudante ao final do CCR, além de outros instrumentos que o professor julgar necessário.

Art. 11. A avaliação do estudante no CCR de Trabalho de Conclusão de Curso II será realizada pelo professor-orientador e por mais outros 2 (dois) professores, através de arguição oral de texto monográfico perante a banca formada pelos 3 professores.

Art. 12. Para a aprovação, o estudante deverá obter média mínima de 6,0 (seis) pontos.

Art. 13. Os critérios e as formas de avaliação do estudante, nas duas etapas da Atividade de Conclusão de Curso, serão propostos pelos respectivos professores



dos componentes curriculares, de acordo com as normativas institucionais vigentes na UFFS, para homologação do Colegiado de Curso.

Parágrafo único. Após a homologação, os critérios e as formas de avaliação constarão nos respectivos planos de ensino dos componentes curriculares da Atividade de Conclusão de Curso.

SEÇÃO V

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 14. Os casos omissos neste *Regulamento de Atividade de Conclusão de Curso* serão decididos pelo Colegiado de Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

Art. 15. Este *Regulamento de Atividade de Conclusão de Curso* do curso de Licenciatura em Ciências Sociais do *Campus* de Erechim da Universidade Federal da Fronteira Sul entra em vigor após a sua aprovação pelo Colegiado do curso e pela Câmara de Graduação do Conselho Universitário da UFFS.



ANEXO IV - REGULAMENTO DAS ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES (ACCs) DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS

SEÇÃO I

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º. Este dispositivo tem por objetivo regulamentar as Atividades Curriculares Complementares do Curso de Graduação de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

Parágrafo único. As Atividades Curriculares Complementares do curso de Licenciatura em Ciências Sociais constituem mecanismo de aproveitamento de conhecimentos e experiências adquiridos pelo estudante, por meio de estudos e práticas independentes, presenciais ou à distância, realizadas na Universidade ou em outros espaços formativos, sendo consideradas obrigatórias para a integralização do currículo.

Art. 2º. As Atividades Curriculares Complementares do curso de Licenciatura em Ciências Sociais serão realizadas ao longo do curso, compreendendo 14 créditos, com carga horária correspondente a 210 horas. No caso de alunos oriundos da modalidade retorno de aluno-abandono e transferência interna, serão consideradas as atividades realizadas a partir do período da primeira matrícula da UFF. As ACCs serão validadas conforme os seguintes parâmetros:

I - Atividades Complementares em Pesquisa (até 100 horas):

a) Publicação de artigo em revistas da área de Ciências Humanas:
até 100 horas;

a. Revista com pontuação no Qualis A1 e A2 (em áreas das Ciências Humanas): 25 horas

[Texto alterado conforme Ato Deliberativo 2/CCLC-ER/UFFS/2018](#)



- b. Revista com pontuação no Qualis B1 e B2: 20 horas
- c. Revista com pontuação no Qualis B3, B4 e B5: 15 horas
- d. Revista sem pontuação no Qualis: 10 horas
- b) Publicação de artigos ou entrevistas na imprensa: até 10 horas;
 - a. Imprensa de circulação local: 1 hora
 - b. Imprensa de circulação regional: 2 horas
 - c. Imprensa de circulação nacional: 3 horas
- c) Publicação de resumos em anais de eventos científicos: 20 horas;
 - a. Evento de abrangência local ou regional: 3 horas
 - b. Evento de abrangência nacional: 4 horas
 - c. Evento de abrangência internacional: 5 horas
- d) Publicação de artigos completos em anais de eventos científicos: 20 horas
 - a. Evento de abrangência local ou regional: 3 horas
 - b. Evento de abrangência nacional: 4 horas
 - c. Evento de abrangência internacional: 5 horas
- e) Apresentação de trabalhos em congressos, seminários e encontros de Iniciação Científica (com certificado): até 60 horas;
- f) Participação em atividades de leitura dirigida, coordenadas por um docente do curso de Licenciatura em Ciências Sociais: até 60 horas;
- g) Participação na organização e execução de eventos acadêmicos: até 40 horas;
- h) Participação em grupos de estudos sob a coordenação de professor da Universidade: até 80 horas;
- i) Participação em congressos, simpósios e seminários na área de Ciências Humanas (com certificado): até 20 horas;
- j) Participação em projetos de monitoria: até 80 horas.



II - Atividades Complementares em Extensão e Aprimoramento Profissional (até 100 horas)

a) Participação em cursos extracurriculares, oficinas, minicursos e atividades científicas, culturais e acadêmicas, inclusive cursos de idiomas e de informática (com certificado): até 100 horas;

b) Participação em atividades de Extensão Universitária não descritas nesta lista: até 50 horas;

c) Participação em palestras e conferências (com certificado): 4 horas por evento.

d) Participação em atividades de vivência junto a movimentos sociais ou em projetos de intercâmbio acadêmico-científico, como Rondon: até 100 horas.

e) Estágios não obrigatórios: até 100 horas.

III - Atividades Complementares em Cultura (até 100 horas):

a) Viagens de Estudo: até 40 horas;

b) Participação em atividades culturais (teatro, cinema, literatura) desenvolvidas no interior da UFFS: até 20 horas;

c) Participação em grupos artísticos oficialmente constituídos: até 20 horas;

d) Participação na organização e execução de eventos culturais: até 20 horas.

SEÇÃO II

DOS OBJETIVOS DAS ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES

Art. 3º. As Atividades Complementares de Graduação do curso de Licenciatura em Ciências Sociais têm por objetivos:

I - complementar o processo ensino-aprendizagem;



II - valorizar a experiência extra-classe;

III- garantir ao aluno vasto e eclético contato com a produção teórica e a prática social atinentes à formação profissional obtida na Universidade.

SEÇÃO III

DA ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES

CURRICULARES COMPLEMENTARES

Art. 4º. Para contabilizar as Atividades Curriculares Complementares o estudante deverá encaminhar e protocolar junto à Secretaria Acadêmica os certificados atinentes às atividades desenvolvidas pelo aluno.

Art. 5º. Os pedidos de validação das Atividades Curriculares Complementares serão avaliados por uma comissão de docentes, indicada semestralmente pela Coordenação do Colegiado de Curso, que terá a incumbência de analisar e decidir quanto ao deferimento ou indeferimento dos pedidos de validação e a carga horária atribuída a cada atividade.

Art. 6º. O registro das Atividades Curriculares Complementares junto ao histórico do estudante será realizado pela Coordenação de Curso de Ciências Sociais, de acordo com o calendário específico divulgado para esse fim.

SEÇÃO IV

DAS OBRIGAÇÕES DO ESTUDANTE

Art. 7º. Cabe ao estudante realizar o pedido de validação das Atividades Curriculares Complementares junto ao Colegiado do Curso, em prazo previamente definido no calendário acadêmico da UFFS e divulgado pela Coordenação de Curso.

SEÇÃO V

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS



Art. 8º. Os casos omissos neste *Regulamento das Atividades Curriculares Complementares* serão decididos pelo Colegiado de Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do respectivo *campus* da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Art. 9. O *Regulamento das Atividades Curriculares Complementares* do curso de Licenciatura em Ciências Sociais do *campus* Erechim da Universidade Federal da Fronteira Sul entra em vigor após a sua aprovação pelo Colegiado do Curso e pela Câmara de Graduação do Conselho Universitário da UFFS.



ANEXO V - REGULAMENTO DAS ATIVIDADES DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS

SEÇÃO I DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º. Este dispositivo tem por objetivo regulamentar as Atividades de Prática como Componente Curricular do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do *Campus Erechim* da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

Art. 2º. As Atividades de Prática como Componente Curricular terão carga horária correspondente a 400 horas a serem cumpridas ao longo do curso, distribuídas nos componentes curriculares de acordo com o quadro abaixo.

2º. Semestre	Formação da Sociedade Brasileira I	20
	Sociologia I	20
	Antropologia I	20
	Teoria Política I	20
3º. Semestre	Antropologia II	20
	Sociologia II	20
	Teoria Política II	20
4º. Semestre	Antropologia III	20
	Sociologia III	20
	Teoria Política III	20
5º Semestre	Epistemologia das Ciências Sociais	15
	Formação da Sociedade Brasileira II	20
6º. Semestre	Metodologia de Pesquisa Qualitativa	20
	Metodologia de Pesquisa Quantitativa	20
	Sociologia da Educação	25
	Metodologia de Ensino em Ciências Sociais	60
7º. Semestre	Ciências Sociais no Brasil	20
	Economia para Ciências Sociais	20

Art. 3º. A carga horária correspondente à Prática como Componente Curricular integra a carga horária prevista nos componentes curriculares do Domínio Específico do curso de licenciatura em Ciências Sociais destacados acima. As atividades realizadas como



Prática como Componente Curricular deverão ser previstas e especificadas no Plano de Ensino das disciplinas.

SEÇÃO II

DOS OBJETIVOS DAS

ATIVIDADES DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

Art. 4º. As Atividades de Prática como Componente Curricular têm por objetivos:

- I – promover a articulação dos diferentes conhecimentos e práticas constitutivas da formação do cientista social, especialmente como professor do Ensino Médio;
- II – promover a observação e a reflexão para que o estudante possa compreender e atuar em situações diversas e contextualizadas;
- III – envolver o estudante em atividades práticas referentes ao desenvolvimento da atividade docente;
- IV – estimular os estudantes a produzirem subsídios didáticos e pedagógicos voltados ao ensino das Ciências Sociais nas diferentes subáreas do conhecimento constitutivas da disciplina.

SEÇÃO III

DA ORGANIZAÇÃO DAS

ATIVIDADES DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

Art. 5º. Os docentes responsáveis pelas atividades de Prática como Componente Curricular serão os docentes das disciplinas correspondentes em cada semestre. Eles terão autonomia para definir que tipo de atividade será considerada como Prática como Componente Curricular, considerando as normas, leis e resoluções vigentes e a coerência entre a atividade tida como prática pedagógica e a ementa e o conteúdo programático da disciplina.



Art. 6º. Em consonância com os princípios político-pedagógicos expressos no PPC do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFFS, sugere-se como exemplos de atividades de Prática como Componente Curricular:

I – Viagens de estudo e trabalhos de campo.

II – Levantamento de materiais didáticos em Ciências Sociais para o Ensino Médio de diferentes tipos e conteúdos, adotados pelas escolas públicas e/ou privadas. Indicar os temas mais relacionados com as disciplinas abrangidas por esta disciplina.

III – O trabalho com filmes, músicas, tiras de quadrinhos, sítios de internet, programas de computador e outros recursos audiovisuais utilizados como estratégia didática no Ensino Médio.

IV - O trabalho com jogos, dramatizações cênicas, atividades lúdicas e outros recursos de ensino comumente utilizados no Ensino Médio;

V - Conhecimento dos conteúdos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e Orientações Curriculares Nacionais (OCNs) de Ciências Sociais no Ensino Médio e análise dos temas pertinentes às três áreas das Ciências Sociais.

VI – Conhecimento da história da disciplina de Sociologia no Ensino Médio no contexto das transformações da Educação do país, aprofundando uma postura crítica e humanista de professor pesquisador.

VI – A utilização de recursos, estratégias e metodologias de pesquisa como prática pedagógica na interface com a educação e o ensino de Ciências Sociais no Ensino Médio.



Art. 7º. No início de cada semestre, os professores apresentarão, em reunião do Colegiado de curso, as propostas e estratégias a ser utilizadas para a realização da Prática como Componente Curricular em suas respectivas disciplinas.

Art. 8º. As atividades de Prática como Componente Curricular poderão ser organizadas de forma transversal entre o conjunto de disciplinas de cada semestre, no formato de seminários e outras modalidades de atividades compartilhadas, de acordo com o entendimento e a opção dos professores.

SEÇÃO IV

DO REGISTRO DAS ATIVIDADES DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

Art. 9º. Além dos planos de ensino, o registro da Prática como Componente Curricular se dará através do registro em ata nas reuniões do Colegiado, do registro das atividades no diário de classe da cada disciplina e, quando for o caso, da guarda, do armazenamento ou arquivamento, pelo professor ou pelo coordenador do Curso, de material produzido pelos discentes.

SEÇÃO V

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 10. Os casos omissos neste *Regulamento das Atividades de Prática como Componente Curricular* serão decididos pelo Colegiado de Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do *Campus* Erechim da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Art. 11. Este *Regulamento das Atividades de Prática como Componente Curricular* do curso de Licenciatura em Ciências Sociais do *Campus* Erechim da Universidade Federal da Fronteira Sul entra em vigor após a sua aprovação pelo Colegiado do curso e pela Câmara de Graduação do Conselho Universitário da UFFS.

Erechim, fevereiro de 2014.



ANEXO VI - REGULAMENTO DE VALIDAÇÃO POR EQUIVALÊNCIA DE COMPONENTES CURRICULARES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - LICENCIATURA

Art. 1º Conferir equivalência entre os componentes curriculares abaixo relacionados, cursados com aprovação ou validados pelos estudantes na matriz 2010, e os componentes curriculares da matriz 2014.

MATRIZ 2010 (em extinção)		MATRIZ 2014	
COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos
GCH020 - Pensamento político moderno	4	GCH655 - Teoria política I	4
GCH095 - Pensamento político liberal e elitista	4	GCH656 - Teoria política II	4
GCH097 - Teorias políticas do século XX	4	GCH657 - Teoria política III	4
GCH106 - Ciência política no Brasil	4	GCH651 - Formação da sociedade brasileira II	4
GCS094 - Economia brasileira	4	GCH670 - Economia para ciências sociais	4
GCH288 - Sociologia I	4	GCH652 - Sociologia I	4
GCH289 - Sociologia III	4	GCH653 - Sociologia II	4
GCH100 - Epistemologia das ciências sociais	4	GCH661 - Epistemologia das ciências sociais	4
GCH038 - Sociologia IV	4	GCH654 - Sociologia III	4
GCH105 - Pensamento social no Brasil	4	GCH669 - Ciências sociais no Brasil	4
GCH294 - Sociologia da educação	4	GCH663 - Sociologia da Educação	4
GCH021 - Alteridade e etnocentrismo	4	GCH646 - Modernidade: aspectos históricos	4



MATRIZ 2010 (em extinção)		MATRIZ 2014	
COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos
GCH094 - Antropologia social e cultural	4	GCH658 - Antropologia I	4
GCH096 - Antropologia estrutural	4	GCH659 - Antropologia II	4
GCH099 - Antropologia no Brasil	4	GCH650 - Formação da sociedade brasileira I	4
GCH101 - Metodologia de pesquisa qualitativa	3	GCH664 - Metodologia de pesquisa qualitativa	4
GCH102 - Metodologia de pesquisa quantitativa	3	GCH665 - Metodologia de pesquisa quantitativa	4
GLA001 - Leitura e produção textual I	4	GLA104 - Produção textual acadêmica	4
GCH008 - Iniciação à prática científica	4	GCH290 - Iniciação à prática científica	4
GCH029 - História da fronteira Sul	4	GCH292 - História da fronteira Sul	4
GCH011 - Introdução ao pensamento social	4	GCH648 - Introdução à sociologia	2
		GCH649 - Introdução à antropologia	2
GEX002 - Introdução à informática	4	GEX208 - Informática básica	4
GCS010 - Direitos e cidadania	4	GCS239 - Direitos e cidadania	4
GEX006 - Estatística básica	4	GEX210 - Estatística básica	4
GCH012 - Fundamentos da crítica social	4	GCH293 - Introdução à filosofia	4
GCH024 - Fundamentos da educação	3	GCH333 - Fundamentos da educação	4
GCH013 - Didática geral	3	GCH338 - Didática geral	4
GCH050 - Teorias da aprendizagem e do desenvolvimento humano	3	GCH580 - Teorias da aprendizagem e do desenvolvimento humano	4



MATRIZ 2010 (em extinção)		MATRIZ 2014	
COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos
GCH035 - Política educacional e legislação do ensino no Brasil	3	GCH342 - Política educacional e legislação do ensino no Brasil	4
GLA045 - Língua brasileira de sinais (Libras)	4	GLA109 - Língua brasileira de sinais (Libras)	4
GCH172 - Estágio curricular supervisionado I	7	GCH666 - Estágio docente supervisionado I	7
GCH173 - Estágio curricular supervisionado II	7	GCH667 - Estágio docente supervisionado II	7
GCH174 Estágio curricular supervisionado III	13	GCH668 - Estágio docente supervisionado III	13
GCH175 Trabalho de conclusão de curso I	4	GCH671 Trabalho de conclusão de curso I	4
GCH176 Trabalho de conclusão de curso II	8	GCH672 Trabalho de conclusão de curso II	8

Art. 2º Para fins de registro, os componentes curriculares da matriz 2014/1 equivalentes àqueles integralizados na matriz 2010/1 passarão a constar nos históricos escolares dos estudantes do curso de Ciências Sociais - Licenciatura, *campus* Erechim, com a situação *CVE – Componente validado por equivalência*.

Parágrafo único. Nos casos em que está sendo utilizado mais de um componente curricular da matriz 2010/1 para validar um componente curricular da matriz 2014/1, será considerada a média ponderada para fins de registro da nota.

Art. 3º Os componentes curriculares da matriz 2010/1 não listados no quadro acima, a critério do colegiado, poderão ser validados como carga horária optativa, neste caso fica condicionado ao atendimento dos critérios estabelecidos pela Resolução 8/2014 – CONSUNI/CGRAD.

Art. 5º Esta deliberação entra em vigor na data de sua publicação.

Erechim-RS, 21 de dezembro de 2017.

* Regulamento criado pelo Ato Deliberativo nº 2/CCLC-ER/UFFS/2017